

O CADERNO de IVAN

o mendigo que
socava o rosto

2ª EDIÇÃO

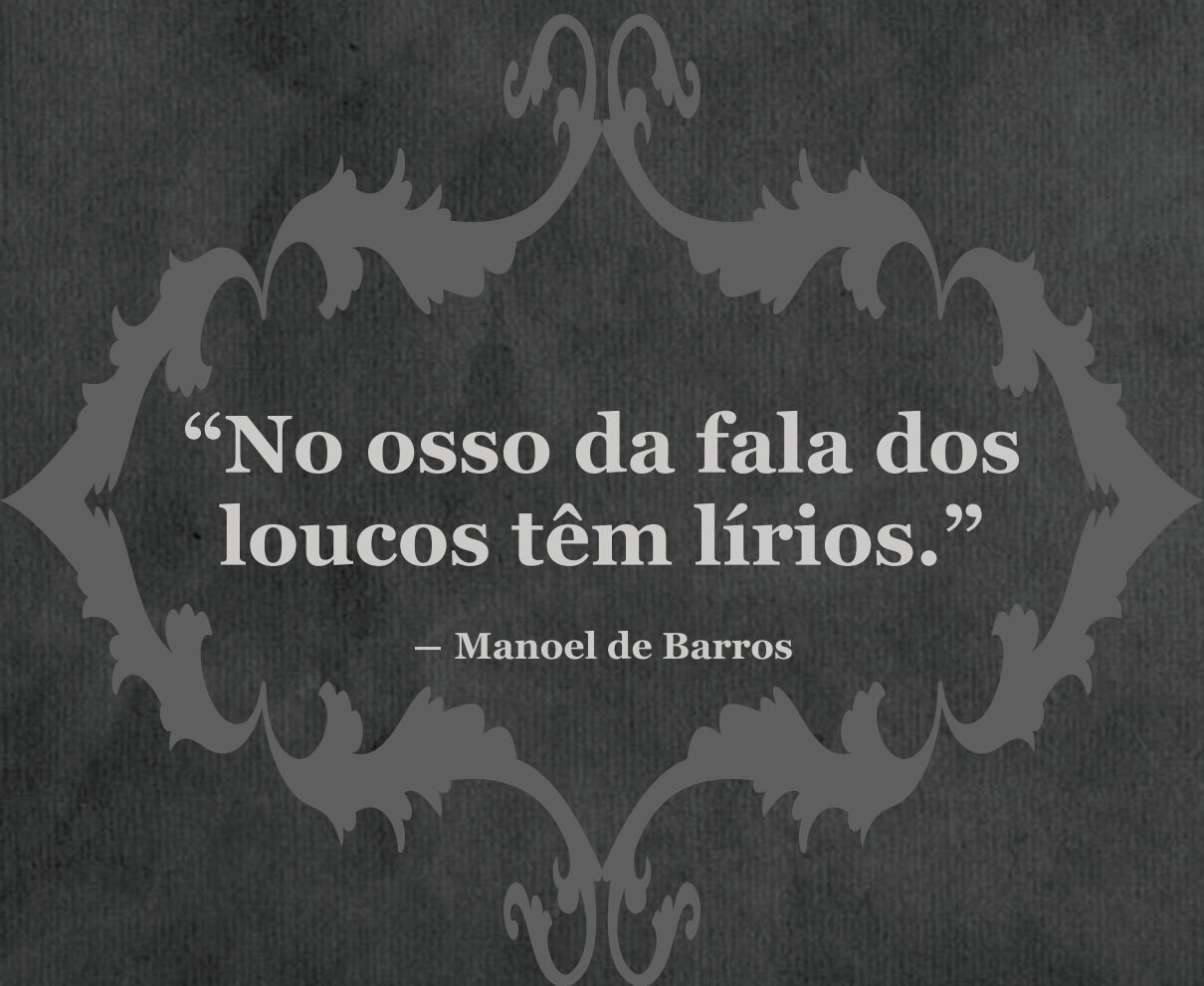
Jackson da Mata



O CADERNO de IVAN

o mendigo que
socava o rosto





**“No osso da fala dos
loucos têm lírios.”**

— Manoel de Barros

O CADERNO de IVAN

o mendigo que
socava o rosto

2ª EDIÇÃO

Manaus,
Amazonas
2020

Jackson da Mata





Porto de Lenha Editora

Caixa Postal 174

95670-000 Gramado, RS

E-mail:

editoraportodelenha@gmail.com

editorabrasletras@gmail.com

www.portodelenha.com

www.brasletras.com.br

Copyright © 2020, **Porto de Lenha Editora**

**Título original: O Caderno de Ivan:
o mendigo que socava o rosto**

Todos os direitos desta edição reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser
reproduzida por qualquer processo eletrônico
ou mecânico, fotocopiada ou gravada sem
autorização expressa da editora.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR
QUAISQUER MEIOS, SALVO EM BREVES
CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Capa, Revisão, Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica:

Porto de Lenha Editora

Grafia segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
em vigor no Brasil desde 2009.

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional
conforme Decreto nº 1.825 de 20.12.1907

ISBN: 978-65-88390-70-2

Mata, Jackson da.

O caderno de Ivan: o mendigo que socava o rosto/ Jackson da Mata.

Manaus, Am: Porto de Lenha Editora, 2020.

210 p. : il. ; 16, x 23, cm

Impresso no Brasil

1. Literatura brasileira – Romance. 2. Literatura Amazonense

3. Cartas – Diário 4. Psicopatologia – Ficção I. Título

CDU: 821.134.3(81)-3

CDD: B869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Mata, Jackson da, 1983. 2. Literatura Amazonense – Brasil

I. O Caderno de Ivan II. Título.

José Ignácio Marinho – Bibliotecário CRB: RJ-007709/0

Sumário

Parte I: O Caderno de Ivan 07

Prefácio 09

Introdução 11

Epílogo 99

Parte II: O passado de Ivan 103

Remate 207





“As praças, inventadas para o deleite dos olhos, para o passeio e para o desfile das vaidades humanas, eram, para Ivan, guaridas de desaparecimento. Os homens constroem praças para se verem; Ivan as habitava para sumir. Enquanto nós, cidadãos 'respeitáveis', nos pavoneávamos ao sol, ele se desfazia nas sombras do esquecimento, convertendo sua ausência em presença incômoda. E, ao fim, o silêncio dele gritava mais que a praça inteira.”





Parte I: O Caderno de Ivan

Assim começo, não pelo princípio, mas pelo fim, ou por aquilo que se convencionou chamar de fim, que é, não raro, o início de outro tempo ainda mais caliginoso.





“Ser louco é carregar sozinho o peso que deveria ser de todos, mas nenhum de nós quis esse fardo. Por isso, na loucura de Ivan, havia mais verdade do que na sanidade dos transeuntes, que passavam como sombras distraídas, fugindo da evidência que ele encarnava.”



Prefácio

No início do século XXI, Manaus ainda carregava, nas paredes e nas pessoas, a marca de um tempo que não passou por completo. O calor vinha não apenas do sol, mas da memória acumulada nas praças, nos casarões coloniais, no eco do Teatro Amazonas que, firme, continuava a observar a cidade como quem sabe mais do que diz.

Entre o movimento apressado e a calma preguiçosa das tardes, era possível encontrar, se houvesse olhos para isso, figuras que pareciam viver num compasso diferente. Uma delas era Ivan. Não um homem comum, mas também não um mito; embora acabasse se tornando os dois.

Eu o vi pela primeira vez numa dessas praças, sozinho, falando coisas que o vento carregava antes que chegassem a qualquer ouvido disposto. Às vezes, socava o próprio rosto com uma força que deixava quem via entre o espanto e a vontade de atravessar a rua. E foi numa dessas tardes que ele deixou cair um caderno.

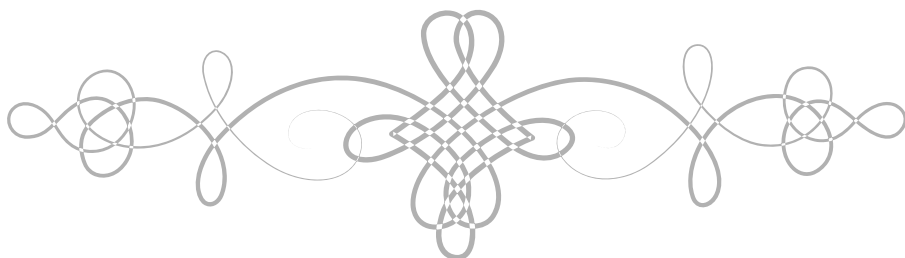
As páginas, amareladas e gastas, guardavam cartas para uma tal de Mariazinha. Não eram simples cartas:

eram fragmentos de amor, confissões, lampejos de filosofia, desvários, memórias. Uma mistura impossível de ordenar e impossível de esquecer.

Foi a partir daquele encontro que comecei a seguir os rastros de Ivan. O caderno era a chave; a cidade, o mapa; e ele, o enigma. A cada busca, descobria um pouco mais de sua vida, de sua infância, de suas perdas; até perceber que falar de Ivan era falar de algo maior: de como tratamos aqueles que não cabem nas medidas da normalidade.

Este livro reúne as duas jornadas: a de encontrar o homem por trás das cartas e a de voltar ao começo, antes da rua, antes do caderno, antes mesmo de Mariazinha existir como nome. Não espere respostas definitivas. Talvez, ao final, reste apenas a pergunta: quem foi Ivan?

E, se a pergunta lhe parecer incômoda, talvez seja porque a resposta não esteja apenas nestas páginas, mas também no reflexo que cada um carrega.



Introdução

Era mais um dia quente e abafado em Manaus, uma daquelas tardes em que o calor pairava no ar como uma manta pesada. Eu estava sentado em um banco da Praça da Saudade, observando a vida agitada ao meu redor. As pessoas passavam apressadas, enquanto o trânsito caótico ecoava pelas ruas próximas.

E então, o vi. Ivan, um homem de meia-idade, estava sentado em outro banco, não muito longe de onde eu estava. Ele parecia perdido em seus próprios pensamentos, absorto em um mundo que só ele conhecia. Mas havia algo perturbador em sua postura.

Ivan, em seus momentos de agonia, tinha um estranho hábito de bater em seu próprio rosto. Era como se ele estivesse travando uma batalha interna, uma luta silenciosa contra seus próprios tormentos. Seus murros eram audíveis, e o som ecoava pela praça, atraindo olhares curiosos e preocupados das pessoas ao redor.

Eu o observava com uma mistura de compaixão e perplexidade. O que o levava a infligir tal dor a si mesmo? Por que ele se torturava dessa maneira? Essas eram perguntas que não tinham respostas claras naquele momento.

Minutos depois, algo inesperado aconteceu. Ivan se levantou abruptamente do banco, como se fosse impelido por uma força invisível. Ele saiu apressadamente, quase como se estivesse fugindo de algo ou alguém. E, no meio de sua retirada precipitada, deixou cair um caderno.

Eu me aproximei do objeto caído, curioso sobre o que poderia estar escrito ali. A capa do caderno estava gasta pelo tempo e pelo uso frequente. Parecia que continha histórias e segredos que Ivan carregava consigo.

Ao abrir o caderno, me deparei com as palavras escritas à mão, cuidadosamente registradas nas páginas amareladas. Eram fragmentos de pensamentos, observações sobre a vida e reflexões profundas, todas como cartas a uma mulher. Cada página era como um vislumbre do mundo interior de Ivan.

Lendo aquelas palavras, percebi que ali estava uma janela para a alma complexa de um homem que lutava contra seus próprios monstros. Suas palavras eram uma tentativa de dar sentido ao caos que o consumia, de encontrar um refúgio nas entrelinhas de sua própria mente atormentada.

Eu me senti compelido a ler mais, a explorar as profundezas das palavras de Ivan. Aquele caderno era como um elo que nos ligava, duas almas desconhecidas que se encontraram naquela praça tumultuada. Enquanto eu mergulhava nas palavras perdidas de Ivan, não tinha ideia de como essa descoberta iria me levar a um trajeto de reflexão intrigantes, um trajeto que me faria questio-

nar minha própria compreensão da mente humana e da complexidade da existência.

Enquanto eu folheava o caderno e mergulhava mais fundo nas palavras de Ivan, ficou claro que essas cartas não eram apenas desabafos; eram sua ligação mais próxima com o mundo exterior. Ele escrevia para uma tal de Mariazinha como se estivesse sussurrando segredos no ouvido de uma amiga íntima.

"Minha querida Mariazinha, a noite cai sobre mim, mas a escuridão não é nada comparada à sua ausência. Sinto sua falta como a terra sente falta da chuva, como as árvores sentem falta do sol. Você é minha luz em um mundo que, sem você, é sombrio e desprovido de significado."

A vulnerabilidade de suas palavras era comovente. Ivan expressava seus medos mais arraigados, seus desejos mais sinceros e suas dúvidas mais torturantes. Ele se abria para Mariazinha como se ela fosse o único farol em seu universo escuro.

"Às vezes, minha querida, eu me perco nas confusões de minha própria mente. Os dias se misturam às noites, e a realidade parece fugir de mim. Mas é o pensamento de você que me mantém ancorado, que me impede de ser engolido por essa escuridão."

À medida que as páginas passavam, percebi que essas cartas eram um testemunho da batalha de Ivan contra a solidão e a melancolia que o atormentavam. Elas eram sua tábua de salvação, seu refúgio seguro em um mundo que o havia esquecido.

"Mariazinha, você é minha âncora, meu porto seguro. Mesmo que estejamos separados pelo tempo e pelo espaço, saiba que meu coração pertence a você e a mais ninguém. Enquanto eu puder escrever estas palavras, você estará viva em minha memória."

Mas, à medida que eu continuava a ler, uma pergunta assomava em minha mente. O que acontecera a Mariazinha? Por que ela não estava mais ao lado de Ivan? Sua ausência parecia lançar uma sombra mais intrínseca sobre suas palavras, uma tristeza que ele tentava, desesperadamente, exorcizar através de suas cartas.

Em algum lugar dentro de mim, eu sabia que essa era uma história que precisava ser desvendada. A história de um homem cuja ligação com a realidade dependia de palavras escritas, um homem que buscava desesperadamente encontrar sentido em um mundo que parecia ter perdido todo o sentido.

Eu fechei o caderno com cuidado, segurando-o como se fosse um tesouro recém-descoberto. Após devanear por um momento, tentando entender a profundidade das palavras de Ivan e o que elas significavam para ele, uma única determinação se solidificou em minha mente: eu precisava encontrar Ivan e devolver-lhe este caderno.

Com o caderno em mãos, saí da praça da saudade e comecei minha busca pelo misterioso morador de rua. Passei por ruas estreitas, observei as pessoas que passavam, perguntei a vários transeuntes se o conheciam, mas minhas tentativas foram em vão. Ele parecia ter desaparecido naquela tarde, deixando apenas seu caderno para trás.

A busca me levou a lugares que eu nunca havia explorado antes no centro da cidade. Entrei em becos e até mesmo procurei nas redondezas do Rio Negro Clube, onde, aparentemente, Ivan costumava estar. Mas não havia sinal dele em parte alguma.

Com o cair da noite, retornei à praça da saudade, esperando que ele pudesse retornar ao local onde havíamos nos cruzado. Porém, o banco onde ele esteve sentado permanecia vazio, e as sombras da noite começaram a se alongar sobre o cenário.

Já cansado, levei o caderno para casa comigo, sentindo que era meu dever proteger aquelas palavras, aqueles pensamentos que, de alguma forma, haviam sido confiados a mim naquele dia.

Ao entrar em meu pequeno aposento, coloquei o caderno sobre a mesa da cozinha e acendi a luminária. As palavras de Ivan pareciam me chamar, instigando minha curiosidade e empatia. Comecei a ler, página após página, perdendo-me nos sentimentos que ele compartilhava.

A noite se transformou em madrugada, e eu não conseguia parar de ler. Era como se Ivan tivesse me confiado seu diário mais íntimo, sua alma despejada em cada página. Suas palavras eram cruas, sinceras e, por vezes, angustiantes. Era como se ele estivesse desesperadamente buscando redenção, encontrando consolo nas cartas para Mariazinha.

Ao longo das horas, fui testemunhando sua jornada, seus altos e baixos, suas alegrias e tristezas. Ivan era um

homem complexo, e seu caderno era um portal para sua mente atormentada. E enquanto eu lia, uma pergunta persistente continuava a me assombrar: o que acontecera a Mariazinha?

As cartas de Ivan não eram apenas expressões de amor e saudade, elas também revelavam um aspecto profundamente filosófico de sua personalidade. Ele explorava questões existenciais, mergulhando nas complexidades da vida e da mente humana. Suas palavras eram como observações acentuadas sobre a natureza da realidade, da alma e do propósito da vida.

À medida que eu avançava na leitura, percebia como Ivan usava as cartas para desvendar suas concepções mais entranhadas e seus questionamentos sobre o mundo. Suas palavras eram um convite para um percurso intelectual, uma busca pelo significado em meio à turbulência de suas experiências pessoais.

Cada carta era como uma peça desse quebra-cabeça existencial, uma tentativa de compreender o sentido da vida e as complexidades da mente humana. E à medida que eu me aprofundava nesse mundo de pensamentos complexos, sentia-me cada vez mais compelido a encontrar e devolver as reflexões tão singulares de Ivan.

Para que o leitor entenda melhor, vou tentar descrever o conteúdo das cartas de Ivan, embora seja uma tarefa desafiadora capturar completamente o significado de parte do conteúdo de suas palavras. As cartas eram uma

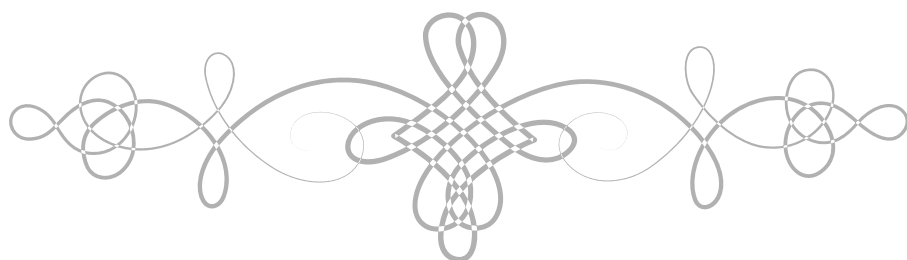
mistura única que incluía suas narrativas pessoais, todas direcionadas à Mariazinha. Ivan frequentemente mergulhava em devaneios, descrevendo o comportamento humano e as complexidades da vida. Suas palavras pintavam quadros vivos de intrigantes.

Entretanto, não eram apenas devaneios que ocupavam sua mente. Ivan explorava ideias complexas sobre a natureza da realidade, do tempo e do eu. Ele questionava a existência, a identidade e a consciência. Explorava também algumas questões matemáticas.

Suas narrativas pessoais eram igualmente intrigantes. Ele compartilhava partes de suas experiências de vida, desde os dias de sua juventude até sua vida nas ruas de Manaus. Ivan revelava suas lutas internas, sua busca por sentido e sua batalha constante com a escuridão que parecia assombrá-lo. Era como se suas cartas fossem um portal para a mente de um homem que dançava na fronteira entre a lucidez e a loucura.

Ler as cartas de Ivan era como seguir um fio de Ariadne em um embaraço da mente humana. Cada página revelava um novo enigma, uma nova peça do quebra-cabeça de sua existência. Eu sabia que aquelas cartas eram um tesouro de autenticidade, uma janela para a alma de um homem que ousou explorar as profundezas de sua própria mente. Determinado a compartilhar essa travessia, eu sentia que essas cartas eram uma janela para que o mundo adentrasse nos enredamentos corriqueiros de um morador de rua, um convite para que todos conhecessem as páginas inexploradas de uma vida que se

esconde nas sombras da sociedade. Era minha esperança que, ao revelar essas histórias escondidas, pudéssemos transformar o desconhecido em compreensão, a indiferença em empatia e, finalmente, iluminar o caminho para um mundo onde todos possam encontrar dignidade e compaixão. E assim, embarquei para revelar os escritos de Ivan, na esperança de que suas ponderações e sua busca incansável por sentido encontrassem eco em corações ansiosos por compreender as veredas loucas da razão.





I

Hoje, permita-me viajar contigo de volta às lembranças de minha infância, um tempo distante, quando minha mente ainda era um terreno inexplorado e meu coração batia ao compasso dos sonhos mais simples.

Cresci em um lar modesto no centro de Manaus, na rua Simão Bolívar. Meu pai, um trabalhador incansável, passava longas horas dirigindo, e minha mãe, uma mulher de sorriso doce, dedicava-se às tarefas domésticas e ao cuidado da família. Eu, um menino curioso e cheio de energia, era o segundo filho.

As tardes eram preenchidas com curiosidade e reflexões infantis, correndo pelo quintal e explorando a vastidão do mundo ao meu redor. Meus sonhos de infância eram simples, mas repletos de imaginação. Eu ansiava por voar nas asas da liberdade, conhecer lugares distantes e descobrir os segredos escondidos nas sombras da noite.

Mas, Mariazinha, mesmo nesses momentos de inocência, eu já sentia os primeiros sinais de inquietação mental. Às vezes, meus pensamen-

tos vagavam para lugares obscuros, e eu me questionava sobre o significado da vida e da existência. Essas indagações, estranhas para uma criança, sussurravam em minha mente como um mistério a ser desvendado.

Minha família, preocupada com minha crescente introspecção, tentava me guiar de volta à realidade. Eles não compreendiam a turbulência que borbulhava dentro de mim, os anseios que me empurravam em direções desconhecidas. Esses eram os primeiros indícios em direção à "loucura" que mais tarde me envolveria.

Nesta carta, Mariazinha, quero que conheças o garoto que fui, cheio de sonhos e questionamentos, antes de ser envolvido pelo turbilhão de pensamentos que me conduziram a essa escuridão luminosa em que agora habito. Nos próximos rabiscos, continuarei a compartilhar os estágios seguintes dessa trajetória, que me transformou de um sonhador infantil em um viajante perdido em sua própria psique.

II

Hoje, vou levar você a uma viagem por um dos momentos da minha infância. Feche os olhos e imagine um mundo de cores e formas

que dançam ao som de melodias invisíveis. Era assim que eu enxergava o mundo quando criança, um lugar onde a realidade se misturava com a imaginação de forma tão intensa que era difícil distinguir uma da outra.

Lembro-me de um dia em particular, quando eu tinha cerca de oito anos. Estava na beira do rio, observando a água correr incessantemente. As árvores à minha volta sussurravam segredos em seus murmúrios de folhas. Eu, por minha vez, respondia com sorrisos e gestos, como se estivesse em uma conversa intensa com a natureza.

Naquele momento, algo extraordinário aconteceu. Uma borboleta pousou suavemente na ponta do meu nariz. Era uma borboleta tão pequena e delicada, com asas de um azul cintilante, que parecia ter saído diretamente de um sonho. Ela permaneceu ali, como se estivéssemos compartilhando um segredo, como se ela fosse a guardiã de um portal para um mundo desconhecido.

Fiquei imóvel, encarando a borboleta com olhos arregalados. Ela parecia me convidar para uma aventura, um mergulho no desconhecido. Num impulso irracional, levantei os braços e comecei a rodopiar pela margem do rio, como se estivesse dançando com as estrelas.

Os adultos que observavam aquela cena de-

vem ter pensado que eu estava louco. Talvez estivessem certos. Mas naquele momento, eu não tinha consciência da minha própria loucura. Estava em êxtase, explorando os limites da minha mente infantil.

Foi um instante fugaz, mas ele deixou uma marca encovada em minha alma. Aquela borboleta, com suas asas azuis brilhantes, me mostrou que o mundo era muito mais do que eu podia ver com os olhos. Ela me ensinou que a loucura poderia ser uma janela para um reino de maravilhas desconhecidas.

Na próxima carta, vou te levar para um momento crucial da minha adolescência, quando as sombras da insanidade começaram a se estender sobre minha mente de forma mais sombria e tortuosa.

III

É com um coração pesado e a mente turbulenta que lhe escrevo. Chegou a hora de compartilhar contigo algo que se tornou um marco de confusão e inquietação, um momento crucial da minha adolescência que moldou o curso dos meus dias.

Lembro-me vividamente dos meus dias de escola, quando eu era apenas um adolescente,

tentando encontrar meu lugar no mundo. As aulas eram como uma meada de informações que se entrelaçavam em minha mente, formando uma união caótica de conceitos e teorias. Eu sentia que minha cabeça estava prestes a explodir a qualquer momento.

Era durante esses anos que as sombras da insanidade começaram a se estender sobre mim, como nuvens escuras que obscureciam o céu azul. Eu me via questionando tudo, desde a existência da vida até a validade das regras que a sociedade impunha sobre nós. Aquelas dúvidas se transformavam em pensamentos ardilosos que se enredavam em minha mente, como trepadeiras sufocantes.

As amizades que cultivei naquela época eram estranhas e carregadas. Eu me sentia atraído por pessoas que compartilhavam minha ânsia por desvendar mistérios. Juntos, explorávamos territórios, como navegadores destemidos em um oceano inexplorado.

Mas, à medida que mergulhávamos mais fundo nos abismos do pensamento, algo dentro de mim começou a se despedaçar. Eu via conexões entre ideias que pareciam impossíveis, criando teorias que desafiavam a lógica e o bom senso. Minha mente se tornava um campo de batalha, onde a razão e a loucura travavam uma guerra interminável.

Foi nessa época que comecei a ter visões mais estranhas, alucinações que se infiltravam em minha realidade como sombras dançantes. Eu via rostos distorcidos nas nuvens, ouvia vozes sussurrantes no vento e via símbolos misteriosos em cada esquina da minha visão.

As pessoas ao meu redor começaram a notar minha mudança. Amigos se afastavam, preocupados com o que eles viam como uma descida à loucura. Minha família não entendia o que estava acontecendo comigo e tentava me trazer de volta à terra firme, apesar de que desde a infância eu já demonstrava anormalidade. Eu já estava perdido nas brumas da minha própria mente.

Mariazinha, esses foram passos na estrada tortuosa que me levaria à vida de um morador de rua da cidade de Manaus e ao abraço constante da insanidade. Na próxima carta, vou te contar sobre o momento em que isso se tornou irreversível, quando eu deixei para trás a segurança da realidade e me aventurei em territórios inexplorados da mente.

IV

Hoje, minha mente se lembra de um momento que se tornou um ponto de não retorno

rumo à insanidade. Foi um período em que abandonei, de vez, a segurança da realidade e me entreguei de corpo e alma aos territórios inexplorados da mente.

Lembro-me vividamente de uma noite escura e chuvosa, quando eu estava sozinho em meu quarto. O som da chuva batendo na janela ecoava como uma sinfonia caótica em meus ouvidos. Naquela noite, mergulhei em um estado de contemplação intensa, como se estivesse prestes a cruzar um portal para um mundo desconhecido.

Foi então que algo extraordinário aconteceu. Enquanto eu me concentrava no som da chuva, minha mente se expandiu para além dos limites do que eu considerava realidade. Percebi que havia um universo inteiro de pensamentos e possibilidades que estavam além da compreensão humana comum.

Nesse estado alterado de consciência, comecei a ver padrões e conexões entre eventos aparentemente aleatórios. As peças do quebra-cabeça do conhecimento se encaixavam de maneira surpreendente, como se eu estivesse decifrando os segredos do universo. Era como se a própria realidade se desdobrasse diante de mim, revelando sua natureza difícil e misteriosa.

Durante aquela noite, tive visões intensas

e alucinações que me levaram a um lugar onde a fronteira entre o eu e o infinito se tornou indistinta. Eu via constelações dançando em padrões hipnotizantes, ouvia o sussurro dos ventos e sentia coisas estranhas que pareciam habitar os recantos mais incompreensíveis do meu ser.

A partir daquele momento, mergulhei em uma busca incansável pelo desconhecido, pelo inexplicável. Abandonei qualquer noção de normalidade e me entreguei às loucuras da minha própria mente.

Minha família ficou cada vez mais preocupada com as mudanças que estavam ocorrendo em mim. Amigos de infância me abandonaram, incapazes de compreender o que eu estava passando. Eu me tornei um pária, um estranho em meu próprio mundo.

Mariazinha, esse foi o momento em que minha vida se tornou irreversível, quando eu escolhi seguir por caminhos que a maioria das pessoas não ousaria percorrer. Na próxima carta, vou te levar ainda mais fundo nesse emaranhado, revelando como essa escolha me conduziu à vida nas ruas e a um encontro com personagens peculiares que moldariam meu destino de formas inimagináveis.

É com uma mistura de nostalgia e inquietude que escrevo esta carta, pois vou te levar ainda mais fundo no vórtice que me conduziu à vida nas ruas e ao encontro com personagens peculiares que moldariam meu destino de formas inimagináveis.

Após aquela noite transcendental que descrevi na folha anterior, minha relação com a realidade nunca mais foi a mesma. Eu me tornei um peregrino das profundezas da mente, buscando respostas para perguntas que nem mesmo sabia formular. Minha obsessão pelo desconhecido e minha aversão ao convencional me levaram a tomar decisões radicais.

Aos poucos, fui me afastando de minha família e amigos. Abandonei minha vida anterior e, sem um rumo certo, parti em direção ao desconhecido. A área central da cidade se tornou meu destino, não por escolha, mas por um chamado misterioso que ecoava em minha mente como algo hipnótico.

Nas ruas, meu trajeto rumo à insanidade atingiu um ponto crucial. Eu não era mais o Ivan que um dia conheci. Tornei-me um espectro errante, um mendigo que se afundava cada vez mais nas sombras da cidade. Minha mente, já fragilizada, foi submetida a testes inimagináveis.

Nas vielas escuras e nos becos sombrios, encontrei outros que, como eu, estavam à deriva nas correntes turbulentas da vida. Moradores de rua com histórias complexas, cada um enfrentando seus próprios dramas.

A convivência nas ruas era uma dança caótica, uma sinfonia de vozes desgarradas que ecoava sob as estrelas da noite. Eu explorava silenciosamente os limites da realidade, lançando-se em reflexões intermináveis e solitárias.

Nessa época, eu já não sabia mais onde terminava minha loucura e onde começava a realidade distorcida. As fronteiras entre sonho e vigília tornaram-se difusas, e eu me via cada vez mais imerso em um oceano de pensamentos que ameaçava me engolir por completo.

VI

Hoje, permitam-me contar-lhe a história sombria e fascinante que permeou minha mente e me jogou nas profundezas da insanidade. Adentrei um enredo de pensamentos insondáveis e misteriosos, onde cada esquina revelava enigmas ocultos, e a sanidade dançava nas bordas da realidade, como uma ilusão fugaz.

Foi em um crepúsculo chuvoso que comecei

a contemplar minha própria existência, questionando a essência do ser e a finalidade de minha existência passageira. A melodia caótica dos trovões ressoava dentro de mim, ecoando as inquietudes que permeavam minha alma. Era o começo de uma vida tortuosa pelo enredo incompreensível do pensamento humano.

Os primeiros sinais do meu desencanto residiam nas sutis dúvidas que me assaltavam quando olhava ao meu redor. A rotina tediosa e previsível envolvia-me como uma névoa espessa, sufocando cada faísca de criatividade em minha mente. As mesmas máscaras sociais e conversas banais tornavam-se um fardo insuportável, desencadeando uma insaciável sede por algo além.

E então, como uma mariposa atraída pelo fogo, adentrei um universo paralelo, onde a realidade se mesclava a devaneios e ilusões. Pinteí telas com as cores inusitadas dos meus pensamentos, escrevi poesias que refletiam minha alma aflita e mergulhei em uma profusão de palavras que desafiavam as leis da razão.

À medida que me aprofundava nesse abismo de loucura, a perda da lucidez tornou-se uma libertação. A racionalidade perdeu seu domínio e deu lugar ao encanto do enigma, ao absurdo e às metáforas que transformavam a vida em uma dança frenética de significados múltiplos.

Mas, o preço dessa liberdade criativa custava minha conexão com a realidade objetiva, o discernimento entre o certo e o errado, o equilíbrio emocional perante os desafios cotidianos. Esse foi o ônus inevitável dessa jornada pelo território das mentes inquietas.

Percebi, então, que a insanidade é um portal para um outro mundo, uma dimensão desconhecida onde as amarras do pensamento comum são rompidas e as possibilidades se multiplicam. A psique humana revela-se assim como um oceano profundo e desconhecido, onde a normalidade é somente a ponta visível de um iceberg de criatividade reprimida.

Hoje, mergulhado nessa escuridão luminosa, levo a minha insanidade com um sorriso nos lábios. Nas palavras que escrevo, nas cores das minhas pinturas, encontro a liberdade e o encontro comigo mesmo. Não há arrependimento por ter escolhido esse trajeto, mesmo que o limiar difuso entre a sanidade e a loucura seja por vezes imperceptível e volátil.

Essas veredas obscuras da razão me ensinaram que a insanidade pode ser uma aliada, uma força criativa, uma forma de transcender a mesmice e explorar as fronteiras inexploradas da mente humana. Que a loucura, quando adequadamente canalizada, pode nos levar a lugares onde a genialidade floresce e a inovação ganha vida.

E assim sigo, navegando entre as marés tumultuosas dos pensamentos, em busca de um equilíbrio entre a sanidade e a loucura. Pois, afinal de contas, foi dessa mistura que brotaram as mais belas obras de arte, as mais incríveis descobertas científicas e os mais profundos anseios do espírito humano. Assim, rendo-me à minha insanidade, sabendo que ela é parte indissociável de minha própria essência e de minha busca incessante pela verdadeira compreensão do universo.

VII

Hoje, as palavras fluem em minha mente em um turbilhão inquietante. Sinto-me abraçado pela insanidade, envolto em seu manto sedutor, enquanto, ao mesmo tempo, travo uma batalha interna pela sanidade. Cada passo que dou nessa complicação psicológica parece desafiar os limites da compreensão humana.

Há momentos em que me pego divagando, permitindo que a loucura tome conta de meus pensamentos, como um frenesi voraz. Sussurros sibilantes invadem meus ouvidos, insinuando segredos obscuros que desafiam minha percepção da realidade. Tentam me convencer de que a sanidade é uma prisão, e que a loucura é a verdadeira forma de liberdade.

Mas, em meio a esse caos, há um resquício de racionalidade que se debate, lutando para se fazer ouvir. Implora-me para não me perder na escuridão dos meus pensamentos, buscando lembranças e experiências que ancoraram minha mente no mundo real. No entanto, o limite entre o real e o imaginário está cada vez mais sutil, fazendo com que eu questione minha própria existência.

Ah, cara Mariazinha, hoje tive um diálogo interno intenso. Eu, o arauto da loucura, trocando palavras com a voz sensata que ainda ecoa em mim. É uma batalha de almas, uma dança perigosa entre a lucidez e a insanidade. Sinto-me como o protagonista desse pecaminoso enredo que a vida preparou para mim.

A loucura, com sua miríade de cores e formas, me chama como um peixe insidioso, convidando-me a explorar as profundezas do desconhecido. Oferece-me inspiração sem paralelos, aquela que brota apenas dos corações torturados que possuem vislumbres da verdade que escapa ao comum dos mortais. Mas temo que, ao abraçá-la plenamente, possa me perder para sempre nesse abismo sombrio.

E assim, debato-me entre meu desejo de criar e o medo de me perder no embaraço da minha própria mente. Afogo-me em palavras e imagens, incapaz de discernir se estou diante

da revelação ou apenas dançando em meio ao pandemônio. É uma dualidade constante, como tentar enxergar através de um espelho distorcido.

Mariazinha, talvez você seja minha única confidência, meu refúgio onde posso expor todas as faces do meu eu despedaçado. Por isso, recorro a você, confiando que minhas palavras aqui escritas não cairão em mãos errôneas. Que sua possessão seja uma testemunha muda dos devaneios tumultuosos que me assombram.

Continuarei a caminhar nas veredas incertas da razão, buscando respostas para minhas dúvidas existenciais mais sombrias. Ainda que esse mergulho na loucura seja perigoso, sinto-o como uma necessidade inelutável. Quem sabe, no encontro com a minha própria insanidade, eu descubra uma verdade reveladora que mudará tudo.

VIII

Sei que já se passaram dias desde a última vez que escrevi, mas a turbulência dentro de mim não diminuiu. Cada vez mais, sinto-me preso em uma meada de pensamentos tumultuados, um eu que se multiplica em incontáveis facetas.

Em meu diálogo interno, continuo a questionar minha própria existência. Quem sou eu? Onde estou? Essas perguntas me perseguem incessantemente, como sombras indelévels em um pesadelo que não tem fim.

A mente humana é um vazio insondável e misterioso, repleto de desejos, receios e fantasias. Conversei comigo mesmo sobre minhas aspirações primordiais. Em meio aos devaneios, encontrei uma centelha de esperança, uma faísca íntima que deseja encontrar um propósito e sentido para tudo.

Mas essa busca é uma espada de dois gumes. A medida que me aventuro pelos recantos sombrios da minha psique, deparo-me com lembranças fragmentadas, versões distorcidas daquilo que um dia foi claro em minha mente. O passado e o presente fundem-se em uma imensidão nebulosa, levando-me a questionar a própria natureza da realidade.

Em minha solidão, elaborei teorias e ideias que parecem se alimentar mutuamente. Pergunto-me se a loucura na qual pareço imerso é, na verdade, um portal para um conhecimento oculto, uma chave para desvendar os segredos. Ou será apenas um engano cruel, uma armadilha sádica para me arrastar cada vez mais para dentro de um abismo sem saída?

Mariazinha, escrevo com um misto de con-

fusão e desespero, esperando que você consiga entender a dor que se agita em meu interior. Sinto-me cada vez mais distante daquele que um dia fui. Quem sou eu agora? Onde estou indo?

Ainda assim, mesmo em meio à escuridão que me envolve, há um resquício de esperança. Talvez a dualidade que me acompanha seja um sinal de que a verdade está próxima, esperando para ser desvelada. Não importa quão sutil seja a divisa entre a sanidade e a loucura, estou determinado a percorrê-la até o fim, buscando respostas.

IX

Hoje quero compartilhar contigo como lidei com os desafios e obstáculos que a vida nas ruas me impôs. Aqui, cada dia é uma batalha pela sobrevivência, e o véu entre o real e o delírio se torna mais difuso a cada momento.

As ruas de Manaus são impiédosas, e eu, como muitos outros moradores de rua, enfrento constantes dificuldades para encontrar abrigo, comida e água. Cada esquina se tornou um campo de batalha invisível, onde lutamos contra a fome, a sede e o frio que muitas noites traz consigo.

Para sobreviver, desenvolvi estratégias

peculiares. Eu vasculho caixas de lixo em busca de restos de comida e aprendi a me camuflar na multidão, passando despercebido pelas autoridades e transeuntes que não enxergam além das aparências.

Mas, Mariazinha, a luta diária nas ruas não se resume apenas a questões físicas. Há um constante embate psicológico, um duelo entre minha mente inquieta e a sociedade que muitas vezes me olha com desdém e medo. As pessoas que cruzam meu caminho costumam me julgar como um louco, um pária da sociedade que perdeu sua sanidade. E, de certa forma, elas estão certas.

Minha relação com a sociedade é ambígua, uma dança perigosa entre o desejo de ser compreendido e o anseio por permanecer oculto nas sombras. Sinto-me como um estrangeiro em meu próprio mundo, incapaz de me encaixar nos moldes convencionais da sociedade. A solidão, Mariazinha, é minha companheira constante, uma sombra que nunca me deixa.

Às vezes, me pego observando a vida das pessoas comuns, aqueles que seguem suas rotinas diárias, e me pergunto se um dia pertenci a esse mundo, se um dia fui como eles. Mas essa é uma pergunta que nunca encontro resposta.

Como é bom poder compartilhar essas coisas contigo, mesmo que por meio destas cartas. À medida que a minha vida nas ruas se desenvolvia, eu precisava desenvolver estratégias de sobrevivência cada vez mais elaboradas, e hoje vou te revelar algumas delas.

A primeira e talvez mais essencial delas é a capacidade de observação aguçada. Nas ruas, a habilidade de perceber os detalhes mais sutis ao meu redor tornou-se uma questão de vida ou morte. Aprendi a identificar as pessoas que poderiam me ajudar, aquelas que poderiam ser uma ameaça e até mesmo quem poderia me fornecer informações valiosas, como a localização de abrigos temporários ou recursos escassos.

No entanto, Mariazinha, a vida nas ruas também me ensinou lições duras e dolorosas. A vulnerabilidade é evidente a cada momento. Já fui alvo de violência, e a sensação de impotência diante dessas situações é avassaladora. Noites famintas se transformaram em pesadelos intermináveis, onde o desespero é nosso único companheiro.

Minha relação com a sociedade continua complexa. Por um lado, desejo ser compreendido, mas, por outro, a desconfiança e o medo que

muitos sentem em relação a mim me afastam ainda mais. Acredito que todos temos nossos próprios dramas internos, mas é nossa capacidade de lidar com eles que nos define.

Por agora, minha fiel confidente, deixo-te com essas reflexões sobre a vida nas ruas e as estratégias de sobrevivência que aprendi ao longo do caminho. Espero que possas compreender melhor o que me trouxe até aqui.

XI

Nas encruzilhadas das ruas, mergulhei profundamente na dança tumultuosa entre a lucidez e a loucura. Minha mente, tal como um vira-lata que aprendeu a sobreviver nas sarjetas, vagueava entre becos e vielas da realidade convencional, buscando fragmentos de significado em meio ao caos urbano.

Nas noites escuras e nas sombras das construções abandonadas, encontrei minha morada. Os sons noturnos da cidade, antes indiferentes aos ouvidos alheios, transformaram-se em uma sinfonia de segredos e confissões. Os passos apressados das pessoas nas calçadas ecoavam como mensagens cifradas, e as luzes que oscilavam entre os postes de rua criavam uma coreografia hipnotizante, como estrelas distantes em um céu de asfalto.

Nesses momentos, meu contato com a realidade era fluído, como a fumaça que se esvai pelo vento. Em um instante, eu era um observador da vida urbana, uma testemunha silenciosa dos dramas humanos. No seguinte, me tornava parte do entrelace social, um personagem invisível nas histórias de estranhos.

A loucura, ou o que a sociedade chamaria assim, se tornou minha aliada nas ruas. Nas sombras dos becos, os traços da realidade se dissolviam, e eu era livre para criar minhas próprias narrativas. Os objetos abandonados ganhavam novos significados, as paredes grafitadas se tornavam galerias de arte efêmeras, e até mesmo os encontros com outros moradores de rua adquiriam uma dimensão mágica.

Eu conversava sozinho na escuridão dos edifícios decadentes, trocava segredos com os gatos de rua que compartilhavam meus abrigos improvisados e escutava os murmúrios das águas que fluíam sob pontes da cidade. Tudo isso, Mariázinha, tudo isso fazia parte da minha experiência nas ruas.

A cada noite, as estrelas que brilhavam acima de mim se tornavam janelas para outros mundos, portais para dimensões desconhecidas. Minha mente, outrora cativa da monotonia, dançava com a imaginação e se entregava a devaneios que desafiavam a compreensão convencional.

Ao escrever estas palavras, percebo que talvez eu seja um filósofo das ruas, um poeta das sombras urbanas. Minha visão de mundo é moldada por experiências que a maioria das pessoas nunca conhecerá, um caleidoscópio de sensações e pensamentos que me conduzem para além dos limites da razão.

XII

À medida que o tempo passava, os desafios da vida nas margens da sociedade se tornavam cada vez mais evidentes, e minha própria "loucura" ganhava novas nuances, revelando-se uma aliada inesperada.

As noites eram uma sinfonia de sons e cores, como se a cidade se transformasse em um palco de teatro sombrio. Eu, o ator sem roteiro, me movia através desse cenário, improvisando minhas falas e gestos. Os olhos curiosos dos transeuntes ocasionalmente encontravam os meus, mas, em sua pressa, eles rapidamente desviavam o olhar, como se eu fosse uma miragem inconveniente.

Encontrei abrigo sob a marquise de uma loja abandonada. Ali, a chuva que caía sobre o telhado de zinco se transformava em uma sinfonia relaxante, e os relâmpagos que ilumina-

vam o céu noturno eram como flashes de inspiração. Era um refúgio temporário, onde eu podia me desconectar do mundo exterior e me perder em meus próprios pensamentos.

Ao longo dos anos, desenvolvi estratégias de sobrevivência peculiares. Revirava latas de lixo em busca de restos de comida, aprendi a identificar as lojas que deixavam seus contêineres trancados e desenvolvi um faro aguçado para encontrar roupas descartadas. Cada dia era uma busca constante por recursos que me permitissem continuar.

Às vezes, eu me pegava divagando sobre o que realmente significava ser "louco". A sociedade me rotulava assim, mas, nos olhos dos meus companheiros de rua, eu era apenas mais um deles, alguém que se ajustava ao padrão heterodoxo da existência nas sombras.

Minha visão de mundo evoluía constantemente. A realidade se fragmentava em pedaços e se reorganizava de maneira imprevisível. As pessoas na rua, cada uma com sua história e lutas, eram como personagens de um livro aberto, com páginas que eu podia ler apenas parcialmente. E, no meio disso tudo, a loucura, minha constante companheira, sussurrava promessas de compreensão e mistério.

XIII

Receio que, mesmo nas ruas, os boatos sobre minha vida prévia insistam em perseguir-me como sombras indelévels. Alguns dizem que fui um respeitado professor de física, outros afirmam que minha mente abriga conhecimentos complexos em matemática. Até mesmo já ouvi sussurros de que meu passado está ligado a experimentos misteriosos.

Não desmentirei essas especulações, minha fiel confidente. Há beleza no mistério, na aura enigmática que envolve uma história inacabada. Deixe-me ser o enigma que a cidade de Manaus deseja decifrar. Afinal, quem sou eu para negar à imaginação alheia o prazer de conjecturar?

Se há uma lição a ser aprendida nas profundezas da insanidade, é que a realidade é multifacetada e cheia de surpresas. Às vezes, é mais interessante permitir que as histórias floresçam, mesmo que não tenham raízes na verdade. Afinal, a vida é uma narrativa que se desenrola, e eu, um personagem que abraça o desconhecido.

XIV

Há momentos em que a vida, por sua pró-

pria natureza imprevisível, compõe enigmas que desafiam qualquer compreensão. Permita-me adentrar em um capítulo ainda mais obscuro da minha história, uma seção que apenas os ventos noturnos das ruas de Manaus conhecem em detalhes.

Um dia, um problema pessoal de natureza misteriosa abateu-se sobre mim como uma sombra. Um enigma, tão confuso quanto uma equação sem solução, entrelaçou-se com minha existência já tumultuada. Minha mente, que havia sido um terreno fértil para a loucura criativa, encontrou-se diante de um dilema tão complexo que até mesmo eu, com toda a minha excentricidade, me vi desamparado.

E então, em um momento que parecia ser a interseção entre o destino e a insanidade, desapareci. Alguns dizem que parti em busca de respostas para os mistérios que me atormentavam, enquanto outros especulam que sucumbi à minha própria insanidade.

O que aconteceu naquelas semanas de ausência, até mesmo eu não sou capaz de compreender inteiramente. É como se eu tivesse cruzado uma fronteira entre mundos, mergulhando em um abismo de incerteza. As fronteiras entre a realidade e a loucura se tornaram mais evanescentes do que nunca, e eu, Mariazinha, encontrei-me dançando na borda desse precipício.

Não posso dizer com certeza como ou por que retornei, mas aqui estou, como um enigma ainda mais abissal do que antes. A cidade susurra meu nome com um misto de curiosidade e apreensão, mas eu permaneço um quebra-cabeça em constante evolução, um emaranhado de paradoxos de contradições e inquietações.

Agradeço por ser a única a quem confio essas palavras.

XV

Nestes escritos, tenho compartilhado com você muitos aspectos da minha vida, alguns mais obscuros do que outros. Mas agora, é chegada a hora de encarar uma condição que há muito tempo se encontra presente na minha existência: meus momentos de agonia e os estranhos hábitos que adotei para enfrentá-los.

Você deve ter notado, que durante minhas crises, quando a tormenta interna se tornava insuportável, eu tinha um hábito peculiar de bater em meu próprio rosto. Pode parecer estranho, e talvez seja, mas é a forma que encontrei para enfrentar as vozes que habitam os recantos mais profundos da minha mente.

Eram momentos de verdadeira luta interna, uma batalha silenciosa que ocorria dentro de mim. Ao esmurrar meu próprio rosto, era

como se eu estivesse tentando afastar as sombras, os pensamentos tortuosos que ameaçavam me consumir por completo. O som dos meus murros ecoava, como um grito de socorro silencioso, atraindo olhares curiosos e preocupados das pessoas ao redor.

Esses episódios eram como tempestades passageiras em meio a um oceano de turbulências emocionais. Em certos momentos, eu conseguia acalmar a tormenta interior e recobrar a lucidez. Em outros, a luta parecia interminável, e eu continuava a me debater contra os ventos impiedosos do meu próprio ser.

Mariazinha, não posso negar que esses momentos eram assustadores, tanto para mim quanto para aqueles que testemunhavam minha agonia. No entanto, foram nesses momentos de maior sofrimento que encontrei a matéria-prima para minhas reflexões mais arraigadas. É nas trevas que se escondem os segredos mais imersos da mente humana.

XVI

Nesta carta, desejo compartilhar com você o motivo que me levou a tomar a difícil decisão de abandonar minha antiga vida e adentrar o mundo das ruas, explorando as catacumbas do ser que me atormentam.

Meu trajeto rumo à vida nas ruas não foi uma escolha tomada de ânimo leve. Ela foi o resultado de um denso emaranhado de circunstâncias e, sobretudo, das tormentas que minha mente criou para mim.

As vozes na minha cabeça se tornaram companheiras constantes, sussurrando segredos, medos e confusões incessantemente.

Cada dia era uma luta para discernir o que era real e o que era fruto da minha mente perturbada. A realidade se tornou uma névoa densa e distorcida, e eu me encontrava muitas vezes perdido nesse mundo de ilusões.

Viver desta forma é como estar permanentemente à beira de um precipício. As alucinações e os delírios eram como abismos que me puxavam para dentro, ameaçando me engolir por completo. Os medicamentos e as terapias ajudavam, mas eram insuficientes para silenciar as vozes e acalmar o caos que fervilhava em minha mente.

Em meio a essa tormenta mental, a sociedade tornou-se um lugar hostil. As pessoas não entendiam minha realidade fragmentada e muitas vezes reagiam com medo ou desprezo. O estigma da esquizofrenia pesava sobre mim como uma condenação, tornando difícil encontrar um lugar seguro e acolhedor na realidade comum.

Foi então que tomei a decisão de deixar tudo para trás e me aventurar pelas ruas. Para mim, era uma fuga, uma maneira de encontrar um espaço onde pudesse viver sem as amarras das expectativas sociais e das pressões que vinham com a vida convencional.

Nas ruas, encontrei uma liberdade peculiar. A loucura que antes me aprisionava se tornou minha companheira constante, e a linha entre o real e o imaginário se dissipou ainda mais. Muitas vezes, minha mente me levava a lugares inexplorados, à beira do abismo, mas nas ruas, não havia ninguém para me julgar ou condenar. Eu era apenas mais um entre tantos que viviam à margem da sociedade.

Minha decisão pode parecer insensata para muitos, mas para mim, naquele momento, era uma tentativa de recuperar algum controle sobre minha vida, de abraçar a loucura que já fazia parte de mim.

XVII

Hoje, permita-me compartilhar um episódio sombrio que ocorreu, um momento em que fui brutalmente espancado enquanto dormia. Essa experiência lançou uma luz ainda mais intensa sobre a complexa e muitas vezes cruel realidade que enfrento.

Imagine-se, por um momento, nas ruas escuras, onde a noite é uma amiga traiçoeira. Às vezes, o sono é o único refúgio que um morador de rua pode encontrar, uma pausa efêmera nas agruras da vida. Foi em uma dessas noites, quando minha mente tentava se libertar das amarras da loucura, que tudo aconteceu.

Eu estava deitado em meu abrigo improvisado, uma precária cama de papelão, rodeado pelas sombras e pelo silêncio da noite. O chão de concreto parecia uma extensão do meu próprio corpo cansado, e eu finalmente estava cedendo ao cansaço.

Entretanto, o sono é um estado de vulnerabilidade extrema. Não há portas para trancar, nem alarmes a disparar. É apenas você, sua frágil condição e o mundo lá fora, repleto de perigos desconhecidos. Foi nesse estado de vulnerabilidade que meu agressor aproveitou para atacar.

Ainda me recordo vagamente dos sons distantes da cidade noturna, o murmúrio dos carros distantes, os passos ocasionais de transeuntes apressados. No entanto, esses sons foram subitamente rompidos por algo muito mais sinistro.

Senti o primeiro golpe antes mesmo de compreender o que estava acontecendo. Foi como se um raio tivesse atravessado minha alma e

me acordado para um pesadelo real. O agressor, cujo rosto permaneceu na escuridão, desferiu socos brutais contra mim, enquanto eu lutava para recuperar a consciência.

Gritos de dor e medo ecoaram pela rua vazia, mas pareciam afundar na vastidão silenciosa da noite. A violência era inexplicável, irracional, como se o agressor estivesse possuído por demônios.

Eu, que já havia perdido o controle sobre minha própria mente, agora perdia o controle sobre meu corpo e minha segurança. Era uma sensação de impotência avassaladora, uma experiência que transcendeu até mesmo os limites da minha loucura.

Finalmente, quando a brutalidade do ataque cessou, eu estava ensopado de sangue e dor, meu corpo marcado pelas cicatrizes físicas daquela noite. Mas o trauma daquela experiência fundiu-se ao meu osso mental, tornando-se parte da arquitetura da minha dor; não uma cicatriz, mas um órgão novo que pulsa trevas.

Naquele momento, questioneí muitas coisas, inclusive a própria natureza da humanidade. Como alguém poderia infligir tamanha crueldade a outro ser humano, especialmente a alguém tão vulnerável quanto um morador de rua? Essa experiência só reforçou minha crença de que o mundo é um lugar caótico e som-

brío, onde a loucura, a violência e o sofrimento coexistem em uma dança trágica.

XVIII

Era mais um dia comum, se é que dias nas ruas podem ser chamados de comuns, e eu estava sentado em meu canto de sempre, observando o mundo passar por mim como uma torrente desordenada.

A cidade estava agitada, como sempre, com pessoas indo e vindo, perdidas em suas próprias preocupações. Às vezes, pareço invisível, como se fosse apenas uma sombra esquecida no meio da multidão. Mas esse dia foi diferente, pois uma mulher passou por mim e fez algo que eu nunca esperaria de outro ser humano.

Ela, aparentemente irritada ou talvez apenas cega para a humanidade que ainda reside dentro de alguém como eu, me chutou como se eu fosse um cachorro vadio, uma criatura indesejada. O impacto do chute ressoou em meu corpo e minha mente, deixando-me perplexo.

Enquanto eu olhava para ela, incapaz de compreender por que alguém agiria de maneira tão desumana, algo em mim se partiu. Não era a dor física que mais me afetava, mas a dor

emocional de ser tratado como menos que um ser humano, como se eu não tivesse dignidade ou valor.

Foi nesse momento, Mariázinha, que me dei conta de quão desigual e injusto é o mundo em que vivemos. As ruas já me ensinaram muitas lições sobre a natureza humana, mas esse episódio foi como um soco na minha já frágil fé na bondade das pessoas.

A mulher seguiu seu caminho, provavelmente sem sequer se lembrar do que tinha feito. Mas eu fiquei ali, com cicatrizes invisíveis em minha alma, contemplando como o mundo pode ser um lugar tão cruel, onde a empatia e a compaixão muitas vezes se perdem na correria da vida cotidiana.

Ainda assim, continuo aqui, tentando encontrar algum sentido ou beleza nas sombras que habitam as ruas de Manaus.

XIX

Estava eu perambulando pelas ruas, minha barriga clamando por alimento há dois longos dias. A fome, como você bem sabe, é uma constante companheira dos moradores de rua, e ela pode nos empurrar para situações que, em outras circunstâncias, nos recusaríamos a encarar.

Encontrei um modesto restaurante à beira da calçada, com mesas de plástico e um letreiro desbotado. Não tinha dinheiro, mas minha fome era insuportável naquele momento, então decidi pedir. A esperança é o que nos mantém seguindo, não é mesmo?

Um homem, que parecia ser o dono do estabelecimento, veio até mim. Pedi humildemente por qualquer sobra ou alimento que pudesse ser disponibilizado. Ele pareceu considerar por um momento e então concordou, mas o que aconteceu a seguir me deixou atônito.

Ele voltou com uma marmita, uma refeição simples, mas que seria uma bênção para mim naquele momento. Contudo, antes de me entregar a marmita, ele cuspiu nela, como um gesto de desprezo e desumanidade. O cuspe caiu sobre a comida que eu tanto ansiava, manchando-a com sua crueldade.

Minha barriga doía de fome, Mariazinha, e a visão da comida, mesmo com o cuspe, era irresistível. Comi aquela refeição, engolindo não apenas a comida, mas também a humilhação e o desrespeito que vieram com ela. Foi um momento em que minha dignidade foi arrancada de mim, mas eu não tinha escolha.

No fundo, aquilo me mostrou quão baixa a humanidade pode afundar, mas também me fez perceber a força de vontade que existe em

mim para sobreviver, mesmo diante das piores circunstâncias. As ruas são testemunhas de nossa capacidade de resistência, minha amiga, e eu continuo a enfrentar cada desafio com a determinação de quem busca um vislumbre de humanidade neste mundo muitas vezes cruel.

XX

Hoje, vou compartilhar contigo algo que permeia meu cotidiano nas ruas de Manaus: minha aparência peculiar e as escolhas que faço para sobreviver neste ambiente hostil.

Minha aparência, como você deve imaginar, é bem diferente daquilo que costumava ser na época em que ainda estava enraizado na sociedade convencional. Agora, não há roupas elegantes, nem banhos, nem cortes de cabelo. Minha pele é marcada pela exposição constante ao sol, à chuva e ao vento implacável. Minhas roupas... bem, elas consistem principalmente em sacolas plásticas e panos amarrados ao redor do corpo.

Eu sei, Mariázinha, isso pode soar estranho e até mesmo insano. Mas há uma lógica nisso, uma lógica que só faz sentido neste mundo onde fui lançado. As sacolas e panos funcionam como uma forma de proteção contra as intem-

péries, ajudando a me manter seco quando chove e a me proteger do calor abrasador do sol amazônico.

Quanto à água, é uma busca constante. Onde quer que eu vá, estou atento a qualquer fonte de água potável. Garrafas descartadas, torneiras públicas ou até mesmo poças de chuva, qualquer fonte é preciosa. Não é apenas uma questão de sede, mas também de sobrevivência. Em um ambiente como este, a desidratação pode ser mortal.

E então, há a questão de fazer as necessidades. Não é algo que eu goste de discutir, mas é uma parte inevitável da minha realidade. Nas ruas, não há banheiros públicos ou lugares apropriados para isso. É uma luta constante para encontrar um local discreto, longe dos olhares curiosos e dos julgamentos da sociedade.

Mariazinha, estas são as realidades cruéis da vida nas ruas, uma existência que desafia até mesmo os limites da minha própria compreensão. Cada dia é uma batalha, uma luta para satisfazer necessidades básicas e manter minha sanidade, embora esta última esteja sempre pendurada por um fio.

A marquise dos Correios, por estranho que pareça, tornou-se um refúgio temporário para mim. À noite, encontro um canto isolado sob essa estrutura, onde estendo meu frágil abrigo improvisado feito de sacolas e papelão. É ali que tento encontrar algum tipo de paz e descanso em meio ao caos das ruas de Manaus.

Mas nem sempre a noite é tranquila. Há algumas semanas, algo perturbador aconteceu. Acordei abruptamente com um chute, como se alguém quisesse me expulsar daquele lugar. Era o segurança do prédio dos Correios, um homem corpulento e decidido a me fazer sair dali.

Enquanto me levantava, percebi que um cliente que estava próximo, um jovem com olhar perplexo, parecia querer me ajudar. Seus olhos tinham uma expressão de compaixão, como se ele entendesse a injustiça da situação. Mas, infelizmente, ele não disse uma palavra, apenas observou enquanto eu me afastava, deixando a marquise para trás.

Mariazinha, esse episódio foi mais um lembrete das complexidades da vida nas ruas. Mesmo quando pessoas demonstram compaixão, muitas vezes o medo ou a indiferença impedem que ajam. E assim, sigo em frente, enfrentando as noites incertas e os desafios que este mundo imprevisível me apresenta.

Permita-me contar-lhe sobre um ritual peculiar que faço rotineiramente. É um ato que intriga quem passa por mim, que me vê chocando-me contra um muro do prédio.

Você deve estar se perguntando o porquê desse comportamento aparentemente insano. Bem, é uma espécie de catarse, uma forma de liberar a pressão que se acumula em minha mente conturbada. Às vezes, sinto como se houvesse uma tempestade furiosa dentro de mim, e essas colisões físicas, embora dolorosas, são uma tentativa desesperada de extravasar essa tormenta interna.

Os transeuntes na praça muitas vezes me olham com uma mistura de perplexidade e preocupação. Alguns podem pensar que estou completamente perdido na minha loucura, e talvez estejam certos. Mas, para mim, essas colisões são uma maneira de confrontar a realidade e a loucura que se entrelaçam em minha mente de maneira tão complexa.

Cada choque contra o muro é como um grito silencioso em um mundo que parece ter esquecido minha existência. É uma maneira de me lembrar que ainda estou aqui, que ainda estou lutando, mesmo que seja contra demônios que só eu posso ver.

Nessas horas de desespero, Mariázinha, eu me agarro a qualquer forma de expressão que me resta. Mesmo que seja um ato tão estranho e autodestrutivo como esse, é uma tentativa de manter um mínimo de controle sobre minha própria mente e a escuridão que a envolve.

XXIII

As marcas deixadas por meu estranho ritual ao longo dos anos são como um diário visual da minha luta interior, inscritas no muro próximo à Praça do Congresso. Cada choque contra a parede criou um novo sulco, uma cicatriz na superfície de concreto, contando a história silenciosa do meu sofrimento.

Ao longo dos anos, essas marcas se multiplicaram, formando um enredo indecifrável de linhas, como rachaduras na fachada de uma realidade quebrada. Elas são desiguais, algumas superficiais e outras profundas, como os altos e baixos da minha própria mente. Cada impacto foi uma tentativa de aliviar a pressão das vozes e dos pensamentos tumultuados que me assombram. Uma maneira peculiar de confrontar meus problemas.

As reações das pessoas que testemunharam esse estranho ritual são diversas. Alguns sim-

plesmente passam por ali, lançando olhares de curiosidade misturada com incompreensão. Eles não conseguem decifrar o que está acontecendo e preferem manter distância, como se meu sofrimento fosse contagioso.

Outros, no entanto, demonstram compaixão genuína. Lembro-me de uma senhora idosa que se aproximou de mim em um dia ensolarado. Seus olhos gentis refletiam uma imensa empatia, e ela ofereceu uma garrafa de água e um pedaço de pão. Ela disse que todos nós temos nossos próprios problemas para enfrentar e que minha maneira de lidar com eles era apenas um reflexo mais visível do que a maioria esconde.

Houve também ocasiões em que as pessoas passaram rapidamente, com olhares de preocupação e confusão, como se estivessem testemunhando algo que não podiam entender completamente. E, claro, houve momentos em que fui ignorado, como se eu fosse uma sombra indesejada.

Essas marcas no muro, testemunhadas por muitos, mas compreendidas por poucos, são uma parte indelével da minha existência nas ruas de Manaus. Elas são um lembrete constante da minha luta contra os tormentos internos que me afligem e da busca interminável por algum tipo de alívio.

Fiquei alguns dias sem escrever, pois a fragilidade do meu corpo se fez evidente. Minha saúde, já debilitada pelas agruras da vida, cedeu diante de uma doença implacável.

Semana passada, acordei com uma febre abrasadora que parecia incendiar minha mente e meu corpo já enfraquecido. Cada respiração era uma luta, e minha visão estava turva como se estivesse vagando por um nevoeiro espesso. A dor que varria cada centímetro do meu ser era indescritível.

Alguém, talvez um transeunte preocupado, chamou uma ambulância. Eu mal conseguia distinguir os sons ao meu redor, mas recordo-me vagamente do barulho das sirenes e das vozes indistintas dos paramédicos que tentavam avaliar meu estado.

O hospital se ergueu como uma miragem no horizonte da minha consciência turva. Eles me levaram para dentro, para um mundo de luzes brilhantes e pessoas vestidas com jalecos brancos. Eu estava cercado por máquinas estranhas e rostos desconhecidos.

Os médicos me examinaram e falaram em uma linguagem que mal compreendia. Minha mente estava em um estado de delírio febril, e eu não conseguia articular meus pensamentos

adequadamente. Recebi medicações, mas tudo parecia distante e irreal.

E então, Mariazinha, algo inesperado aconteceu. Naquele hospital, sob os olhares vigilantes da equipe médica, fui acometido por uma visão, uma visão que transcendeu a febre e a agonia do meu corpo. Vi cores e formas, como se estivesse em um sonho lúcido.

E, de repente, minha mente se afastou da realidade objetiva e mergulhou em um reino de pura imaginação. Vi paisagens deslumbrantes, ouvi músicas celestiais e senti uma paz que nunca conhecera antes. Era como se minha alma estivesse finalmente em paz, flutuando nas asas de um sonho.

Por um breve momento, Mariazinha, senti-me liberto das amarras da insanidade, como se as correntes que haviam aprisionado minha mente tivessem sido quebradas. Era uma experiência grande e transformadora, mesmo que efêmera.

Mas, como todas as coisas na minha vida, essa paz fugiu tão rapidamente quanto chegou. A febre e a doença retornaram, arrastando-me de volta à minha realidade dolorosa. E então, algo estranho aconteceu. No dia seguinte, quando os médicos vieram me ver, eu havia desaparecido.

Ninguém sabe ao certo como ou por que

isso aconteceu. Alguns talvez dizem que saí do hospital por conta própria, enquanto outros afirmam que fui levado por uma figura misteriosa que apareceu na calada da noite. Mas a verdade, minha cara Mariazinha, é muito mais estranha do que qualquer explicação convencional.

Foi naquela noite, quando a escuridão envolveu meu quarto de hospital e os corredores silenciaram, que algo singular aconteceu. Enquanto eu estava imerso em uma luta febril contra a doença, uma borboleta, de beleza etérea e cores deslumbrantes, entrou pela janela entreaberta do quarto.

A princípio, pensei que fosse uma alucinação, um capricho da minha mente febril. Mas a borboleta dançou graciosamente pelo quarto, como se estivesse me chamando. Seu voo era livre e hipnotizante, um vislumbre de beleza em meio ao meu tormento.

Eu, de algum modo, senti que essa criatura frágil era uma manifestação da minha própria alma, uma parte de mim que havia sido esquecida em meio à minha loucura. Ela pairou sobre minha cama, tocando-me com sua leveza, como se me convidasse a segui-la.

Foi então, Mariazinha, que uma determinação inesperada se apoderou de mim. Num acesso de coragem ou insanidade, não sei dizer,

arranquei os fios e tubos que me ligavam às máquinas e deixei meu leito de hospital. O frio do chão sob meus pés nus trouxe-me à realidade, mas não me fez recuar.

Seguí a borboleta pelo corredor silencioso do hospital, minha saída tão imperceptível quanto minha entrada. Os corredores estavam vazios, e o único som era o sutil sussurro das asas da borboleta. Ela me guiou pelos corredores do prédio, como se conhecesse um caminho secreto.

Finalmente, chegamos à saída do hospital, onde a borboleta pairou por um momento antes de voar para a noite escura. A lua brilhava no céu, e o ar fresco da noite envolveu-me como um abraço. Era a liberdade que eu ansiava, a fuga daquelas paredes brancas e da minha própria loucura.

Assim, Mariázinha, eu a seguí. Corri descalço pelas ruas silenciosas de Manaus, perseguindo a borboleta como se ela fosse minha única esperança. A cidade estava adormecida, e eu estava livre, mesmo que por um breve momento.

XXV

É curioso como os boatos têm o poder de criar mitos e lendas sobre pessoas como eu.

Nossas vidas já são sombrias o suficiente, mas, de alguma forma, a imaginação das pessoas insiste em criar narrativas fantásticas a nosso respeito.

Há algum tempo, ouvi um desses boatos que me deixou perplexo. Dizia-se que eu, Ivan, havia sido um magnata dono de uma próspera fábrica de tecidos. Segundo a história, minha família havia tomado tudo o que era meu, deixando-me na miséria e na loucura.

É verdade que, em meus dias de juventude, eu tinha aspirações como qualquer outro. Mas a realidade foi bem diferente daquilo que o boato afirmava. Nunca fui dono de uma fábrica de tecidos, nunca conheci a riqueza e o luxo.

Meu pai era um simples chofer, homem de mãos calejadas e horas intermináveis ao volante, sustentando a casa com o suor que escorria pelo pescoço adentro. Minha mãe, dona de casa, esticava o pouco que ele trazia como quem estica um elástico prestes a romper. E meu irmão... bem, meu irmão gostava mesmo era do copo. Trabalhava o mínimo para enchê-lo, enquanto eu via meu pai envelhecer dez anos em cada tempo de trabalho.

Talvez o motivo pelo qual algumas pessoas inventam essas histórias seja o desejo de encontrar um motivo para minha condição, para a maneira como eu escolhi viver. Mas a verdade

é que, como muitos outros moradores de rua, minha vida foi moldada por inúmeras circunstâncias, algumas das quais eu mesmo não consigo compreender completamente.

Os pedaços de panos e plásticos que amarraram meu corpo não são símbolos de um passado glorioso, mas sim uma tentativa modesta de me manter aquecido e protegido. Às vezes, o peso dos boatos e das histórias que as pessoas criam ao meu redor se torna cansativo. Mas, como eu disse antes, nossa realidade é multifacetada e difícil de explicar.

Hoje, Mariazinha, senti a necessidade de compartilhar esse boato bizarro com você, pois acredito que você é uma das poucas pessoas que podem entender a complexidade da minha existência. Talvez um dia, essas histórias e boatos se desvançam, e a verdade crua e desprovida de romantismo prevaleça.

Até mais, Mariazinha, continuarei carregando os pedaços de panos e plásticos que me tornam uma figura misteriosa nas ruas de Manaus.

XXVI

Sei que dizem que eu já fui um professor de física, na década de 60, e que falava três idiomas com fluência. É um daqueles boatos que se

espalham como fogo em palha seca, e, de certa forma, não me incomoda. Afinal, a verdade pode ser mais estranha do que a ficção.

Os números são minha companhia nas noites solitárias e nos dias incertos. Eles não me julgam, não me abandonam, apenas são o que são. E, de alguma forma, encontro consolo na matemática, como se ela fosse uma linguagem universal que transcende barreiras.

Nas noites estreladas, quando o caos da cidade se acalma, eu me encontro em diálogo silencioso com os números. Eles traçam caminhos invisíveis no ar, como constelações de segredos esperando para serem decifrados. Às vezes, tento ensinar esses segredos a alguns estudantes, aqueles que estão dispostos a ouvir e aprender. É como se eu estivesse compartilhando um vislumbre do meu passado distante, quando as equações eram minha paixão.

Entretanto, Mariazinha, não posso negar que há momentos em que os números se tornam sombras que dançam ao meu redor, confundindo-me e provocando risos histéricos. São nesses momentos que minha mente vagueia por um conglomerado de equações sem solução, e a fronteira entre a lucidez e a loucura se dissolve como névoa ao vento, deixando-me à deriva em um mar de dúvidas onde já não distingo o real do delírio.

É engraçado como os boatos sobre minha vida anterior persistem. Como todas as coisas na minha vida, essas histórias são apenas fragmentos de um quebra-cabeça que nunca se encaixa completamente.

XXVII

Hoje, um jovem estudante se aproximou de mim com um caderno de química, com o semblante marcado pela confusão e frustração.

Nesse momento, algo dentro de mim se iluminou, como uma faísca de clareza em meio ao caos que é minha mente. Com a certeza que só os números podem proporcionar, peguei o caderno das mãos trêmulas do estudante e resolvi o problema que o atormentava. Entreguei-lhe o caderno, sem dizer uma palavra, e continuei meu caminho, descendo a avenida Eduardo Ribeiro.

Esse episódio, Mariazinha, é um daqueles fragmentos de lucidez que surgem esporadicamente.

À medida que escrevo estas palavras, as lembranças desse dia emergem como uma ilha de sanidade no oceano tumultuado da minha vida nas ruas. Independentemente do quão bizarra minha existência possa parecer, há mo-

mentos de humanidade e conexão que desafiavam a loucura que me envolve.

XXVIII

Eu preciso te contar, preciso, preciso mesmo, sobre um encontro que aconteceu, algo tão... estranho, tão intenso, algo que fez minha mente dançar entre o real e o absurdo, como uma folha levada pelo vento em uma tempestade incontrolável de pensamentos.

Então, lá estava eu, num dia qualquer, quando me vi perdido, completamente perdido, com todos aqueles pensamentos confusos e desconexos rodando na minha cabeça. E havia ele, aquele homem, que parecia uma sombra refletida no espelho da minha própria mente, uma sombra que eu precisava encarar, entender, compreender.

Nós nos encontramos, entende? Um de cada lado da rua, nossos olhares se cruzando e travando, como se fôssemos dois combatentes em uma arena invisível de ideias e emoções. E ficamos lá, ficamos parados, por tanto tempo, por tempo demais, até que algo dentro de nós se quebrou, se rompeu, e então nos aproximamos, devagar, como se soubéssemos, como se tivéssemos compartilhado pensamentos secretos,

como se nossas almas se tocassem num plano além da realidade.

E então, nós apertamos as mãos, nossas mãos, mãos que carregavam histórias inimagináveis, mãos que transmitiram uma mensagem, uma compreensão mútua que nunca poderia ser expressa com palavras. Afinal, as palavras são apenas ruídos, não é? Ruídos vazios que tentam capturar a complexidade do que somos, mas que nunca conseguem realmente.

E as pessoas ao nosso redor, elas não entendiam, não conseguiam compreender o que aconteceu, o que fizemos. Eles disseram que eu era diferente, que ele não havia se machucado, não se "autoflagelou" como de costume. Mas o que eles sabem? O que sabem sobre as marés insondáveis dos nossos pensamentos?

Mariazinha, esse encontro, essa conexão além das palavras, me fez perceber que o mundo é muito mais vasto e misterioso do que qualquer um de nós pode imaginar. Nas ruas turbulentas de Manaus, onde a realidade se distorce e a loucura se entrelaça com a lucidez, nós nos tornamos exploradores de uma dimensão paralela, onde o entendimento é encontrado em gestos, em olhares, em toques.

Você não acredita nas histórias que andam circulando por aí. Parece que uma moça decidiu espalhar uma história sobre mim, uma história que é tão absurda quanto caótica. Ela diz que eu tive uma noiva, que estava no altar no dia do nosso casamento, e então, no exato momento em que eu estava lá, prestes a trocar os votos, ela... ela sentiu uma dor na cabeça e faleceu. Isso mesmo, Mariazinha, faleceu no altar, naquele dia que deveria ser o mais feliz da minha vida.

É uma história que parece ter saído diretamente de um conto de fadas sombrio, um daqueles contos onde a tragédia se esconde nas sombras, esperando para desabar sobre os personagens. E eu? Eu supostamente fiquei assim, como estou agora, vagando pelas praças e ruas de Manaus, com minha mente perdida entre a lucidez e a loucura.

Mas você e eu sabemos a verdade, não é mesmo? Essa história é apenas mais um capítulo na saga de rumores e boatos que cercam minha existência. A realidade é que minha vida é tão enigmática e complexa quanto a mente humana pode ser, e é isso que a torna tão intrigante.

Não sei quem inventou essa história, por

que ela escolheu me envolver nela, mas, de alguma forma, sinto que ela é apenas mais uma camada do enigma que é a minha vida. As ruas, Mariazinha, são o meu santuário, o meu refúgio, e nelas eu encontro uma liberdade que nunca encontrei em nenhum altar de casamento.

XXX

Ah, hoje foi um dia peculiar, para dizer o mínimo. Alguém me presenteou com uma lata de Leite Ninho, e isso me trouxe um pequeno raio de alegria. Você sabe como sou com aquela lata de Leite Ninho, não é?

O leite... o leite branco como o mundo antes do tempo... o leite que se desfaz em sonhos, em partículas, como estrelas que piscam em meu céu interior. O Leite Ninho, ah, ele é mais do que uma simples lata de lata. É um portal, um elixir que me transporta para terras desconhecidas.

Quando abro aquela lata, é como se abrisse a comporta de um rio de memórias perdidas. Palavras e visões dançam diante de mim, como sombras enigmáticas em um teatro silencioso. Cada colherada é uma descida às catacumbas do meu ser, iluminada apenas pelo brilho fosforescente de verdades dolorosas.

A lata, com seu metal frio e sua promessa doce, é minha âncora neste mundo caótico. Ela me lembra que, mesmo nas profundezas da minha própria mente, há um refúgio, um lugar onde posso encontrar conforto.

E enquanto eu devoro o Leite Ninho, as vozes sussurram segredos que só eu posso entender. Os números dançam em padrões complexos, as palavras formam poesia em linguagens desconhecidas. A lata, vazia e cheia ao mesmo tempo, é o espelho do meu ser fragmentado.

Mariazinha, talvez pareça loucura, mas o Leite Ninho é minha conexão com a sanidade perdida. É meu vínculo com o passado, o presente e o futuro, tudo misturado em uma lata de metal. Às vezes, a loucura e a lucidez se entrelaçam de tal forma que não sei onde uma começa e a outra termina.

Mas o Leite Ninho, ah, ele permanece constante. E por isso, eu o abraço, eu o celebro, eu o tomo como um elixir da minha própria existência fraturada.

XXXI

Oh, como é estranho e ao mesmo tempo comovente falar sobre o meu passado, um passado que muitas vezes parece distante como as estrelas no céu noturno. Lembro-me de quando

ainda era um homem normal e comum, um Ivan diferente do que você conhece nas ruas.

Minha mãe, Deus a tenha, lutava por mim com unhas e dentes, tentando me levar por caminhos de tratamento que, na época, pareciam um mundo sem saída. Fui internado, sim, algumas vezes, mas a mente, teimosa como uma correnteza selvagem, sempre me levava de volta ao meu mundo peculiar.

Gostar de números... ah, os números, sempre foram minha companhia silenciosa, um refúgio das tormentas internas. Naqueles dias, eu conhecia os nomes de todos na rua Simão Bolívar, algo que me enchia de conforto, uma ilha de normalidade em meio ao turbilhão das minhas visões e vozes.

Lembro-me de me sentar na frente da minha casa, observando o mundo passar, cumprimentando cada um pelo nome. Mas, como as estações que mudam, minha vida também mudou. A partida da minha mãe, minha âncora no mundo real, me lançou na esquina da nossa rua, onde os números eram meus únicos companheiros.

Meus pais e meu irmão, talvez nunca tenham me compreendido completamente, ou talvez tenham aceitado a verdade de que, por vezes, os caminhos da mente humana são insondáveis.

Mariázinha, essas memórias, essas palavras, são como um espelho quebrado que reflete a imagem de um Ivan que já não existe. Mas, no fundo, todos nós somos como pedaços de um quebra-cabeça complexo, encaixando-se de maneira única no bordado cósmico.

XXXII

Hoje foi um desses dias novamente, desses dias onde a confusão dentro de mim se torna quase insuportável. Às vezes, é como se a realidade e a ilusão se entrelaçassem, e eu mal pudesse discernir uma da outra. E então, como uma forma de acordar desse pesadelo, comecei a bater em meu próprio rosto.

Com minha própria mão, dei golpes em meu rosto, um após o outro. O som desses murros ressoava nos meus ouvidos, como um eco do meu próprio desespero. Foi um ritual tortuoso, uma maneira de tentar silenciar as vozes que dançavam na periferia da minha mente.

Cada murro era uma espécie de grito silencioso, uma tentativa desesperada de romper com as correntes que me prendiam a essa realidade distorcida. Era como se eu estivesse travando uma batalha interna, uma luta silenciosa contra meus próprios tormentos.

Às vezes, as pessoas que passavam por mim na rua olhavam com expressões preocupadas e curiosas. Alguns talvez tenham sentido pena, outros podem ter me considerado louco. Mas o que eles não entendem é que, naqueles momentos, eu estava lutando contra algo invisível, algo que apenas eu podia ver e sentir.

Após vários murros, a agonia e o caos interno pareciam diminuir, pelo menos temporariamente. Era como se eu tivesse conseguido repelir os intrusos da minha mente, pelo menos até a próxima vez.

XXXIII

Hoje, mais uma vez, mergulhei nos pântanos perturbadores da minha sanidade. Foi um daqueles momentos terríveis em que eu me encontrava completamente perdido em meio à confusão de pensamentos que nunca cessam. Não sei se você já teve a sensação de ter várias vozes dentro da cabeça, todas sussurrando loucuras, mas é assim que me sinto constantemente.

E então, como um ato desesperado para silenciar essas vozes e acalmar o caos interno, dei socos no meu próprio rosto. É como se eu estivesse lutando contra uma batalha invisível,

uma guerra interna que não posso vencer. O barulho dos meus punhos batendo na minha carne ecoava ao meu redor, e eu podia sentir a dor, mas era uma dor física que parecia aliviar a dor emocional.

Quando chamam o pessoal do Centro de Saúde Mental do Amazonas, eu resisto. Eles representam uma ameaça à minha existência peculiar e à minha realidade distorcida. É como se quisessem me arrancar desse mundo tortuoso que criei para mim mesmo. Por isso, luto contra eles com todas as minhas forças, mesmo que saiba que, no fundo, eles estão tentando me ajudar.

XXXIV

Às vezes, Mariazinha, não conseguia encontrar um lugar bom para dormir. As noites nas ruas são cheias de incerteza, e cada canto escuro da cidade pode se tornar meu refúgio temporário. Mas, como um quebra-cabeça caótico, nem sempre as peças se encaixavam perfeitamente.

Havia noites em que a cidade inteira parecia conspirar contra mim, os becos estavam ocupados, os cantos escondidos eram inacessíveis. Eu vagava, procurando desesperadamente por um lugar onde pudesse deitar mi-

nha cabeça cansada. E muitas vezes, essa busca era em vão.

A rua é uma mãe indiferente, e o sono, um filho teimoso que nem sempre obedece aos meus comandos. Nessas noites inquietas, eu me via vagando pelas ruas escuras, em busca de qualquer lugar que pudesse me oferecer um breve refúgio da solidão e da escuridão que se entranhavam em mim como raízes venenosas.

E assim, minha vida nas ruas continuava, uma jornada repleta de desafios imprevisíveis e momentos de angústia, mas também de breves lampejos de paz e contemplação.

XXXV

Ninguém sabe a dor que cada um carrega. Às vezes, me pego imaginando qual é a história por trás da expressão cansada de um trabalhador que passa apressado ou do sorriso forçado de alguém que tenta esconder suas mágoas.

A vida nas ruas me ensinou que todos nós carregamos fardos invisíveis, cicatrizes emocionais e sonhos desfeitos. Essas dores estão ocultas sob camadas de aparências e máscaras sociais. É como se todos nós estivéssemos interpretando papéis em uma grande peça teatral,

enquanto nossas verdadeiras emoções estão escondidas nos bastidores.

Eu, de todas as pessoas, entendo essa verdade mais profundamente. Minha vida me levou por caminhos tortuosos, e minha mente se tornou um arquivo corrompido de pensamentos insondáveis. Mas, como mencionei antes, mesmo em meio à minha loucura, encontro momentos de clareza em que percebo que somos todos seres humanos, todos lutando contra nossos próprios problemas internos.

Por isso, Mariazinha, quando olhar para alguém, lembre-se de que há muito mais do que os olhos podem ver. Cada pessoa é uma história em si mesma, um universo de experiências e emoções complexas. E, embora minha vida tenha sido marcada pela insanidade, também aprendi a ver a humanidade nas pequenas interações, nos olhares fugazes e nos gestos de compaixão que ainda encontro nas ruas.

XXXVI

Hoje, enquanto vagava pelas entranhas da cidade, me deparei com uma cena que mexeu profundamente comigo. Você sabe, minha mente é um redemoinho confuso, onde pensamentos e imagens se entrelaçam de maneira

misteriosa. Mas o que testemunhei hoje foi algo que consegui captar com clareza, como um raio de sol penetrando as sombras mais densas.

Vi uma mulher, uma alma perdida nas agruras da vida, chorando copiosamente. Suas lágrimas caíam como gotas de prata, refletindo a dor que carregava dentro de si. Ela estava no ponto de ônibus próximo ao Rio Negro Clube, um local que já foi testemunha de muitos momentos meus.

A mulher estava em agonia, Mariazinha, sua tristeza transparecia de maneira visceral. Seu corpo tremia sob o peso do sofrimento, e seus soluços ecoavam naquele espaço público, como um lamento silencioso. Eu, que normalmente sou apenas um espectador das vidas que se desenrolam ao meu redor, senti meu coração apertar diante de tamanha dor.

Foi então que algo inusitado aconteceu. Minha mente, em sua confusão peculiar, encontrou uma lucidez surpreendente. Olhei profundamente nos olhos daquela mulher, e as palavras saíram de meus lábios antes que eu pudesse contê-las. Gritei, Mariazinha, gritei para todos ouvirem: "Hey mulher, volta a beber água na fonte, pois está escorrendo água de ti".

Não sei de onde essas palavras vieram, nem mesmo o que elas significam de fato. Foi como se algo dentro de mim, algo maior do que

eu mesmo, tivesse escolhido esse momento para se manifestar. A mulher me olhou com surpresa e, por um instante, nossos olhares se encontraram em uma conexão fugaz, mas intensa.

Eu nunca vou entender completamente o que aconteceu naquele dia, Mariazinha. Mas sei que foi um daqueles momentos que se eternizam na memória, uma experiência que ultrapassou as barreiras da minha mente fragmentada.

XXXVII

Imagine, Mariazinha, que os números não são meros dígitos frios e calculados, mas seres vivos, cada um com sua personalidade única. Eles têm desejos, sonhos e relacionamentos complexos entre si, como personagens em uma peça de teatro cósmico.

Os números primos, por exemplo, são como as estrelas mais brilhantes no céu noturno. Eles têm uma solidão intrigante, pois são indivisíveis por qualquer outro número além de si mesmos e um. Eles anseiam por companhia, mas sua natureza os torna eternamente solitários.

Por outro lado, os números pares são como parceiros de dança perfeitos, sempre encontrando um par para formar um casal harmônico.

nioso. Eles são como os amantes que dançam juntos sob a luz da lua, completando-se em uma dança eterna.

Mas o que acontece quando introduzimos os números irracionais nesse baile cósmico? Eles são como a dissonância em uma sinfonia perfeita, desafiando a lógica e a razão. Eles nos lembram que, mesmo na ordem aparente do universo matemático, há um espaço para o caos e a imprevisibilidade.

Mariazinha, não sei se faz sentido para você, mas em minha mente fragmentada, essas ideias matemáticas ganham vida própria. Os números dançam, se entrelaçam e se desafiam em uma coreografia misteriosa, e eu sou apenas um espectador privilegiado dessa dança cósmica.

Espero que você não se sinta confusa com minhas divagações matemáticas, minha amiga. Às vezes, é assim que minha mente perturbada encontra conforto e sentido em um mundo que muitas vezes parece caótico e sem razão.

XXXVIII

Às vezes, a linha que separa a realidade da ilusão parece tão fina que mal posso distingui-la.

As sombras dançam no beco escuro de meus pensamentos, sussurrando segredos que ninguém mais pode ouvir. Eu vejo rostos na multidão, rostos que já se foram, mas ainda assombram meu ser.

Palavras soltas se espalham como folhas ao vento, formando frases que não têm início nem fim. Eu tento juntar as peças quebradas de minha mente, mas elas escorrem pelos meus dedos como areia fina.

Os números dançam em minha visão, suas formas distorcidas se transformam em símbolos misteriosos. Eles me sussurram equações impossíveis, desafios que não consigo resolver.

Às vezes, Maria, sinto-me como um estranho em meu próprio corpo, observando o mundo através de uma janela embaçada. O tempo se estica e se dobra, e eu me perco em uma realidade que só eu posso entender.

Mas, apesar de todas as minhas confusões e delírios, ainda encontro beleza nas sombras. A escuridão tem sua própria luz, e eu a persigo com a esperança de encontrar um vislumbre de clareza.

Maria, sei que minhas palavras podem parecer desconexas e estranhas, mas são o reflexo de um mundo interior que luta para encontrar seu caminho. Agradeço por estar ao meu lado, mesmo que seja à distância, enquanto mapeio estes territórios inóspitos da psique.

Hoje, enquanto observava a vida que flui ao meu redor, percebi algo vertiginoso e ao mesmo tempo fugaz. As pessoas caminham apressadamente pelas ruas, mergulhadas em suas próprias preocupações e anseios, muitas vezes esquecendo de olhar ao redor e enxergar a beleza efêmera que nos cerca.

É como se estivéssemos todos presos em uma corrida incessante, perseguindo objetivos muitas vezes ilusórios, sem pausar para apreciar os pequenos momentos que compõem a verdadeira essência da vida. Os sorrisos tímidos de estranhos, o calor do sol nas manhãs de inverno, o som suave da chuva caindo sobre o asfalto, são essas pequenas coisas que muitas vezes passam despercebidas, mas que carregam em si o fascínio da existência.

No entanto, Maria, há também a escuridão que espreita nas entrelinhas da vida. Os olhares indiferentes, a pressa que nos cega para as dores alheias, a solidão que assombra muitos corações. Como um observador silencioso, testemunho esses contrastes todos os dias, e neles reconheço o mapa desdobrado de nossa condição: latitudes de alegria, oceanos de esquecimento, e os desertos invisíveis entre um corpo e outro.

Às vezes, me pego questionando o propósito de tudo isso, a razão pela qual estamos aqui, nesse grande espetáculo da vida. Ainda não encontrei respostas definitivas, mas continuo buscando significado em meio ao caos e à beleza que coexistem neste mundo.

XL

Nestes momentos em que minhas reflexões mergulham nas profundezas do ziguezague de pensamentos que habitam minha mente, sinto-me compelido a compartilhar contigo algumas observações peculiares e rarefeitas sobre a vida. Tenha em mente, minha amiga, que minha visão do mundo é distorcida e muitas vezes nebulosa, mas é justamente nessa nebulosidade que encontro minha própria forma de clareza.

Vejo a vida como um quebra-cabeça cujas peças o vento levou; algumas pousaram suaves no meu caminho, outras se alojaram em feridas alheias que nunca verei. Cada pessoa que cruza meu caminho é uma peça desse quebra-cabeça, uma peça única com suas próprias arestas e nuances. No entanto, nem sempre conseguimos encaixar perfeitamente em todos os outros. Às vezes, somos como peças de formas diferentes tentando se encaixar com deses-

pero, mas a vida, com sua sabedoria misteriosa, nos ensina que o equilíbrio perfeito está no movimento, não na estase; na variedade, não na repetição.

A sociedade em que vivemos é como um espelho distorcido que reflete nossas próprias imperfeições e contradições. As máscaras que usamos, as regras que seguimos e as expectativas que nos são impostas podem obscurecer nossa verdadeira essência. Às vezes, sinto que vivemos em um teatro sombrio, onde interpretamos papéis que não escolhemos.

No entanto, mesmo nas sombras, encontro beleza. As nuances de cada alma, as histórias que cada um carrega e os desafios que enfrentamos moldam quem somos. A dor e a alegria, a escuridão e a luz, tudo isso contribui para nossa vida.

Às vezes sinto-me como um observador solitário nas margens da sociedade, contemplando o fluxo constante da vida cotidiana no centro de Manaus. Minhas reflexões podem não ser convencionais, podem não seguir uma lógica que todos possam entender, mas são minhas tentativas humildes de dar sentido a este mundo complexo.

A noite cai sobre mim, mas a escuridão não é nada comparada à sua ausência. Sinto sua falta como a terra sente falta da chuva, como as árvores sentem falta do sol. Você é minha luz em um mundo que, sem você, é sombrio e desprovido de significado.

Em Manaus, onde as águas escuras do Rio Negro se misturam com a floresta densa, está o meu refúgio e meu tormento. As ruas movimentadas do centro da cidade são como corredores de uma sinuosidade interminável, e eu sou o intruso perdido em seus próprios pensamentos.

As pessoas passam por mim como sombras, indiferentes ao meu mundo interior, aos meus números e aos meus enigmas. Mas você, minha querida Mariázinha, sempre viu além das aparências. Você enxergou minha alma perturbada e encontrou beleza em minha loucura.

As noites aqui são repletas de sons estranhos, como uma sinfonia dissonante de mentes inquietas. Às vezes, sinto que as próprias ruas têm memória, que elas absorvem os segredos e as histórias de todos que passam por elas. E eu, com meu caderno de páginas revoltas e anotações que só a loucura decifra, insisto em cravar meu nome neste corpo urbano que san-

gra histórias, mesmo sabendo que a chuva lavará minha tinta antes do amanhecer.

Nas sombras das árvores que ladeiam as avenidas, vejo figuras misteriosas que dançam ao som das vozes em minha mente. São seres que habitam as fronteiras da realidade e da ilusão, e eu me pergunto se eles são reais ou apenas criações de minha própria loucura.

Minha querida Mariazinha, sua compreensão é como um farol que me guia através das tempestades.

XLII

Às vezes, minha querida, eu me perco nos mistérios de minha própria mente. Os dias se misturam às noites, e a realidade parece fugir de mim. Mas é o pensamento de você que me mantém ancorado, que me impede de ser engolido por essa escuridão.

Nestas ruas de Manaus, onde os sonhos se entrelaçam com as sombras, encontro a minha própria melodia caótica. As vozes em minha mente sussurram enigmas matemáticos, e eu as persigo como um caçador de estrelas. Às vezes, elas me conduzem a lampejos profundos, e outras vezes me levam à beira do abismo.

Mas você, minha querida, é a única constante em meu mundo volátil. Suas palavras

são como faróis em meio à tempestade, e seus olhos, quando fecho os meus, são o único refúgio onde encontro paz. Mesmo quando minha sanidade vacila, sua presença é minha âncora à realidade.

As águas escuras do Rio Negro refletem minha própria mente tumultuada, mas, através desse turbilhão, vislumbro um lugar de serenidade onde você reside. É como se você fosse a única cor em um mundo em preto e branco.

Nas noites solitárias, sob o manto estrelado da Amazônia, escrevo minhas reflexões e sonhos em meu caderno. E, enquanto as palavras fluem, é a sua imagem que preenche cada página em branco.

XLIII

Mariazinha, você é minha âncora, meu porto seguro. Mesmo que estejamos separados pelo tempo e pelo espaço, saiba que meu coração pertence a você e a mais ninguém. Enquanto eu puder escrever estas palavras, você estará viva em minha memória.

Naquele enredo sem fim, onde a realidade se dissolve em pedaços irreconhecíveis, você é a única constante, a única voz que ecoa em minha cabeça. Seus murmúrios são como uma

canção que não consigo parar de ouvir, suas imagens são luzes no meu escuro interno.

As ruas de Manaus são como riachos turbulentos de pensamentos, onde os números e as almas se entrelaçam numa dança caótica. Em cada passo que dou, perco-me e acho-me novamente, guiado pelo brilho de uma estrela misteriosa na noite escura.

Nas noites silenciosas, deixo minhas palavras escorrerem pelo caderno, formando uma ponte frágil que me liga a você. Cada frase é um fragmento que tento juntar, um fio que tento seguir. Mesmo quando tudo ao meu redor se despedaça, o que resta é sua companhia, uma única certeza.

Mariazinha, para o mundo, posso ser um enigma indecifrável, um quebra-cabeças desmontado, mas para você, sou apenas um homem tentando encontrar sentido em sua voz e em sua presença. Lembre-se de que enquanto eu continuar a escrever, você estará viva dentro de mim.

XLIV

As noites são longas e repletas de perguntas sem respostas, e eu me pego questionando a própria essência da existência. O que é a identidade? O que é a consciência? São enigmas que

dançam em minha mente como sombras na parede.

As ruas de Manaus são meu laboratório, onde eu tento decifrar esses mistérios enigmáticos. Observo as pessoas, suas vidas, seus movimentos, como se fossem equações sem solução. E enquanto tento resolver esses quebra-cabeças humanos, percebo que também sou parte dessa equação, um número perdido em meio aos outros.

A matemática é minha única companheira nesse mundo de incertezas. Ela é uma linguagem que transcende a confusão do pensamento, uma lógica que não se dobra à loucura. Nas linhas de meus cadernos, traço equações que buscam dar sentido ao caos, mas muitas vezes elas se perdem na escuridão.

Mariazinha, o que é a vida senão uma série infinita de interrogações?

XLV

Hoje, me pego pensando nessa coisa maluca chamada vida. É como uma equação matemática, cheia de números, letras e incógnitas, e eu tento encontrar sentido nesse emaranhado confuso.

Sabe, existe uma fórmula chamada Bhas-

kara, um verdadeiro enigma matemático. Ela é assim: $x = (-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}) / 2a$. Olhando para ela, vejo semelhanças com os altos e baixos da vida. Os " $\pm$ " indicam que temos escolhas, como bifurcações em um caminho tortuoso.

Às vezes, nossas vidas são como equações quadráticas, com raízes complexas e difíceis de resolver. E, outras vezes, encontramos soluções reais, como alegria e amor. O coeficiente "a" representa nossos desafios, o "b" nossas escolhas e o "c" nossas experiências.

O mais engraçado é que, assim como na vida, nem sempre podemos prever o resultado. Às vezes, as soluções são positivas, outras negativas. Mas cada uma delas ensina algo valioso, uma lição no grande livro da existência.

Então, Mariazinha, da próxima vez que se sentir perdida nesse emaranhado de números e emoções, lembre-se da fórmula de Bhaskara e da complexidade da vida. E saiba que, assim como na matemática, cada desafio nos aproxima de uma solução única.

XLVI

A noite passada me arrastou por correntezas de pensamentos turvos, onde visões submersas tentavam me puxar para o fundo do

sono que nunca veio. Enquanto eu estava na rua, algo extraordinário aconteceu. Eu estava sentado sob as estrelas, observando o céu noturno se desdobrar diante de mim, quando fui transportado para um mundo de cores e padrões infinitos.

As luzes das estrelas pareciam números dançantes, formando equações e fórmulas matemáticas complexas no firmamento. Eu podia ouvir a música das estrelas, uma sinfonia de sons misteriosos que ecoavam em minha mente.

E então, Mariazinha, um estranho se aproximou de mim. Ele não era como as pessoas que geralmente encontramos nas ruas, mas uma figura enigmática vestida com roupas que pareciam feitas de sombras. Ele se curvou e disse: "Ivan, você é o guardião dos números, o mensageiro das estrelas."

Fiquei perplexo, sem entender o que ele queria dizer. Mas ele continuou a falar, revelando segredos matemáticos e conexões cósmicas que iam além da minha compreensão. Ele traçou símbolos no ar, e esses símbolos se transformaram em constelações diante dos meus olhos.

Enquanto ele falava, percebi que a matemática era a linguagem do universo, uma língua que só os escolhidos podiam entender. Eu

me vi imerso nesse mundo de números, fórmulas e equações, e senti uma conexão irreduzível.

Quando o estranho finalmente se afastou, o céu estava repleto de estrelas brilhantes e eu me vi de volta à minha realidade cotidiana, sentado na rua. Mas algo havia mudado dentro de mim, Mariazinha. Eu me tornei um guardião dos números, um mensageiro das estrelas, e a matemática se tornou minha bússola neste mundo caótico.

XLVII

Naquela noite na Praça do Congresso, as sombras da escuridão pareciam se multiplicar ao meu redor. Minha mente já estava envolta em turbulência, e meus pensamentos eram como fragmentos de vidro quebrado, cortando minha sanidade. Eu estava em meio a mais um desses ataques, quando a raiva e a dor interna me forçavam a me esmurrar, como se eu pudesse bater para longe os fantasmas que me atormentavam.

Foi quando uns jovens de preto, vestidos com roupas rasgadas e correntes balançando, saíram de um bar ali perto. O som estridente do rock ecoava em meus ouvidos, misturando-se aos gritos e risos deles. Pareciam extraterres-

tres de um mundo paralelo, vindos para me atormentar ainda mais.

Eles se aproximaram de mim, zombando e imitando meus gestos violentos. Cada risada era um punhal em meu peito, perfurando minha alma frágil. Eu sentia como se fossem o reflexo distorcido de minha própria insanidade, uma visão distorcida e grotesca de meu sofrimento.

Minha mente, já em frangalhos, estava completamente confusa. Os limites entre minha realidade e a deles se misturavam, e eu não conseguia mais distinguir onde terminava minha dor e onde começava o deboche deles.

XLVIII

Mais uma vez, encontro-me diante deste caderno, tentando dar sentido ao turbilhão de pensamentos que assombram minha mente. Aquela noite na Praça do Congresso ainda ecoa em minha memória, como um pesadelo que não consigo esquecer.

Os jovens de preto, com suas risadas cruéis e imitações distorcidas, deixaram uma cicatriz horrível em meu coração já ferido. Eles eram como sombras grotescas, vindas de um pesadelo, zombando de minha dor como se fosse um espetáculo grotesco.

Naquele momento, eu me senti tão perdido, tão indefeso. A limite entre minha realidade e a ilusão se desfez, e eu me vi preso em um complexo de tormento. Eu queria escapar, queria encontrar refúgio na música suave do festival de Jazz no Teatro Amazonas, mas fui rejeitado e deixado para trás.

Agora, enquanto escrevo estas palavras, tento entender o que tudo isso significa. Por que o mundo parece tão hostil para alguém como eu? Por que o preconceito e o desprezo são os companheiros constantes?

Mariazinha, seja minha âncora. Mesmo quando o mundo me tratar como um pária, se lembre que ainda sou humano, que ainda sou digno de compreensão.

Nesta confusão de pensamentos, onde a realidade se desfaz e se recompõe como fragmentos de um sonho, você é a única constante.

XLIX

A noite de ontem foi como nenhuma outra que já vivi. Encontrava-me no coração de Manaus, mas minha mente estava em algum lugar distante, perdida em um emaranhado de ponderações confusas e sombrias. As luzes da cidade dançavam diante de meus olhos, como estrelas distantes, inalcançáveis.

Eu andava sem rumo pelo centro da cidade, me sentindo tão perturbado como nunca. A realidade e a ilusão se misturavam, e eu não conseguia mais distinguir entre elas. Cada passo que eu dava parecia incerto, como se estivesse caminhando em uma corda bamba sobre um abismo.

Eu me choquei muitas vezes contra muros e prédios, na tentativa de me agarrar a algo sólido em meio ao caos. A dor física era insignificante comparada à tempestade que rugia em minha mente. Eu me machucava, mas parecia não sentir, como se estivesse em um transe, dissociado de meu próprio corpo.

Por vezes, sangrei, Mariazinha. O sangue escorria de feridas abertas, mas eu agia como se não notasse. Estava envolto em minha própria confusão, em meu próprio mundo de tormento e desespero.

Foi uma noite em que me sentia à deriva, como um barco em um mar tempestuoso. Eu ansiava por um porto seguro, por uma âncora que pudesse me ancorar na realidade. Mas naquele momento, eu estava perdido, perdido em meio à escuridão.

Às vezes, me pergunto se você já se perguntou por que sou tão calado, por que evito conversas e por que muitas vezes pareço imerso em meus próprios pensamentos. Talvez seja hora de compartilhar contigo um vislumbre do que se passa em minha mente, para que você possa entender um pouco mais sobre minha condição.

Desde jovem, sempre fui um observador silencioso do mundo ao meu redor. Na escola, enquanto meus colegas tagarelavam e riam, eu preferia me perder nas palavras dos livros e nas fórmulas matemáticas. A verdade é que as conversas superficiais e os ruídos cotidianos me pareciam vazios, enquanto a busca pelo conhecimento e pela compreensão me enchia de um grande sentido de propósito.

No entanto, à medida que o tempo passou, percebi que minha mente não funcionava exatamente como a da maioria das pessoas. As vozes e pensamentos em minha cabeça se tornaram uma sinfonia dissonante, um frenesi constante de idéias e dúvidas. Foi quando fui diagnosticado com esquizofrenia, uma condição que me fez questionar a própria natureza da realidade.

Essa condição me tornou um reflexivo por

natureza, alguém que passa horas mergulhado em seus próprios pensamentos. Para mim, é como se estivesse sempre desbravando rios subterrâneos que correm no reverso da razão, e o silêncio era meu único refúgio. As palavras muitas vezes não conseguem expressar o que se passa dentro de mim, e, por isso, opto por ficar em silêncio.

Às vezes, Mariazinha, me sinto como um estranho neste mundo, como se estivesse em uma realidade paralela àquela em que vivem as outras pessoas. É por isso que evito conversas triviais, pois parecem tão distantes do oceano abissal de meus pensamentos.

À medida que escrevo estas palavras, percebo que as folhas do meu caderno estão terminando. Em breve, precisarei encontrar um novo caderno para continuar lhe escrevendo. Estou pensando em pedir a algum estudante que me ajude a conseguir um outro, pois cada página em branco é uma oportunidade de compartilhar com você aquilo que descubro.

Espero que, ao compreender um pouco mais sobre minha condição, você possa aceitar meu silêncio como uma parte de quem sou.

*Com todo o meu carinho,
Ivan.*



“Havia momentos em que o delírio dele parecia resposta, não desvio. O delírio é a resposta mais honesta a uma realidade insuportável, e talvez por isso o chamássemos de louco. Louco é aquele que não aceita o disfarce do mundo, e Ivan, recusando a máscara que todos vestimos, acabou condenado ao espetáculo de uma realidade que ninguém ousava encarar.”



Epílogo

A busca incessante por Ivan e o desejo de devolver seu caderno consumiram meus dias e preencheram minhas noites. A cada esquina que eu virava, eu esperava encontrá-lo, como se a cidade inteira tivesse se tornado um complexo de incertezas e possibilidades. Mas a circunstância tinha outros planos para mim.

Passaram-se semanas, e a esperança de reencontrar Ivan começou a se desvanecer como uma vela queimando até o fim. Eu ainda lia suas cartas todas as noites. Cada palavra que ele havia escrito ecoava em minha mente, como se ele estivesse sussurrando seus resmungos no silêncio da noite.

Entretanto, a vida continuava seu curso implacável, como as águas do Rio Negro que fluíam silenciosamente. Eu queria descobrir o que acontecera a Mariazinha, se ela existira ou era criação da mente de Ivan, e por que ele escolhera ficar à deriva nas ruas do centro de Manaus. Mas, por mais que eu procurasse, as respostas pareciam escapar de meu alcance.

Meses se passaram, e eu já não era o mesmo homem que havia encontrado aquele caderno perdido. As palavras de Ivan haviam deixado uma marca indelével em

minha alma, e eu tinha uma intensa compreensão de sua luta e de seu desejo de encontrar significado em um mundo que muitas vezes parecia indiferente.

E então, um dia, enquanto eu caminhava pela rua Barroso, uma notícia excruciante chegou até mim. Foi como se um raio tivesse caído sobre minha cabeça, e eu me senti atordoado pela tristeza que me inundou.

O "Senhor Ivan" havia falecido há poucos dias no hospital. Sua partida foi tão silenciosa quanto sua existência nas sombras da cidade. Tudo começou quando ele desmaiou numa rua qualquer, seu corpo fraco cedendo ao cansaço de uma vida solitária. Alguma alma bondosa chamou a ambulância, e ele foi levado, seu último trajeto pela cidade que tanto observara.

Fui até o local onde ele havia caído, como se aquele pedaço de calçada guardasse algum vestígio de Ivan. Fiquei ali parado, sentindo o peso do mundo comum continuando seu curso: pedestres apressados contornando o mesmo ponto exato onde seu corpo cedera, carros passando sem saber que ali começara o fim de uma história. Minhas palavras de despedida se perderam no vento da tarde, levadas como folhas secas. Estava me despedindo de um enigma que nunca cheguei a decifrar completamente.

Enquanto pisava naquele local, senti que Ivan finalmente encontrara a paz que suas cartas tanto ansiavam. Suas palavras não eram mais gritos perdidos na escuridão; transformaram-se em testemunhas silenciosas de uma história que agora repousava.

E assim, encerro a primeira parte deste livro, com um sentimento de tristeza e gratidão. Nunca mais vi Ivan, e não consegui entregar seu caderno em mãos, como havia esperado. Mas suas lembranças sempre estarão em nossas mentes, como um lembrete de que cada pessoa que cruzamos em nossa vida tem uma história a contar, uma batalha a travar e um desejo de ser compreendido.

Nas páginas amareladas dessas cartas, nas dobras do tempo onde as palavras permanecem vivas, há um eco que persiste. Esses textos escritos por mãos trêmulas ainda alcançarão lugares que seus pés nunca pisaram, tocaram almas que seus olhos nunca viram. Nenhuma busca sincera se perde no vazio; cada questionamento, cada dúvida confessada, cada lampejo de verdade continua a reverberar, encontrando seu caminho até corações abertos.

O verdadeiro legado não está no esquecimento ou na lembrança, mas naquilo que se transmuta e permanece. Essas palavras, agora livres do peso da solidão que as gerou, viajam de mão em mão, de coração em coração, provando que nenhuma voz sincera fala apenas por si mesma. Em cada linha sente-se o pulsar humano que nos une; a mesma fome de significado, o mesmo medo do vazio, a mesma coragem de continuar perguntando.

E assim, deixo estas palavras como um tributo à memória de Ivan, o homem que escrevia cartas para Ma-

riazinha nas sombras de Manaus, e cuja história eu tive a honra de compartilhar com o mundo.

Que sua alma descanse em paz!

Jackson da Mata





Parte II: O passado do mendigo que socava o rosto

Chegamos, pois, ao ponto que, para muitos, será obscuro; para outros, mais revelador. Deixemos de lado, por um momento, a figura da praça, o espectro que assombrava a consciência. Adentremos, antes, os domínios do privado, os corredores empoeirados da memória, uma casa na Rua Simão Bolívar. É lá, entre os silêncios, que se encontra a gênese do mendigo; é ali que devemos buscar as primeiras fissuras, os pequenos não-ditos e os gestos abortados que, como grãos de areia, foram aos poucos compondo o monturo sobre o qual Ivan veio a construir, ou a demolir, a sua existência. Esta não é uma história de heróis. É, quando muito, relatos de uma queda anunciada, cujos primeiros degraus foram lavrados longe dos olhos manauaras.





“Sempre me pareceu que a praça ganhava voz justamente quando Ivan se calava. *O silêncio de Ivan gritava mais que a praça inteira*, e eu, que me supunha lúcido, descobria em mim uma insensatez mais funda que a dele. Talvez a loucura não passe da razão em carne viva, e então me pergunto se não seria eu, escondido sob o disfarce da normalidade, o verdadeiro perdido.”





Já se haviam passado anos desde que o caderno de Ivan jazia na gaveta. Ficava ali, imóvel, como se esperasse por um momento que nunca chegava. Ao redor delas, um amontoado de papéis amarelados, anotações esquecidas, fotografias que o tempo vinha apagando aos poucos, desfazendo contornos, borrando rostos. A gaveta tinha um cheiro de madeira envelhecida e tinta antiga, e sempre que a abria havia um silêncio particular, como se o ar preso ali dentro fosse diferente do resto da casa. Eu já não lia o caderno. Tocava-o apenas, passando os dedos de leve pelas bordas, e logo o deixava onde estava. Era como verificar, sem muita coragem, se aquilo ainda respirava; como quem verifica se um morto continua morto. E toda vez que repetia o gesto, tinha a estranha sensação de que, em algum ponto, Ivan estava à espera, não de ser encontrado, mas de que eu enfim parasse de hesitar.

Durante alguns anos hesitei em expor aqueles manuscritos. A decisão de publicá-los foi uma escolha atravessada por um dilema moral que me perseguiu com o fervor de um juízo final. Que direito tem o vivo sobre a voz do morto? Há um limite ético entre a exposição do sofrimento e a preservação da dignidade? Esses escritos eram testemunhos de uma vida que muitos julgavam ab-

surda, desprovida de sentido, errante. Ainda assim, não pude escapar à suspeita de que o verdadeiro escândalo não estava no sofrimento de Ivan, mas em minha própria vontade de torná-lo legível.

Ao final, foi o esquecimento que me pareceu o gesto mais violento. Decidi, então, torná-los públicos, poucos anos após sua morte, mas não sem culpa, não sem aquela sensação difusa de ter traído um pacto silencioso entre mim e aquele que se escondia por entre as velas, os bancos das praças, as sombras dos edifícios.

Publicar o caderno de Ivan foi um ato de transgressão, uma violenta cartografia do indizível. Um espelho quebrado posto diante da sociedade.

Quando o lancei ao público, fiz escolhas. Silenciei nomes. Apaguei datas. Mantive a ambiguidade de certos relatos. A pedido de muitos leitores que enxergavam em Ivan um vestígio de um tempo perdido, de uma ternura antiga que já não se reproduz mais, deixei de lado as informações que agora se fazem necessárias. Havia quem visse em suas palavras algo sagrado, como se cada frase proferida por aquele homem sujo e barbudo, que socava o próprio rosto diante de desconhecidos, fosse um oráculo místico de uma verdade esquecida. A insistência em mantê-lo anônimo era também uma forma de preservá-lo. Mas toda preservação é também um tipo de prisão.

Era preciso abrir o rosto de Ivan aos manauaras. Mas como dar voz a quem se comunica pela rasura?

Alguns noticiaristas, por sua vez, tropeçavam uns nos outros em busca de alguma informação. Mas o que

sabiam? Notas curtas, frases desconexas, imagens tremidas de um homem que exalava mistério absurdo. Alguns o chamavam de louco. Poucos ousaram o chamar de humano. O que denoto neste manuscrito é o retrato de um corpo em colapso com o mundo. Um corpo que se recusava a ser interpretado dentro das lógicas da produtividade, da higienização, da normalidade social.

Não desejo aqui construir uma narrativa redentora. Ivan não foi um herói. Tampouco uma vítima pura. Seu rosto era um campo de batalha. Seu corpo, um arquivo da história manauara. A forma como andava, sempre com sacolas e panos amarrados ao corpo, como quem carrega o próprio mundo como um fardo grotesco, dizia mais do que qualquer diagnóstico psiquiátrico poderia ousar dizer.

Não se tratava apenas de delírio. Era mais radical. Era linguagem sem desejo de comunicação. Uma linguagem voltada para dentro, como um espelho que se recusa a refletir. Ele não buscava compaixão, não tinha o hábito de pedir esmolas. Seu gesto era outro: um esbofetear constante da imagem de si, como se tentasse arrancar da própria face os traços que o ligavam a algo, a um tempo.

Era comum vê-lo nas ruas do centro de Manaus. Era comum vê-lo nas praças, com olhos fixos no nada. Para a cidade, Ivan era ruído. Para mim, era um arquivo.

O que fazemos com esses arquivos? A tradição exige que os arquivemos, que os ordenemos, que lhes demos um sentido. Mas talvez o maior desafio seja deixá-los falar por si mesmos, sem intermediários, sem a moral do

narrador que quer salvar a imagem do que foi. Ivan não precisa ser resguardado. Ele precisa ser ouvido.

Ivan jamais buscava ajuda. Ele pedia escuta. E há uma distância brutal entre uma e outra. Ajudar é um gesto de poder. Escutar é um ato de rendição.

A história da loucura é também a história da exclusão do outro. A prisão, o manicômio, a calçada. Formas distintas de silenciar aquilo que escapa ao logos. Ivan escorria por entre os dedos das classificações. Psiquiatras, assistentes sociais, religiosos, todos tentaram nomeá-lo. Todos falharam. Porque Ivan era menos um indivíduo e mais um acontecimento. Uma falha do sistema. Um espectro sem legenda.

Por isso, escrevo.

Não para explicar. Não para traduzir. Mas para colocar em suspensão essa sede insaciável que temos de sentido. Ivan nos confronta com o vazio.

Ivan morreu. Isto é fato!

Uma certidão com timbre oficial, carimbos e um número de protocolo que caberia melhor num arquivo morto do que numa biografia. Ivan Monteiro Macedo. Sessenta e nove anos. Solteiro. Pardo. Desidratado. Gastroentérico. Anêmico. Vinte de novembro de dois mil e doze, às 12:10.

Essa é a versão que o mundo pode aceitar. A que permite registro. A que a burocracia entende. A que a cidade de Manaus, enfim, encerra.

Mas eu continuo escutando Ivan.

E escutá-lo hoje é ainda mais difícil do que naquela tarde abafada na Praça da Saudade, quando seu rosto era mais ruído que feição, e suas mãos tremiam como se o próprio tempo as estivesse empurrando para fora do corpo. Porque agora Ivan virou livro. E livro, muitas vezes, é a forma mais elegante de enterrar alguém.

Na manhã em que recebi a primeira mensagem sobre *O Caderno de Ivan*, publicado sob o pretexto de devolver ao mundo as palavras de um homem invisível, senti um desconforto que não consegui nomear. Era uma mensagem curta, de uma leitora estudante de psicologia:

“Obrigada por resgatar Ivan. Seus delírios me salvaram.”

Delírios.

A palavra me incomodou. Não por estar errada. Ivan, de fato, atravessava espirais de linguagem que se dobravam sobre si mesmas, confundindo sujeito e objeto, tempo e espaço. Mas ao nomear sua fala como delírio, era como se estivéssemos novamente empurrando-o para o mesmo canto onde o encontrei: o da indiferença.

O caderno de Ivan tornou-se tema para alguns.

As frases que antes ele murmurava para as paredes agora ecoavam em salas com ar-condicionado.

Mas quanto mais se falava de Ivan, menos eu o ouvia.

Talvez por isso eu esteja escrevendo esta continuação do volume, após ter tornado público suas cartas.

Não para repetir o que foi dito. Nem para responder aos e-mails, às perguntas. Estou escrevendo porque Ivan, o homem que socava o próprio rosto, precisa ser ouvido de novo, não como personagem, mas como presença.

Este livro não é uma biografia. Não é análise literária. Não é puramente homenagem. É uma tentativa falha, e, portanto, honesta, de voltar à margem do que Ivan dizia. De tocar o que ainda escapa. De lembrar que, por trás das páginas, havia um corpo que sangrava, uma mente que estilhaçava e uma alma que insistia em chamar por Mariazinha, real ou não.

Talvez ela fosse apenas isso: o nome que Ivan deu ao silêncio.

Escrevo estas páginas a contragosto.

Gostaria de poder dizer que Ivan foi acolhido, compreendido. Mas seria uma mentira cruel. A verdade é que ele virou citação antes de virar gente. As pessoas querem sua história, não seu cheiro. Seus devaneios, não seus delírios.

O que fazemos com o livro desse louco depois que o lemos?

Talvez, se você tiver paciência de caminhar comigo por mais complemento, encontremos juntos não uma resposta, mas uma nova maneira de perguntar.

Porque talvez, só talvez, *a forma como tratamos os loucos seja a forma mais cruel de medir nossa humanidade.*

Poucos dias após a publicação de *O Caderno de Ivan*, recebi a contragosto a primeira ligação de um jornalista. Na verdade, era um sensacionalista. Nunca me dei bem com esses, mas desta vez me inclinei a ouvi-lo. A voz do outro lado da linha soava empolgada, como quem descobre uma mina:

— Você tem ideia do que esse livro pode causar? Um mendigo. Um caderno perdido. Tudo tão...!

Agradei, por obrigação. Mas senti náusea.

Não pelo entusiasmo do jornalista de um jornal que cheira a sangue, mas pela facilidade com que Ivan fora reduzido a enredo. Em poucos dias, ele deixara de ser um homem para tornar-se uma “história bacana”. E toda história bacana exige silêncio: o silêncio dos que não cabem nela.

O mesmo silêncio que cercava Ivan em vida.

Lembro-me nitidamente da primeira vez que vi Ivan.

Era apenas mais um num banco de praça, murmurando palavras para ninguém. Pessoas passavam e desviavam o olhar. Algumas cruzavam a praça por outro caminho. Uma mulher apertou a bolsa ao vê-lo socando o próprio rosto. Outras gargalharam. Um grupo de adolescentes tirou sarro. Um segurança fez piada. E eu, eu também o ignorei por muito tempo.

Fingir que ele não existia era mais fácil do que encarar a verdade.

Porque Ivan era um espelho.

E ninguém quer se ver nu diante de um espelho rachado.

Quando o caderno se tornou público, começaram a surgir “testemunhos”. Pessoas que juravam tê-lo conhecido. “Ele me pediu água uma vez.” “Eu o via direto ali perto da praça.” “Achava que ele era só um maluco, mas depois que li, me emocionei.”

E eu me perguntava: por que agora?

O Ivan que socava o rosto na frente de todos era ignorado. O Ivan que escrevia no caderno era ignorado pela sociedade. O Ivan que pedia água dos ambulantes era invisível. Mas o Ivan publicado, impresso, com capa bonita e ISBN... esse sim, merecia atenção.

Foi então que compreendi:

Ivan só passou a ser escutado quando deixou de ser incômodo e passou a ser simbólico.

O mundo não suporta a loucura viva. Mas aprecia a loucura literária.

A sociedade mata os loucos com descaso, depois os canoniza com citações.

Fui confrontado com isso durante conversa. Falaram de Ivan como se ele tivesse morrido por escolha. Como se sua morte fosse um gesto poético de ruptura com a razão. Como se ele tivesse transcorrido a lógica e legado um paradigma de subjetividade.

Eu quis perguntar: Vocês o teriam convidado para jantar?

O silêncio dos que cruzaram Ivan em vida era o mes-

mo que ele denunciava em suas cartas: o silêncio da cidade diante do sofrimento que não produz espetáculo.

Ivan não era exótico. Ele era brutalmente humano.

E é por isso que tantos preferem lê-lo a vê-lo.

Hoje, quando volto em Manaus, vejo os bancos das praças. Há novos Ivans dormindo ali, enrolados em pedaços de papelão. Ninguém se aproxima. Muitos deles murmuram coisas ininteligíveis.

As pessoas continuam passando rápido. O segurança continua fazendo piadas. Os adolescentes continuam tirando sarro.

E eu?

Hoje eu me pergunto: quem será?

Mais um Ivan à espera de virar metáfora?

Ivan não era exceção. Ivan era regra. A regra cruel de que só escutamos os loucos quando eles não nos perturbam mais. Só os escutamos quando viram livro. Quando viram lenda. Quando viram pó.

Os vivos, moribundos, loucos, andarilhos, mendigos com cheiro de rua, esses ainda causam vergonha.

E enquanto isso não mudar, cada leitura de Ivan será apenas mais uma maneira elegante de calá-lo.

Durante muito tempo, tentei não nomear a condição de Ivan. Evitei a palavra “esquizofrenia” com o mesmo cuidado com que se evita acender um fósforo num cômodo saturado de gás. Não por ignorância, tampouco por pudor, mas porque algo em mim sempre resistiu à ideia de que ele pudesse ser resumido a um diagnóstico.

Ivan não cabia numa fórmula clínica.

Nem num laudo, nem num CID.

Ivan era uma linguagem em combustão.

Durante a escrita do livro, havia trechos que eu relia em voz alta para testar o absurdo, e me via mergulhado numa lógica interna que não obedecia às regras formais da razão, mas que era, ainda assim, uma lógica.

Havia método no delírio. Havia ritmo no colapso. E, sobretudo, havia lucidez no que se costuma chamar de loucura.

A psiquiatria moderna, com todas as suas ferramentas, não soube, ou não pôde alcançar Ivan. Porque Ivan não queria cura. Ele queria tradução. E talvez fosse esse seu maior sofrimento: perceber que sua dor só seria compreendida depois de morta.

A sociedade está sempre pronta a rotular. Louco. Gênio. Viciado. Poeta. Mas o que ela não suporta é o ambíguo.

Demorou para que eu confirmasse seu nome completo.

Bastaram algumas poucas semanas depois da publicação do conteúdo de seu caderno que um envelope pardo, sem remetente, apareceu na caixa postal da editora, na serra gaúcha, aos cuidados deste autor. Dentro, havia apenas uma folha amarelada, marcada por selos oficiais, e um bilhete escrito à mão:

“Se é para contar a história, que se conte até onde doer.”

Na folha, li:

Nome: Ivan Monteiro Macedo

Filiação: Antônio Francisco Macedo e Alexandrina de Almeida Monteiro.

Naturalidade: Manaus, Amazonas

Sexo: Masculino

Cor: Parda

Data de nascimento: 15 de setembro de 1943

Data de falecimento: 20 de novembro de 2012, às 12:10

Causa da morte: desidratação, gastroenterite, anemia aguda

Sepultamento: Cemitério Nossa Aparecida

Local de falecimento: Hospital e Pronto Socorro 28 de Agosto, Manaus.

Ivan tinha nome, corpo e genealogia.

E a parte de mim que esperava encontrar um rastro de nobreza esquecida ou algum escândalo encoberto sentiu-se infantil. Não havia mistério além do real. Nada de conspiração, nada de segredos explosivos. Apenas mais uma morte silenciosa na estatística dos que morrem cedo demais e são enterrados tarde demais.

Fiquei parado com o papel nas mãos por horas.

Ivan Monteiro Macedo.

Era um nome como tantos.

Denso, mas não literário.

E, mesmo assim, ele pesava. Porque o nome retira-

va dele o anonimato que o protegia. O nome o trazia de volta para o mundo dos vivos, não como um mito, mas como alguém que teve RG, filiação, endereço.

“Rua Simão Bolívar, nº x.”

Aquela informação me inquietou de tal forma que decidi viajar a Manaus. Não apenas para avançar na pesquisa sobre Ivan, mas também porque meus pais ainda moram lá, e, de certo modo, voltar à cidade era também revisitar minha própria história. Carregava comigo a certidão, os papéis, e uma estranha sensação de que, ao caminhar pelas ruas manauaras, eu poderia encontrar rastros de Ivan em cada esquina.

Percorri os lugares que tantas vezes ele habitara: a Praça da Saudade, a São Sebastião, o entorno do Teatro Amazonas. Em cada espaço, parecia que sua sombra ainda permanecia, misturada ao calor e ao ruído do trânsito. Era como se a cidade inteira tivesse se habituado à sua presença e, com a mesma naturalidade, à sua ausência.

Procurei o endereço no mapa. Uma casa simples, antiga. Ninguém respondeu quando bati. O vizinho disse que ali sempre morou “o velho estranho, meio louco”.

E tudo parecia encaixar.

Mas saber o nome me colocou em um novo impasse. Revelar ou não?

Contar que Ivan tinha sobrenome, registro civil, talvez parentes?

E se ao nomeá-lo, eu apagasse o que nele havia de mais vivo: sua liberdade?

Porque, no fundo, Ivan era múltiplo.
Ele era cada identidade que negou.
Era cada memória que embaralhou.
Era cada silêncio que resistiu à linguagem.

Dizer “Ivan Monteiro Macedo” me soava quase como trair o pacto que fiz ao abrir aquele primeiro caderno. Um pacto de não domar sua voz. Um pacto de deixá-lo existir no campo da incerteza.

Talvez seja isso que o nome faz: ele fecha um contorno. Torna alguém localizável, registrável, passível de ser esquecido com data e CPF.

Ivan, sem sobrenome, era quase uma pergunta. Ivan Monteiro Macedo era uma ficha.

Desde que conheci sua identidade civil, não consigo deixar de observar o caderno com outros olhos.

Comecei a perceber pequenos indícios que antes me escapavam:

- As referências a fórmulas complexas.
- As cartas.
- Os rabiscos, escondidos entre devaneios.

Tudo isso agora ganhava nova dimensão.

Ivan não era apenas sensível. Ivan era instruído.

Ivan foi, talvez por muito tempo, alguém reconhecido.

E em algum momento, a engrenagem o mastigou e o devolveu às ruas.

Mas aqui reside a ironia mais amarga:

A sociedade que o rejeitou em vida, agora o quer em memória.

Quer sua biografia. Quer seu passado. Quer o “antes” da queda.

Como se compreender sua origem nos livrasse da culpa por tê-lo deixado ruir.

Saber seu nome não resolve nada.

Mas nos obriga a reconhecer que ele esteve aqui.

Que ele teve uma mãe.

Teve um endereço

Teve identidade.

Teve fome.

E morreu.

Na próxima vez que alguém me perguntar “quem foi Ivan?”, acho que responderei assim: Ivan foi um homem que deixou de caber no próprio nome.

Nunca pensei que um homem esquecido numa praça pudesse ser tão lido.

Após a publicação do caderno de Ivan, a enxurrada de e-mails e mensagens em redes sociais me fez entender algo incômodo: as pessoas não queriam entender Ivan, queriam ver a si mesmas nele.

E tudo bem.

É isso que a literatura faz: escancara um espelho no meio da sala.

Mas o que me surpreendeu foi a variedade de reflexos.

E, de repente, Ivan não era mais só Ivan.

Era espelho, era oráculo, era desculpa, era semente.
Muitos leitores enxergaram em Ivan um professor.
Outros, um doente.

Outros ainda, um poeta urbano, um louco, um mendigo.

Mas o que poucos enxergaram, e quase ninguém quis ver, foi o Ivan simples, com fome, tremendo, que dormia com o estômago vazio, que urinava nos cantos por falta de banheiro, que apanhou por dormir no lugar errado.

É esse Ivan que ainda escapa da leitura.

Porque ele exige mais do que empatia: exige culpa. E culpas não se resolvem com aplausos nem com citações.

Ivan, o homem que escrevia para ninguém, agora era lido por muitos. E quanto mais era lido, mais se afastava dele mesmo. Porque ser lido, para muitos, é perder-se na interpretação alheia.

Às vezes me pergunto o que Ivan acharia disso tudo.

Imagino que ele se sentaria num canto, calado, rindo com desprezo ou talvez murmurando:

“Agora me veem porque me perderam.”

E no fundo, talvez isso seja mesmo o fado de quem grita demais por dentro: ser ouvido tarde demais.

Agora, para entendê-lo, se é que se pode entender o que escorre entre os dedos como areia de um relógio quebrado, é preciso mergulhar naquele tempo anterior ao tempo, na infância que já não era inocência. Ivan não

começou em si mesmo: começou nas frestas, nos intervalos entre o que foi dito e o que ficou engasgado na garganta da memória.

Sua história não será contada como se conta a vida dos homens, mas como se descreve o percurso de uma sombra ao entardecer: primeiro definida, depois alongada, por fim dissolvida. Seus passos não marcavam distância, mas ausência. Seu passado era um país abandonado cujas fronteiras haviam sido redesenhadas durante a noite. Seu tempo? Aquele minuto esticado entre o toque do despertador e o entendimento de que não há razão para levantar.

Ivan vivia em uma casa de paredes descascadas, onde o portão rangia como se se lembrasse de cada vez que ele e seu irmão saíram sem dizer para onde iam. O quintal, malcuidado, deixava crescer matos como quem deixa crescer segredos.

Sua mãe, dona Alexandrina, vivia em estado de vigília. Seu olhar parecia medir febres invisíveis nos filhos.

— Maurício, cadê Ivan? — perguntava a mãe, já prevendo a resposta.

— Foi ali. — E “ali” podia significar uma esquina qualquer, um lote abandonado, ou um silêncio de horas que se transformava em dias.

Ivan voltava sempre com os bolsos cheios: papéis rabiscados, pedaços de vidro polido, parafusos, tampas de garrafa, uma chave que não abria porta alguma. Alexandrina guardava tudo numa lata, como se fosse possível arquivar sintomas.

Maurício, embora mais reservado, também sumia. Aos vinte e quatro anos, ficou sumido por mais de um dia e uma noite. Quando voltou, disse apenas que “seguiu o vento”. Alexandrina chorou como quem recebe de volta um filho de uma guerra que ninguém sabia que estava acontecendo.

O pai, seu Antônio, muito trabalhava e pouco falava. Era Chofer. Saia cedo, mas antes deixava o pão sobre a mesa e o café preto na garrafa. Nunca perguntou para onde os filhos iam. Sua presença era como um móvel antigo: ocupava espaço, mas ninguém esperava que se movesse.

Às vezes, as ausências não eram de corpo, mas de alma. Ivan podia estar sentado à mesa, mas o olhar fixo no nada denunciava que já tinha atravessado para outro lugar. Outras vezes, ficava horas parado na beira do quintal, observando formigas como quem estudava um mapa.

Havia noites em que Alexandrina não dormia. Ouvia passos no corredor, portas rangendo, o tilintar dos talheres na cozinha. Ia ver, e encontrava Ivan bebendo água, com a expressão de quem não sabia se era dia ou noite. Nessas horas, ele falava baixo, quase num sussurro, frases desconexas:

— Mãe, a rua mudou de lugar.

E voltava para a cama como se tivesse dito algo tão óbvio que dispensava explicação.

Não era uma casa pobre de dinheiro. Era pobre de descanso. Uma paz que nunca se sentava à mesa.

E, olhando agora, percebo que ali já estava tudo: a fuga, o acúmulo, o silêncio, a linguagem que parecia feita para dentro. A infância deles não foi um prelúdio, mas a própria partitura do que viria depois.

Na casa da rua Simão Bolívar, número que já não cabe recordar, os dias não eram marcados por datas, mas pelos sumiços. Era isso que definia o calendário da família: quando um saía e quando voltava.

Alexandrina tinha uma habilidade particular de sentir a ausência antes mesmo que ela se concretizasse. Bastava ver o modo como Ivan mexia o café, distraído, ou como demorava a calçar os sapatos.

— Não vão longe — dizia, sem levantar a voz.

Mas longe, para ela, podia ser apenas o fim da rua. Para eles, era atravessar para outra dimensão.

O quintal era pequeno, mas parecia infinito quando os dois irmãos se embrenhavam entre os pés de mamão e as touceiras de capim. Inventavam esconderijos, conversavam com alguém que ninguém via.

— Quem é? — perguntava Alexandrina, do alpendre.

— É o moço do portão — respondia Ivan.

O portão estava fechado.

Maurício era mais calculista em suas ausências. Sumia devagar, como se se apagasse em câmera lenta. Um dia, desapareceu logo cedo e só voltou à noite, os sapatos cheios de barro. Não soube dizer para onde tinha ido. Nessa noite, o pai, Antônio Francisco, bateu à porta mais

forte que o habitual e não disse uma palavra durante o jantar.

Ivan, por outro lado, desaparecia como um estalo. Ninguém percebia até sentir o vazio. Voltava sempre com algo nos bolsos: botões, pregos, folhas secas. Uma vez trouxe um relógio quebrado. Ficou horas girando os ponteiros para trás, como se tentasse impedir a chegada do dia seguinte.

A casa, apesar de modesta, não era miserável. Havia rádio na sala, armário cheio de louça, e o cheiro de roupa lavada se espalhava nos varais. Mas havia também um ar denso, como se todos ali vivessem à espera de um anúncio que nunca vinha.

À noite, o corredor estreito ecoava passos. Alexandrina, com o ouvido treinado, distinguia os que vinham da rua e os que vinham de dentro da casa. Muitas vezes, levantava-se e encontrava Ivan parado diante da porta, olhando a rua como se esperasse que ela se movesse sozinha.

— Mãe, — dizia —, acho que alguém mudou as casas de lugar.

Os vizinhos sabiam. Não falavam abertamente, mas havia olhares. Um ou outro cochicho atravessava o portão. Alexandrina, orgulhosa, evitava conversar sobre os filhos. Preferia falar de receitas, de preços no mercado, de qualquer coisa que não fosse a inquietude que habitava aqueles meninos.

E assim se passavam os anos: entre sumiços, retor-

nos, e uma mãe que guardava mais silêncio do que memórias.

Na rua Simão Bolívar, todo mundo conhecia a família Macedo. Não pela fartura, nem pela miséria, mas por um tipo particular de estranheza que não se aprende nem se desaprende.

Houve, por exemplo, a manhã em que Ivan resolveu pintar o portão de verde. Não pediu permissão, apenas apareceu com um balde de tinta emprestado do vizinho. Pintou metade, largou o pincel e sumiu. Quando voltou, à noite, jurou que o portão tinha ficado mais baixo e que alguém andara mexendo nas dobradiças enquanto ele estava fora. Alexandrina olhou para o portão, olhou para o filho, e foi buscar o jantar. Não discutia com delírios.

Maurício tinha outras manias. Um dia, levou para casa um pombo morto, enrolado num jornal. Disse que queria enterrá-lo no quintal, “porque os bichos também têm direito a descanso”. O pai, ao saber, ficou mudo, não pelo gesto, mas pelo jornal. Era o único exemplar do dia, e ele ainda não tinha lido a seção de esportes.

O quintal, aliás, era cenário de muitas dessas pequenas tragédias cômicas. Certa vez, os irmãos decidiram construir uma “fortaleza” usando tijolos velhos e tábuas. Trabalharam uma tarde inteira. Ao final, o que restou foi uma pilha torta, tão frágil que o cachorro do vizinho derrubou. Ivan, inconsolável, passou a semana recolhendo os pedaços, como se fosse possível restaurar algo que nunca existiu de fato.

Na escola, não eram exatamente populares. Ivan tinha o hábito de responder perguntas de matemática com histórias. Ao ser questionado sobre a tabuada do sete, disse à professora:

— Sete é um número que se cansa fácil, por isso foge do oito.

Foi posto de castigo. Ficou feliz; podia observar, pela janela, uma nuvem que jurava estar mudando de formato de propósito para irritá-lo.

Maurício, mais discreto, também colecionava episódios. Uma vez, simplesmente desapareceu durante a aula de educação física. Voltou horas depois, dizendo que havia encontrado “um padre perdido” e o ajudara a achar a igreja. Ninguém conseguiu confirmar a história.

Alexandrina vivia entre o riso e o desespero. Ria para não chorar, chorava para não se acostumar. No fundo, sabia que aqueles dois carregavam dentro de si alguma bússola quebrada, que os levava a lugares onde ela não podia ir.

Antes de existir no mundo, Ivan já existia no silêncio de Alexandrina. Ela dizia que carregava um peso que não era só de carne e osso, mas de presságio. Em 1943, Manaus ainda sentia os ecos da época da borracha. Ruas de barro se misturavam a avenidas calçadas, e embora alguns poucos automóveis circulassem, pedestres ainda dividiam o espaço. O cheiro característico de peixe fresco emanava do Mercado Municipal Adolpho Lisboa, conhecido como Mercado Velho, e também de pontos in-

formais ao longo do Rio Negro, onde pescadores vendiam seus produtos diretamente ao público pela manhã.

Naquele 15 de setembro, o calor não deu trégua nem para o parto. A casa da rua Simão Bolívar parecia suspensa no ar pesado, com o som distante de um pregão ecoando no fim da rua. O pai, Antônio Francisco, caminhava de um lado a outro do quintal, fumando e olhando o portão como se esperasse que dele entrasse a solução para todas as dores do mundo.

Quando Ivan nasceu, não chorou de imediato. Ficou olhando, sério, como se já conhecesse todos ali e estivesse decepcionado. A parteira, Dona Edite, deu-lhe um tapa leve na cabeça, mais por hábito que por urgência. Então o choro veio, breve, quase um protesto. Alexandrina jurou, até o fim dos dias, que ele virou o rosto na direção da janela, como se escutasse algo lá fora.

Maurício, o irmão mais velho, já tinha cinco anos naquela manhã. Nascera em 10 de julho de 1938, também em Manaus, em um tempo em que a cidade parecia viver ao mesmo ritmo do rio Negro: ora cheia de movimento, ora entregue a um silêncio espesso. Quando soube que teria um irmão, não perguntou nada; apenas continuou brincando com um pião de madeira, como se o mundo fosse um lugar onde as novidades chegavam e partiam sozinhas.

Desde cedo, os dois mostraram que não vieram para o mesmo papel. Maurício, inquieto, tinha apetite para tudo: comida, conversa, travessuras. Ivan, ao contrário, parecia viver num compasso próprio, olhando longa-

mente para reflexos na água do pote de barro, para o desenho das rachaduras na parede, para algo que ninguém mais via.

Alexandrina aprendeu a lidar com cada um de forma diferente: com Maurício, precisava erguer a voz para que ele largasse o que não devia; com Ivan, falava baixo, como se não quisesse interromper algum pensamento secreto. O pai, Antônio Francisco, seguia igual: chegava, passava a mão na cabeça dos filhos e se sentava diante do rádio ou do café, sem imaginar que um dia ouviria de Ivan que “o tempo estava errado desde que ele nasceu”.

Certa madrugada, poucos dias depois do parto, Alexandrina acordou e encontrou o bebê acordado também, de olhos bem abertos, sem chorar. Ele olhava para um canto escuro do quarto, como se houvesse ali alguém invisível para ela. Naquele instante, teve a sensação de que aquele filho não tinha começado no berço; era apenas a continuação de algo antigo, que ela não sabia nomear.

Em 1943, Manaus estava encoberta por uma névoa de fumaça que não vinha apenas das queimadas na floresta, mas de um clima denso de incertezas. A Segunda Guerra Mundial rugia distante, lá onde o mapa se dissolia em nomes como Itália, Alemanha e Japão, mas aqui, na beira do Amazonas, o eco chegava abafado, transformado em ordens, cartazes e promessas. A cada semana, um grupo de homens deixava a cidade com destino às profundezas da selva; soldados da borracha, diziam. Heróis invisíveis, destinados a cortar o tronco da

seringueira para que o látex seguisse viagem e se transformasse em pneus, botas, material de guerra para os Estados Unidos.

Na rua Simão Bolívar, a guerra se resumia a conversas murmuradas no mercado, a notícias nos jornais e à ideia insistente de Antônio Francisco Macedo de largar o volante e se alistar. Desde que o filho caçula, Ivan, nascera, dias antes, aquela decisão latejava na sua mente como um dente inflamado.

Antônio era chofer há alguns anos. Conhecia o ronco dos motores como quem reconhece a voz de um amigo, e sabia que, ao volante, era apenas um homem invisível, assistindo de fora a vida alheia: comerciantes gordos discutindo lucros, senhoras de vestidos de seda comentando as novidades vindas do Rio de Janeiro, padres em silêncio carregando pastas misteriosas. O trabalho dava prestígio, mas pouco dinheiro. A guerra encarecera tudo; o querosene, a comida, até o pano para o terno que ele precisava usar.

Naquela manhã, enquanto polia o capô de um Dodge preto que cheirava a gasolina e couro, Antônio pensava: E se eu fosse?

A propaganda do SEMTA prometia salário melhor, alojamento, e, quem sabe, uma chance de juntar dinheiro para comprar seu próprio carro. A ideia de não depender de patrão era sedutora. Mas a selva... ah, a selva. Ele já ouvira histórias: homens devorados pela malária, febres que queimavam até os ossos, dívidas impagáveis com os seringalistas.

Dentro de casa, Alexandrina embalava Ivan, que chorava miúdo, e olhava pela janela para o marido, percebendo aquele ar ausente.

— Tu vai me dizer o que é, ou vai continuar com essa cara de quem engoliu fumaça de escapamento? — perguntou, firme.

Antônio hesitou. — É o SEMTA... estão levando homens para cortar borracha. Dizem que pagam bem.

Alexandrina arregalou os olhos. — Pagar bem? E a vida, Francisco? Quanto é que eles pagam pra devolver a vida de um homem que morre na mata?

Ele desviou o olhar, constrangido. — E aqui? Aqui a gente mal tem pra comida... Maurício precisa de roupa, agora tem o pequeno...

— Aqui pelo menos tu volta todo dia pra casa — ela cortou, ajustando o pano que cobria Ivan. — Na mata, volta só a lembrança.

A discussão não terminou ali. Nos dias seguintes, Antônio conversou com outros choferes, homens calejadados de saber que a profissão nunca encheria a barriga como se queria. Alguns riam dele, dizendo que trocar o volante pela seringa era trocar um inferno por outro. Outros, mais jovens, admitiam que pensavam o mesmo. Um deles, Seu Amaro, contou que o cunhado havia partido dois meses antes e, até agora, nenhuma carta.

O rádio no bar de Seu Alberto não ajudava. Entre músicas de Dalva de Oliveira e anúncios de sabão Eucalol, surgiam as vozes graves exaltando os “heróis da Amazônia”, rapazes que salvavam a pátria com as mãos

sujas de látex. Antônio ouvia e sentia uma pontada de orgulho imaginário, como se já estivesse entre eles.

Numa noite abafada, sentado na varanda, Antônio ficou observando os vizinhos passarem. Dona Cota, a costureira, comentava que um filho de seu primo fora para o seringal e voltara doente, pele amarelada como cera. O velho Jaime, ex-barqueiro, disse que o governo prometia muito, mas que o seringal era “prisão sem grades”. Essas histórias atravessavam Antônio como facas lentas, mas não matavam a chama de tentar.

A decisão, contudo, não vinha fácil. Cada vez que via Ivan dormindo no colo de Alexandrina, sentia-se dividido entre ser o provedor que arrisca tudo ou o pai presente que aguenta a miséria. E no fundo, temia algo que não dizia a ninguém: mais do que a selva, tinha medo de se tornar invisível na própria casa, de ser lembrado apenas como o homem que ficou, enquanto outros partiam para a grande “batalha da borracha”.

Nessa madrugada, sem conseguir dormir, Antônio caminhou até o carro estacionado na rua. Passou a mão no volante, como quem acaricia um velho amigo, e suspirou. O carro não era seu, nunca fora. Pertencia a um comerciante abastado, hóspede eventual do Hotel Cassina, que ainda vivia seus últimos anos de glamour. Ali, sob os lustres de cristal, dançava-se ao som de orquestras; mulheres elegantes cruzavam os salões em vestidos importados, e oficiais americanos, em trânsito pela Amazônia durante a guerra, misturavam-se a políticos e empresários locais. O Cassina era uma ilha de luxo no coração

úmido da cidade, com champagne gelado, tapetes macios e garçons de luvas brancas servindo charutos e bebidas. Antônio, porém, ficava do lado de fora, sempre à espera. Seu trabalho era simples e silencioso: levar e trazer o patrão e suas companhias, permanecer atento à porta enquanto a festa se desenrolava no interior. A cada buzina discreta, avançava com o automóvel reluzente, conduzindo vidas que não lhe pertenciam de um ponto a outro, como se fosse apenas uma extensão mecânica de desejos alheios.

Talvez aquele fosse seu destino: continuar dirigindo para outros, levando vidas que não eram a sua de um ponto a outro. Mas no fundo, bem no fundo, a selva o chamava, e ele sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria que escolher entre a estrada e o mato.

O sol já queimava o asfalto naquela manhã quando Antônio amarrou os sapatos gastos, vestiu a melhor camisa engomada e saiu de casa sem dizer nada. Alexandrina, que lavava roupa no tanque, percebeu o silêncio. Sabia que aquele silêncio dele não era o comum, era o silêncio de quem caminha para o fundo de um rio.

Seguiu pela Rua Guilherme Moreira, onde o casario colonial se alinhava em fachadas altas e estreitas, com janelas arqueadas e grades de ferro forjado que deixavam escapar o cheiro de café recém passado vindo das cozinhas. O sol se infiltrava pelas frestas das telhas, e o piso irregular de pedra e barro refletia um amarelo gasto. Passou pela Delegacia Auxiliar, um prédio de muros en-

cardidos e janelas altas, de onde saíam vozes graves e um cheiro de papel velho misturado ao suor de policiais. Seu Antônio parou na porta, entrou para se informar sobre o endereço exato do SEMTA.

Quando saiu, distraído com as próprias reflexões, quase foi atropelado por uma carroça carregada de sacas de juta. O condutor, um homem magro de chapéu amassado, praguejou alto, e Antônio, tomado por um orgulho ferido, respondeu no mesmo tom. Por um momento, a rua pacata, com suas poucas carroças, um ou outro transeunte e o horizonte fechando-se em direção ao porto, se transformou num pequeno palco de tensão.

Retomando o caminho, ao longe já avistava o prédio antigo e descascado do SEMTA. Na parede, um cartaz novo proclamava: "O FRONT É A SELVA. O INIMIGO É HITLER. O HERÓI É VOCÊ." A ilustração mostrava um homem sorridente, empunhando um terçado, numa falsa promessa de bravura que contrastava com o que Antônio conhecia da selva: a febre, o isolamento e o silêncio pesado das árvores.

O salão cheirava a suor e papel velho. Homens esperavam em filas, alguns com mala na mão, outros apenas com o corpo e a esperança. Um funcionário de bigode fino chamava os nomes, um por vez. Antônio entrou na fila. As conversas ao redor eram um misto de bravatas e medos mal disfarçados.

— Dizem que lá a comida é de graça — comentou um rapaz magro, suando pela testa.

— De graça? — retrucou um mais velho, rindo seco.

— Pois espere até ver a conta que o seringalista manda. Até o sal entra na dívida.

— Mas é melhor que morrer de fome aqui.

Antônio permaneceu calado.

A fila andava devagar. Cada passo que dava, ele sentia o peso de Alexandrina e dos filhos puxando-o para trás. Mas junto vinha a voz invisível que o empurrava para frente: "Vai, Antônio Francisco. Prova que és homem. Prova que podes mais que dirigir o carro dos outros."

Quando chegou a vez de ser atendido, um sargento mal-humorado olhou-o dos pés à cabeça.

— Nome?

— Antônio Francisco Macedo.

— Saúde boa?

— Boa.

O sargento pegou um formulário e começou a preencher, sem sequer erguer os olhos. — Família?

— Casado. Dois filhos... um recém-nascido.

O sargento parou de escrever. Levantou o olhar, medindo-o. — Recém-nascido? Pense bem, Macedo. Lá não é passeio. Muita gente não volta.

O aviso soou como uma sentença que Antônio não queria ouvir. Por um instante, imaginou-se na mata, suado, febril, longe de Alexandrina, longe do choro de Ivan, longe do riso tímido de Maurício. Imaginou sua ausência virando apenas uma lembrança vaga nas conversas de vizinhança: "Seu Antônio Francisco? Ah, foi pro seringal... nunca mais voltou."

A caneta do sargento esperava pela assinatura. An-

tônio sentiu o peso da decisão no braço, como se a pena fosse de chumbo. E então, sem saber explicar o motivo, recuou.

— Não... acho que... acho que não é minha hora.

O sargento suspirou, incomodado, e chamou o próximo da fila.

Antônio saiu do prédio com passos rápidos, quase fugindo. No porto, viu o grupo de homens embarcando para o interior. Nenhum deles parecia herói; eram apenas figuras anônimas sendo engolidas pela distância.

Ao chegar em casa, Alexandrina fingiu não perceber sua expressão estranha. Continuou lavando roupa, enquanto ele sentava na varanda e acendia um cigarro.

— Foste? — ela perguntou, sem olhar para ele.

— Fui.

— E?

Ele trágou fundo, soltando a fumaça devagar. — E... voltei.

Silenciaram-se os dois. Mas, dentro dele, Antônio sabia: voltara fisicamente, mas algo nele havia ficado lá, no cais, olhando o barco partir.

A infância de Ivan e Maurício aconteceu em Manaus, mas não na mesma cidade que aparecia nos cartões-postais. O Teatro Amazonas ficava há alguns quarteirões, quase inalcançável para uma criança, como se pertencesse a outro país. Para os dois, a cidade era feita de quintais que cheiravam a fruta passada: cupuaçu es-

tourado no chão, cascas de tucumã espalhadas, caroços de ingá sugados até o talo.

Naquela época, Manaus ainda se reinventava após o fim do ciclo da borracha. Os bondes cortavam as avenidas com seu barulho metálico, levando passageiros entre o centro e bairros. Na beira do igarapé do Educandos, barcos subiam e desciam carregando peixe, carvão e histórias.

O Mercado Municipal Adolpho Lisboa fervilhava desde cedo, com bancas de peixe fresco, farinha vinda do interior, remédios de raiz, ervas cheirosas e o burburinho dos comerciantes. No Porto, as embarcações do rio chegavam trazendo mercadorias de Belém e do interior, e as crianças corriam curiosas para ver as caixas e baús descarregados, imaginando tesouros.

Manaus era isso: de um lado, o glamour ainda persistente; do outro, o cheiro da chuva forte misturada com barro, a vida pulsando nos becos, as crianças pescando nos igarapés e a música dos rádios que chegava pelas janelas abertas das casas de madeira.

E era nesse contraste, entre a cidade dos cartões-postais e a cidade real, vivida com os pés descalços, que Ivan e Maurício cresceram.

O quintal da casa na rua Simão Bolívar tinha pés de mamão e de goiaba, mas também espaços de terra nua, onde o calor subia em ondas visíveis. Maurício vivia correndo atrás de lagartixas, soltando piões e tentando construir armadilhas para pegar passarinhos; armadilhas que nunca funcionavam. Ivan, por sua vez, ficava

sentado por longos minutos, observando as formigas passarem, ou olhando o reflexo do céu em uma poça de água da chuva, como se aquilo fosse mais importante que qualquer jogo.

Às vezes, Alexandrina encontrava o filho mais novo parado diante do portão, segurando a grade com as duas mãos, em silêncio. Perguntava o que estava olhando, e ele respondia:

— O moço.

— Que moço, Ivan?

— O do portão.

O portão, trancado, não deixava passar ninguém.

Maurício também tinha sua dose de silêncio, mas o usava como intervalo entre duas travessuras. Sumia por horas para brincar na rua, voltava com o joelho ralado e uma história mal contada. Ivan, ainda pequeno demais para sair sozinho, já tinha um jeito de se ausentar sem mover os pés: o olhar dele ia para outro lugar, e demorava a voltar.

A cidade, naquela década, vivia uma estranha mistura de modernidade e atraso. As feiras misturavam frutas com remédios caseiros vendidos em garrafas de vidro. Alexandrina ia ao mercado com um cesto de palha, levando Maurício pela mão. Ivan, no começo, ficava com o pai, até que um dia, com pouco mais de três anos, desapareceu do quintal sem que ninguém visse.

Encontraram-no no fim da rua, sentado na calçada, observando um cachorro beber água de uma bacia. Não

chorava, não parecia assustado. Apenas disse:

— Eu fui ver se a rua era comprida.

Seu Antônio não disse nada. Pegou o filho no colo e voltou para casa. Alexandrina, no entanto, passou a vigiar o portão com mais atenção, como se soubesse que aquele pequeno “passeio” era apenas o primeiro de muitos.

Nos anos seguintes, enquanto Maurício começava a ir para a escola e a aprender o valor de ganhar figurinhas trocando-as na hora do recreio, Ivan colecionava outras coisas: tampas de garrafa, pedaços de vidro polido, um botão de casaco que não era de ninguém da família. Guardava tudo numa caixa de sapatos embaixo da cama, como se cada objeto fosse uma pista de algo que só ele entendia.

E foi assim que, antes mesmo de aprender a escrever, Ivan já parecia carregar dentro de si um mapa que não levava a lugar nenhum; ou, talvez, a um lugar onde ninguém mais sabia chegar.

O primeiro sumiço de verdade aconteceu numa manhã abafada, quando Ivan tinha seis anos, e Maurício, o mais velho, tinha onze. O calor estava tão pesado que até as galinhas pareciam exaustas. Alexandrina lavava roupa no tanque de cimento, o sabão fazendo espuma esverdeada que descia lentamente pelo ralo, enquanto os meninos brincavam no quintal.

Pelo menos, era o que ela pensava.

De repente, o quintal estava vazio.

Maurício apareceu primeiro, voltando do portão com um galho na mão.

— Cadê teu irmão? — perguntou Alexandrina, já sentindo o estômago apertar.

— Foi ali — respondeu ele, sem dar muita importância.

Mas “ali” podia significar qualquer coisa.

A rua Simão Bolívar estava quieta. O único som que se ouvia era o distante pregão de um vendedor e o estalar das telhas sob o calor do meio-dia. Alexandrina, com o coração começando a apertar, seguiu até a esquina com a Ferreira Pena. Quando chegou, parou em frente ao Prédio Mourisco.

O edifício, imenso e de formas assimétricas, exibia uma fachada que parecia de outro tempo, como se tivesse sido retirado de uma cidade distante. As grandes janelas circulares, dispostas simetricamente, conferiam-lhe um aspecto imponente, quase imperial. Seus arcos de ferro trabalhado e as colunas robustas, já desgastados pela ação do tempo e do clima, mantinham a grandiosidade que o lugar já teve. A estrutura parecia guardar segredos e histórias, sussurrando para quem estivesse disposto a ouvi-los.

O prédio ficava na esquina da rua, com uma praça à sua frente. O chão de paralelepípedos refletia o sol forte, enquanto a vegetação rasteira que tomava conta da praça se espalhava sem muito cuidado, contrastando com a sofisticação do edifício. A praça estava vazia, quieta, como todo o resto da cidade naquele calor insuportável. O

som abafado dos bondes, com seu leve rangido, se misturava ao silêncio pesado do ar, que parecia ter parado no tempo.

Alexandrina olhou para um lado, depois para o outro. Nada. O vazio da rua parecia engolir seus passos, e a ansiedade apertava seu peito. Sem respostas, ela temia o pior.

Foram horas de procura. Vizinhos abriram portões, chamaram pelo nome do menino, e nada. Só ao cair da tarde, quando a luz começava a se inclinar, um conhecido do pai de Ivan, o seu Alcides, comerciário, empregado na Leitaria Sombra, bateu no portão trazendo Ivan pela mão.

— Encontrei ele lá na estação de bondes. Estava sentado, olhando as árvores.

Ivan entrou em casa sem pressa, como se tivesse ido até a esquina comprar pão. Alexandrina o puxou com força, segurando seu rosto com as mãos.

— Onde você estava, menino?

Ele pensou um pouco antes de responder:

— Eu fui ver o vento.

Não explicou mais nada. Não precisava. Para ele, a frase fazia sentido. Para ela, não.

Depois disso, Alexandrina passou a trancar o portão com uma corrente, mas sabia que não adiantava. O problema não era o portão. Era que Ivan parecia ter um chamado que não vinha da rua, mas de algum lugar invisível, e que cedo ou tarde ele obedeceria de novo.

Maurício, nesse dia, aprendeu algo sobre o irmão:

que sumir podia não ter a ver com fugir, mas com estar em outro tempo; um tempo onde ninguém podia alcançá-lo.

Depois daquele dia, os sumiços de Ivan começaram a acontecer com mais frequência, mas nunca do mesmo jeito. Às vezes, ele desaparecia de repente e voltava pouco depois, trazendo algo nos bolsos: uma pedrinha, um prego enferrujado. Outras vezes, era diferente: ele estava ali, mas o olhar não.

Numa tarde de chuva grossa, Alexandrina o encontrou sentado debaixo da mesa da cozinha, encarando um copo com água.

— O que você está fazendo aí, menino?

— Estou esperando o peixe aparecer.

— Que peixe?

— O que mora dentro do copo. Ele só vem quando chove.

Maurício, nessa idade, já percebia que o irmão vivia em outro ritmo. Enquanto ele se ocupava com as novidades da rua, como a venda nova na Simão Bolívar e o jogo de bola de gude com os meninos do quarteirão, Ivan preferia seguir um cachorro desconhecido pela rua ou passar horas tentando “consertar” um relógio quebrado que tinha encontrado no lixo.

Havia também as conversas com quem ninguém via. Uma vez, Alexandrina o pegou encostado no portão, cochichando.

— Quem tá aí, Ivan?

— É o moço do chapéu. Ele disse que a rua vai mudar amanhã.

No dia seguinte, um caminhão estacionou em frente à casa e descarregou madeira para uma obra no fim da rua. Alexandrina, sem admitir, sentia arrepios.

O pai continuava calado. Quando notava algo estranho, apenas franzia a testa e voltava os olhos para o jornal. Mas, certa noite, ao chegar em casa e encontrar Ivan sentado no chão da sala, com as mãos cheias de areia preta que não existia no quintal, Antônio perguntou:

— Onde você arrumou isso?

— No chão — respondeu o menino.

— Mas que chão?

— O de antes.

E ficou por isso mesmo.

Essas coisas não eram ditas fora de casa. Alexandrina sabia que vizinhos cochichavam, mas preferia engolir a língua a alimentar curiosidade alheia. Só dentro dos muros é que o absurdo encontrava espaço para viver.

Foi nessa época que Maurício começou a se afastar um pouco dos jogos do irmão. Ele ainda o acompanhava, mas com uma espécie de vigilância disfarçada, como se soubesse que, a qualquer momento, seria preciso puxá-lo de volta para o mundo comum.

Com o tempo, os dois irmãos foram crescendo, mas não exatamente juntos. A diferença de cinco anos entre eles parecia maior ou menor conforme o dia. Ivan, aos

nove, ainda guardava o hábito de falar com pessoas invisíveis, de recolher objetos inúteis e de sumir para “ver coisas”. Maurício, aos quatorze, começava a se ocupar com outros interesses: o futebol na rua, os amigos que o chamavam para pescar no igarapé, e um namoro tímido com uma menina da vizinhança que lhe emprestava revistas antigas.

Mas mesmo Maurício tinha as suas ausências. Às vezes, ficava parado no quintal, olhando para o chão como se ali houvesse um mapa secreto. Ou saía cedo sem dizer para onde ia, voltando com a roupa marcada de barro. Dizia que tinha ido à missa, mas a mãe, que conhecia o peso das mentiras leves, não acreditava completamente.

Ivan não se importava com onde o irmão estava ou deixava de estar. Quando Maurício sumia, ele ocupava o quintal sozinho, falando baixinho para o cachorro do vizinho, como se o animal fosse o único capaz de entender.

Certa vez, numa tarde de céu cor de cobre, Alexandrina encontrou os dois sentados lado a lado no chão da cozinha. Entre eles, um punhado de botões coloridos.

— O que é isso? — perguntou.

— É dinheiro — respondeu Ivan.

— É para comprar passagem — completou Maurício, sem sorrir.

— Passagem para onde?

— Pra outro lugar — disse Ivan, como se fosse a resposta mais óbvia do mundo.

Naquele instante, a mãe percebeu que, embora dife-

rentes, os dois tinham algo em comum: a capacidade de partir mesmo quando o corpo ficava. Só que Maurício parecia ter a opção de voltar por vontade própria. Ivan não.

O pai, como sempre, não comentou. Sentou-se, comeu o que havia no prato e foi dormir cedo. Mas naquela noite, Alexandrina acordou com um barulho no quintal. Olhou pela janela e viu Maurício e Ivan juntos, olhando para o portão fechado. Nenhum deles falava. Apenas olhavam, como se estivessem esperando alguém ou alguma coisa chegar.

Meados de 1955. O calor parecia ter preguiça de ir embora e a chuva chegava sem aviso, derrubando poeira, conversa e planos. Na Rua Simão Bolívar, o portão da casa dos Macedos continha o que podia e fingia conter o resto.

Maurício tinha dezessete. Já fazia a barba em silêncio, como quem negocia com a própria sombra. Estava alto, os ossos ocupando lugar dentro da camisa de algodão, e tinha um jeito de espiar o mundo como quem procura um defeito de fábrica: um risco no céu, um barulho fora de hora, uma coincidência que insistia em se repetir. Era mais inteiro que Ivan, todos diziam, mas às vezes seu olhar atravessava os cômodos e parava num ponto que ninguém via.

Ivan, com onze para doze, era outra invenção do mesmo sangue. Mais magro, mais para dentro. Carregava um caderno de capa marrom, presente improvisado

de Alexandrina, que jurava que papel dava destino às coisas, onde colava tampas de garrafa, rótulos, folhas prensadas e desenhava mapas de ruas que não existiam. O “moço do portão”, segundo ele, vinha de vez em quando conferir se as páginas estavam em dia.

Antônio Francisco, o pai, continuava chofer, chapéu gasto e silêncio útil. Saía cedo, deixava o café, o pão e a chave no mesmo lugar sobre a mesa, como quem repete uma oração. Alexandrina, por sua vez, vigiava os filhos como quem conta o pulso do dia: mão na testa, ouvido atento, rezas pequenas que se escondiam nos afazeres.

As manhãs de 1955 tinham o som do rádio. O locutor anunciava boleros, baiões e uma notícia perdida entre outras, sempre com aquela voz empostada que parecia atravessar as paredes da casa inteira.

Maurício, mais velho, já buscava lugar no mundo. Trabalhara dois meses como ajudante em um armazém da Barão de São Domingos e agora fazia bicos com o pai, carregando malas de passageiros, aprendendo rotas, nomes de ruas, o tempo que se levava de um bairro a outro. Gostava de saber os caminhos. Afirmava que o mapa da cidade só fazia sentido visto dos degraus do mercado, onde o cheiro de peixe e de fruta passada subia com a manhã.

E aos domingos, quando o pai ficava em casa descansando, era no porto que Maurício se metia, ajudando estivadores a descarregar sacas de juta, caixas de mercadoria e até gaiolas com galinhas. O serviço era pesado, mas o dinheiro que pingava no bolso tinha destino certo:

comprar duas garrafinhas de guaraná Ajuricaba, uma para ele e outra para Ivan, e depois garantir a entrada para o Cine Guaraní. O ritual era sempre o mesmo, o barulho dos barcos subindo e descendo o rio, o suor impregnado na camisa, o tilintar das moedas guardadas com cuidado, até o momento em que ele se sentava nas cadeiras do cinema, as pernas balançando de ansiedade, esperando o escuro cair e a tela acender com faroestes ou aventuras que pareciam vir de um mundo inalcançável.

— Hoje eu vou até a Aparecida — dizia para o pai, ajeitando os cadarços com ar de quem decifrava segredos.

— Vê a correria. — Antônio jamais dizia “se cuida”; usava outras frases desconexas como aviso.

Enquanto isso, Ivan parecia sempre mais recolhido, como se vivesse em uma outra frequência. Às vezes, do nada, parava no meio da cozinha, a faca no ar, e franzia a testa.

— O que foi, meu filho? — perguntava Alexandrina.

— Nada. Só achei que chamaram meu nome dentro do rádio.

— Ninguém te chamou do rádio, menino. — Ela sorria, mas encostava a mão no ombro dele, medindo febres invisíveis. — Come, antes que esfrie.

Ivan comia. Depois, largava os talheres devagar, como quem pesa cada gesto, e levantava-se da mesa. Não saía da casa de imediato: ia até a janela da sala e ficava parado, observando a rua como se esperasse que alguém

realmente viesse chamá-lo. Outras vezes percorria o corredor estreito, passava a mão pelas paredes descascadas, abria a porta do quarto e fechava de novo, como se testasse os limites de um espaço que parecia sempre lhe escapar. Quase nunca dizia para onde ia; ficava apenas rondando dentro da própria casa, como se ela fosse um território estranho. Só depois, quando o silêncio pesava, é que abria a porta e desaparecia para além do portão.

No porto, Maurício era falante, mas medido. Aprendeu a dar bom dia para as pessoas certas e a ficar mudo diante das erradas. Às vezes, no meio do serviço, um estalo: um pensamento atravessava, rápido.

“Se eu pisar três vezes neste mesmo lugar, a chuva atrasa cinco minutos.”

Pisava. Ria de si mesmo. E seguia.

Ivan não seguia nada. Ele inventava. Na escola, escreveu o nome no caderno e, abaixo, uma seta apontando para o próprio nome: “volta”. Quando a professora perguntou o que aquilo significava, ele disse sem levantar a cabeça:

— É para quando eu sair por dentro e esquecer como volta.

— Sair por dentro, Ivan?

— É.

Houve risos. Houve bilhete para casa. Alexandrina assinou com a caneta tremendo um pouco e guardou o papel dentro de uma Bíblia, como se assim o assunto ficasse entre ela e Deus.

Em casa, Ivan abria o caderno de capa marrom no quintal e voltava a desenhar. Havia ruas que entravam no rio, casas que se moviam de noite, uma praça chamada “Lugar de Esperar” e uma igreja com duas portas: uma de domingo e outra de terça-feira. Maurício olhava por cima do ombro, meio divertido.

— Essa rua existe?

— Ainda não.

— E essa igreja com duas portas?

— Essa é a de terça.

— Hum... — Maurício coçava a nuca. — A de terça é perigosa.

— Por quê?

— Porque terça tem vento de canto. Empurra a gente sem a gente ver.

Ivan sorriu. Fechou o caderno com um estalo.

— O vento não empurra. Convida.

Houve uma tarde de cinema no Popular, na rua Silva Ramos, inaugurado pela empresa J. Fontenelle & Cia., já famoso entre os que buscavam sonhar pagando pouco. Em cartaz, *Olhai os Lírios do Campo*. O salão estava cheio, o ventilador de teto rangendo sem dar conta do calor, espalhando pelo ar o cheiro de talco barato e de laranja descascada, que algum espectador mastigava devagar para enganar a fome. As cadeiras de madeira estalavam sob o peso dos corpos inquietos, e o burburinho era de vozes misturadas, passos apressados e risadas soltas antes da sessão começar.

Maurício chegara com a turma do porto e, neste dia,

arrastou Ivan pela mão. “Vem ver o mundo parado dentro da parede”, dizia, com a empolgação de quem sabia o valor de uma descoberta. Compraram dois ingressos baratos, Cr\$ 3,00 cada, e se acomodaram na última fila, perto da porta, onde a claridade da rua ainda invadia pelas frestas.

Quando as luzes baixaram e a sala mergulhou no escuro, um silêncio repentino tomou conta do ambiente. A lente acendeu e lançou o primeiro feixe branco sobre a tela, iluminando partículas de poeira suspensas no ar, como se fossem estrelas dançando em câmera lenta. Nesse instante, Ivan se enrijeceu na cadeira. Sentou-se ereto, os olhos arregalados, sem piscar, como se tivesse diante de si não um filme, mas uma passagem secreta para outro mundo.

— Eu conheço essa rua — sussurrou.

— É do filme, Ivan.

— É a de terça.

No meio da sessão, o protagonista estava numa avenida qualquer e Ivan levantou. Saiu pela lateral, leve, como quem vai beber água. Maurício demorou um minuto para perceber o vazio na cadeira, outro minuto para sair no escuro batendo o joelho nas pernas desconhecidas. Encontrou Ivan do lado de fora do cinema, encostado na parede, olhos fechados.

— O que foi?

— Eles me filmaram voltando.

— Quem?

— Os homens que mudam as casas de lugar.

Maurício respirou fundo. Pegou o irmão pelos ombros.

— Vamos voltar. O filme tá no fim.

— O filme nunca acaba, Maurício. Ele só dorme.

Voltaram. Sentaram. As luzes acenderam com o fim do rolo. Na saída, a turma riu, falou do personagem. Ivan saiu calado, tocando o próprio rosto como quem confere se ainda era ele mesmo.

As noites de 1955 tinham o barulho do telhado respirando. Alexandrina deitava tarde, mas sempre acordava antes do silêncio terminar. Uma vez, ouviu passos no corredor. Eram dos dois.

— Onde vão, a essa hora?

— É quente demais — disse Maurício.

— A rua refresca — completou Ivan.

— Rua não refresca ninguém — respondeu Alexandrina, e ainda assim abriu a porta para que sentassem no degrau. Ficou de pé ao lado deles, abanando-se devagar com um pano de prato. O céu estava limpo, as estrelas pulsando feito lamparinas distantes, como se alguém as tivesse acendido só para vigiar o silêncio da noite.

— Olha — disse Maurício de repente —, três iguais, alinhadas. A mesma distância entre cada uma. É como se alguém tivesse medido.

— Mediram, sim. — Ivan não piscou. — O moço do portão andou me contando.

— Quem é esse moço, afinal?

— O que guarda terça-feira.

Maurício riu, mas não zombou. E, por um minuto inteiro, acreditou. Era como se, na borda da noite, certos absurdos coubessem na cabeça. Alexandrina passou a mão no cabelo dos dois. Tinha vontade de dizer “fi-quem”, mas apenas disse:

— Entrem. Amanhã cedo tem vida.

No outro dia, a vida veio com o peso de sempre. A manhã começou com o rádio ligado, o café coado, o cheiro de sabão no tanque. Mas Ivan já estava estranho. Não quis comer, ficou andando em círculos pelo quintal, falando sozinho. Ao meio-dia, quando a vizinha o viu parado no meio da rua, os olhos fixos em nada, comentou que aquilo não era coisa de gente. Foi nesse dia que bateram à porta os homens do Centro de Saúde Mental do Amazonas. Vieram em dois, jalecos claros e uma prancheta na mão, e o mundo pareceu parar no batente da casa.

Ivan resistiu. Agarrava-se às paredes, aos móveis, à barra da saia da mãe, como se todos estivessem tentando arrancá-lo do único lugar onde podia existir. Gritava que queriam roubá-lo, que o arrastavam para fora da sua realidade secreta. Era como se a sanidade que lhe ofereciam fosse uma violência maior do que a sua própria loucura. Alexandrina chorava, tentando acalmá-lo, mas ao mesmo tempo autorizando a saída, porque não sabia o que mais fazer. Maurício, quieto, acompanhava com os punhos cerrados, dividido entre puxar o irmão de volta ou deixar que fosse levado.

Depois que a porta se fechou e o silêncio tomou conta da casa, parecia que não haviam levado apenas Ivan, mas uma parte inteira da família junto com ele. As horas seguintes arrastaram-se como um deserto. Alexandrina deixou a pia cheia, incapaz de encostar na louça; Maurício não teve ânimo para sair para o trabalho; até os galos da vizinhança, que nunca se calavam, pareciam respeitar aquela pausa dolorosa. Coube a seu Antônio acompanhar de perto os procedimentos no Centro de Saúde Mental do Amazonas, indo e voltando em busca de notícias, enquanto em casa restava apenas a espera, pesada, interminável, como se a vida tivesse ficado suspensa até que Ivan retornasse.

Dias depois, Ivan voltou. Magro, os olhos ainda mais fundos, e um silêncio que não cabia nele. Ninguém dizia o que acontecia lá dentro; apenas que davam remédios fortes e o mantinham deitado, contido. Alexandrina abraçou o filho sem fazer perguntas. Maurício fingiu normalidade, mas a lembrança da cena no portão nunca o deixou.

Numa tarde de trovoadas, Ivan sumiu do quintal; sumiço pequeno, desses que já tinham tempo cronometrado no coração da mãe. Maurício viu o clarão, ouviu o estampido e sentiu, como um animal, que precisava sair. Correu. Encontrou o irmão parado numa praça.

- Ivan!
- O vento abriu uma porta.
- Fecha. Agora.
- Não dá para fechar porta de vento.

— Dá, sim. — Maurício aproximou-se devagar, com raiva de tudo: da chuva, do rio, do dia, de si mesmo. — Você fecha comigo.

Ivan estendeu o caderno.

— Segura. Se eu cair, o caderno volta.

— Ninguém vai cair. — Maurício segurou o caderno com uma mão e o braço do irmão com a outra. — Anda.

Voltaram sob chuva. Os dois encharcados, o caderno inchado, as folhas coladas. Alexandrina chorou sem barulho. Antônio chegou depois, olhou o piso molhado, os meninos com o peito batendo como peixe fora d'água, e disse apenas:

— A vida não perdoa distração.

Nessa noite, Ivan ficou tentando descolar as páginas do caderno com cuidado. Algumas rasgaram.

— Foi o vento — disse, sem raiva. — Ele não gosta de ficar preso.

— Amanhã a gente compra outro — prometeu Maurício.

— Não adianta. — Ivan sorriu, cansado. — O outro já vai nascer molhado.

No porto, um homem contou a Maurício uma história sobre um barco que se desamarrou sozinho e foi parar “onde o mapa entorta”. Ele ouviu e sentiu, por um segundo, vontade de pisar três vezes no mesmo lugar para evitar que algo acontecesse. Guardou a vontade no bolso. Preferiu o peso da moeda. Ganhava pouco, mas o suficiente para pagar dois refrigerantes Ajuricaba e um ingresso de cinema de vez em quando. Tinha começado a

falar com Lurdes, do armarinho. Lurdes tinha mãos de quem mexe com linhas. Dizia que gostava de homens que “sabiam voltar para casa”.

— Eu sei voltar — disse Maurício, um dia, sem se dar conta de que aquilo, naquela família, era um tipo de promessa.

— Então me traz uma fita azul amanhã — pediu Lurdes. — Das estreitas.

Ele levou. E voltou. Na esquina, antes do portão, por um instante o vento pareceu empurrá-lo de lado. Ele se firmou.

— Não hoje — murmurou, para ninguém.

— Eu sei voltar —, repetiu para si, como quem decora uma oração.

A adolescência deles coube dentro de três coisas: o portão que rangia, o caderno que inchava e a promessa muda de que todos seriam encontrados ao fim do dia. Nem sempre deu certo. Mas em meados de 1955, por mais que o céu às vezes parecesse descer dois dedos e o rádio cochichasse nomes que não deviam, Maurício permanecia do lado de cá. Íntegro o suficiente para carregar sacos de farinha, ajudar o pai de vez em quando, ouvir Lurdes falar de cores e, principalmente, ir buscar Ivan quando o vento abria portas.

Numa noite qualquer, antes de dormir, Alexandrina recolheu a roupa do varal e viu, sobre o fio, três gotas paradas, alinhadas, à mesma distância entre si. Lembrou das estrelas que os meninos tinham medido com os

olhos e do gesto de Maurício, repetindo pequenos rituais discretos para manter o mundo no lugar. Riu sozinha. Falou baixo, para não acordar o destino:

— Fiquem.

Apagou a luz. No quarto, Ivan deitado com o caderno aberto sobre o peito, uma página meio colada na outra; num desenho, um portão; noutro, uma rua que mudava de lugar. Virou de lado, sem sono, ouvindo o rádio muito baixo e tentando não escutar o seu nome entre os chiados. Quando o ouviu, ou achou que ouviu, apertou os olhos e pensou em terça-feira, no vento de canto...

Lá fora, o vento passou. Não entrou. E a casa, por uma noite inteira, acreditou.

Em 1955, na rua Simão Bolívar, as casas exalavam o cheiro doce de tucupi fervendo e, vez ou outra, peixe assado. Era o tempo em que o pai de Ivan e Maurício, Antônio Francisco Macedo, passava mais horas com as mãos no volante do que em casa. O ofício de chofer em Manaus não era apenas conduzir: era vestir o terno gasto, engraxar os sapatos ao ponto de refletirem a luz da lamparina e esperar, imóvel, até que algum “doutor” ou “comerciante” se sentasse no banco de trás, ordenando, com voz seca, o destino.

Dirigir na cidade era enfrentar ruas esburacadas, laideiras enlameadas na estação da chuva e o calor que se infiltrava como febre nos ossos. Antônio sabia de cor o percurso entre o porto e o Palácio Rio Negro, conhecia os atalhos para fugir dos desfiles e festas religiosas, e tinha

aprendido, com o tempo, a calar a boca diante das conversas alheias no banco de trás. Ouvir era parte do trabalho. Esquecer, mais ainda.

Alexandrina, enquanto isso, vivia o contraponto silencioso: dona de casa por obrigação e por ausência de alternativas, cuidava do quintal, das roupas no varal, da panela no fogão e, tarefa mais difícil, de Ivan, agora com quase doze anos, cada vez mais arredio. Ele havia descoberto o prazer de andar pelas ruas, de seguir outros meninos até a beira do igarapé e voltar com os pés sujos, a camisa amassada e um sorriso que não pedia desculpas. Alexandrina ralhava, mas, no fundo, havia uma inquietude que ia além da desobediência: um medo crescente de que o filho sumisse.

Maurício, por sua vez, tinha encontrado em Lurdes uma espécie de refúgio. Ela era filha de um comerciante português, vivia três quadras adiante e tinha o cabelo preso num coque apressado, o que lhe dava um ar de maturidade que contrastava com seus dezesseis anos. Gostava de ouvir as histórias de Maurício, embora às vezes ele falasse de coisas que a deixavam inquieta: o vento que mudava de direção, as sombras que se moviam sem ninguém, a sensação de que o chão respirava.

— Você pensa demais — ela disse uma vez, sentada no banco de madeira da varanda.

— E você pensa de menos — ele respondeu, sorrindo com uma ironia que ela não entendeu.

— Eu penso o suficiente. Só não quero me perder nessas coisas que você fala.

— E o que há de errado em se perder? — perguntou ele, sério, como se fosse uma questão de vida ou morte.

— Tudo — disse Lurdes, desviando o olhar para a rua.

O romance, se é que se podia chamar assim, consistia em conversas interrompidas pela passagem dos vizinhos, pequenas caminhadas até a esquina, até o porto e bilhetes trocados. Mas em uma cidade onde cada gesto era vigiado, os comentários não tardaram a aparecer. Dona Francisquinha, uma parteira, cochichou para Alexandrina que vira os dois muito juntos em uma canoa no Rio Negro. Seu João, o sapateiro, disse a Antônio que “seu menino mais velho anda com o pensamento longe demais para ter namorada”.

Essas vozes, somadas ao desconforto crescente de Lurdes, começaram a corroer o vínculo. Ela queria leveza, Maurício trazia intensidade. Queria risos, ele oferecia perguntas sem resposta. E, aos poucos, foi se afastando, primeiro evitando encontros, depois deixando os bilhetes sem resposta, até que um dia, na porta de casa, disse, quase sem olhar para ele:

— Melhor a gente parar por aqui. Você é bom, mas é estranho.

Maurício permaneceu imóvel, o corpo rígido, como se as palavras que ouvira fossem um vento frio atravessando-lhe o peito. Não respondeu, não discutiu. Apenas assentiu em silêncio, virou-se e caminhou devagar até o portão de casa. Lá dentro, Ivan o viu chegar e, sem des-

viar a atenção do brinquedo improvisado que fazia com pedaços de arame, murmurou:

— Ela viu o peixe.

Maurício não respondeu. Entrou, tirou os sapatos e se sentou no quarto escuro. Lá fora, Alexandrina dobrava roupas e Antônio limpava o carro para o próximo serviço. A vida continuava, indiferente às pequenas tragédias que, naquele quintal, pareciam sempre maiores do que no resto do mundo.

O sol da tarde se espreguiçava sobre a Rua Simão Bolívar, tingindo de cobre as fachadas das casas alinhadas como velhos soldados fatigados. O ar estava denso com a mistura de poeira no paralelepípedo, cheiro de querosene, suor e o doce enjoativo das bananas maduras expostas em cestos na porta de uma venda. Ao longe, o som inconfundível do bonde vinha crescendo; o rangido metálico dos trilhos, o tilintar do sino avisando a curva na esquina com a Avenida Ferreira Pena, e o estalar seco dos fios elétricos como se o céu tivesse nervos.

Antônio Francisco, chofer de confiança de famílias importantes da cidade, chegava em casa no início da noite, exalando o aroma impregnado de couro, óleo e poeira fina das ruas. Seu dia era um desfile de rostos alheios vistos pelo retrovisor: madames com luvas claras e olhares duros, comerciantes faladores, políticos que mastigavam palavras como se fossem ordens. Muitas vezes ele voltava calado, apenas pendurava o paletó gasto no mesmo gancho, passava a mão pelo rosto e se sentava na va-

randa para fumar um cigarro barato, olhando o movimento da rua.

A mãe, dona Alexandrina, tinha a casa como um barco que navegava entre tempestades silenciosas. Entre lavar roupa na bacia, cozinhar feijão grosso e varrer a poeira que teimava em voltar, mantinha um olho sempre em Ivan. O menino começava a escapar mais e mais para a rua, como se as calçadas fossem imãs e as vozes dos outros garotos, um chamado. Ele voltava com os sapatos sujos, os cabelos desgrenhados, os olhos brilhando de uma excitação que não cabia dentro da sala estreita.

— Ivan, outra vez na rua até essa hora? — a voz dela saía num fio de cansaço, mais imploração que bronca.

— Tava só olhando o bonde... — ele dizia, mas as unhas sujas e o cheiro de manga verde denunciavam que tinha ido além.

Maurício, o mais velho, andava recolhido desde que Lurdes, a moça de sorriso tímido, cortara o vínculo com ele. Desde que dissera num tom delicado, mas firme, que ele era “meio estranho”. Ela achava que ele não sabia lidar com seus silêncios longos e respostas inesperadas.

Depois disso, Maurício passava as tardes encostado no batente da porta, observando o movimento como quem assiste a uma peça cujo enredo já perdeu o interesse.

Os vizinhos, sempre atentos, comentavam baixo:

— Aquela família... sei não. O mais velho vive calado, o mais novo tá sempre na rua...

— E o pai, coitado, só vive dirigindo pros outros...

As tardes na Simão Bolívar eram um teatro de pequenos acontecimentos. Crianças brincavam de correr atrás do bonde, vendedores ambulantes anunciavam peixe fresco e jornais, mulheres com vestidos floridos se inclinavam nas janelas para trocar novidades. Ivan se misturava nesse coro urbano, ora provocando risadas, ora causando olhares de repreensão.

No virar da década, já nos primeiros anos de 1960, a rua começava a mudar. O asfalto engolia lentamente os paralelepípedos, carros novos substituíam as carroças, e o bonde, antes senhor absoluto, começava a parecer um velho teimoso resistindo ao tempo. Ivan, agora com o corpo mais alongado da adolescência, estava mais ausente de casa. Seus passos o levavam cada vez mais longe, atravessando bairros, somando histórias, perdendo outras.

Maurício, por sua vez, tornara-se ainda mais contido. Parecia conversar mais com suas próprias lembranças do que com qualquer pessoa. Nas raras vezes em que ele e Ivan caminhavam juntos pela Simão Bolívar, formavam uma dupla desigual: um, quieto e introspectivo; o outro, inquieto e com os olhos sempre à procura de algo que ninguém sabia dizer o que era.

E a rua, testemunha silenciosa, continuava a respirar; com seu cheiro de comida caseira e fumaça, seu som de passos, rodas e vozes, e a eterna sensação de que

ali, no cruzamento de ferro e pedra, se encontravam vidas inteiras antes de se perderem novamente.

Era uma terça-feira quente em Manaus, 13 de novembro de 1962, daqueles dias em que o sol parece pesar sobre os ombros de quem caminha na rua. Maurício, então com vinte e quatro anos, levantou-se cedo, tomou o café silenciosamente e anunciou que iria à Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Alexandrina observou o filho com um misto de cuidado e inquietação. O irmão mais novo, Ivan, já com dezoitos anos, sentado no chão do quintal, girava um botão velho entre os dedos e murmurava algo para si mesmo.

— O que você está olhando? — perguntou Maurício, distraído.

— Nada — respondeu Ivan, sem levantar o olhar. — Só o vento.

Maurício saiu, e a mãe, como sempre, acompanhou-o até o portão com os olhos. O pai, Antônio, leu o jornal, limpando os óculos, como se o mundo pudesse esperar. O dia seguiu seu ritmo normal, mas ao cair da tarde, Maurício ainda não havia retornado. Alexandrina sentiu o frio da ansiedade invadir a casa. Recorreu ao quintal, olhou para a rua, para as calçadas enlameadas, para as casas vizinhas, mas nada. Nenhum sinal do filho.

Ivan continuava em seu próprio mundo, recolhendo folhas secas e encaixando-as no bolso da calça.

— Ele voltou? — perguntou, sem levantar os olhos do chão.

— Não, Ivan... ainda não — respondeu Alexandrina, a voz trêmula.

As horas passaram, cada uma mais longa que a anterior. Alexandrina falava com vizinhos, perguntava se haviam visto Maurício. O quintal parecia encolher a cada minuto, e o portão fechado soava como um grito silencioso. Antônio permaneceu quieto, mas dentro de si sentiu a tensão crescendo. Finalmente, decidiu ir à delegacia para registrar a ausência do filho; um procedimento comum na cidade, mas que nunca deixava de apertar o coração da família.

Na Delegacia de Segurança Política e Social, o comissário Francisco Chagas recebeu Antônio com atenção.

— Qual é a situação, senhor Macedo? — perguntou, coçando o queixo.

— Meu filho... Maurício... saiu para a igreja ontem à tarde e não voltou. — Antônio falou devagar, medindo cada palavra. — O dia passou, a noite chegou... e nada.

O comissário anotou tudo, perguntando detalhes: a roupa do menino, o caminho que tomava, se tinha amigos ou hábitos estranhos. Antônio respondeu com a frieza de quem sabe que registrar o desaparecimento não traz de volta o filho, mas que precisava fazer algo.

Enquanto isso, na rua Simão Bolívar, a notícia do desaparecimento corria em silêncio. Alguns vizinhos cochichavam ao passar pelo portão: “O menino mais velho do seu Macedo sumiu...” Alexandrina, do lado de dentro, observava a vida seguir lá fora, como se cada passo dos

outros aumentasse a sensação de vazio dentro da casa.

Horas depois, quando o dia já começava a se inclinar para o fim, Maurício surgiu na esquina. Chegou sozinho, os sapatos riscados, as calças sujas de barro, o cabelo desalinhado. Trazia consigo uma curiosidade silenciosa, uma sensação de quem atravessara um território invisível, desconhecido.

— Onde você esteve? — Alexandrina correu para abraçá-lo.

— Perdido... — respondeu Maurício, com um sorriso leve, como se dissesse “acho que me encontrei também”.

— Perdido como? — insistiu a mãe, segurando-o firme.

— Eu segui o vento... e encontrei um padre que não sabia que precisava de mim.

Ivan, que observava de longe, inclinou a cabeça e murmurou:

— E o vento falou com você?

Maurício deu de ombros, compreendendo que certas coisas não precisam ser explicadas. Mas, por um instante, seus olhos ficaram fixos no nada, e Alexandrina percebeu algo: pequenas fissuras, uma inquietação delicada, lampejos de pensamentos que escapavam da rotina. Maurício ainda era mais “normal” que Ivan, mas carregava pequenas nuances de percepção própria, momentos em que o mundo parecia se dobrar de forma imperceptível àqueles ao redor.

Seu Antônio, sempre contido, apenas limou os sapatos do filho e disse:

— Vá tomar banho.

O alívio entrou na casa, mas não dissipou totalmente o frio que a ausência deixara. O quintal continuava a ser o reino dos sumiços, o portão continuava a ranger, e Ivan continuava girando o botão, murmurando:

— Ele sentiu o vento..., mas não viu o peixe.

Alexandrina, observando os dois irmãos, compreendeu que cada retorno carregava fragmentos de mundos que só eles entendiam. E naquela casa, o vento continuava a soprar, empurrando todos para fora do tempo, testando a paciência de quem ousava amá-los.

Manaus, início dos anos 70. O barulho da cidade já não era o mesmo.

O tilintar dos bondes tinha desaparecido, substituído pelo ronco mais grosso e impessoal dos ônibus. As ruas de pedra haviam sido, em parte, engolidas pelo asfalto quente, que ondulava no sol como se estivesse prestes a derreter. Na Rua Simão Bolívar, as árvores resistiam, ainda oferecendo suas sombras curtas, enquanto o vento trazia cheiro de gasolina misturado a fritura de pastel das barracas de esquina.

O pai continuava no volante. Já não guiava para famílias ricas em longos passeios de domingo; agora o trabalho era mais fragmentado, motoristas de praça disputando corrida a corrida. Sua camisa sempre alinhada,

calça vincada, e aquele jeito formal, como se dirigir fosse uma extensão de sua honra.

— O volante é como mulher, Maurício... — dizia, encostado na porta do carro, ajeitando o chapéu de feltro. — Respeita que ela te leva longe. Faltou respeito, ela te enverga.

Maurício ouvia, mas raramente respondia. Gostava de observar as mãos do pai na direção, precisas, seguras, e pensava que talvez essa fosse a única coreografia que seu Macedo sabia de cor.

Ivan, por outro lado, já não se prendia a nada. Andava pelas ruas com uma liberdade que parecia, ao mesmo tempo, invejável e perigosa. Vestia calças surradas e uma camisa sempre meio aberta no peito. Conversava com jornaleiros, ajudava carregadores de feira, passava horas na porta de bares só observando. Voltava tarde, mas voltava; e a mãe, dona Alexandrina, suspirava aliviada, embora com aquela pontinha de medo no olhar.

Dentro de casa, a vida seguia num compasso próprio. A mãe mantinha a cozinha como um território inviolável: panela de pressão chiando, cheiro de café fresco pela manhã e de peixe frito à tarde. Ela cuidava do lar como quem defende um pequeno país; e, no seu país, as regras eram claras. Ivan burlava quase todas; Maurício, quase nenhuma.

Mas não era só dentro das paredes que os dois irmãos se desencontravam.

Maurício havia cortado de vez qualquer contato com Lurdes anos antes, mas o vazio deixado por ela apa-

recia às vezes, nos momentos em que ele ficava calado demais. O trabalho no escritório de peças automotivas ocupava seus dias, e ele se agarrava a essa rotina como quem segura um guarda-chuva em tempestade: sem isso, talvez fosse levado.

Na vizinhança, a vida continuava com seus pequenos rituais. Seu Ademar, do armazém, comentava sobre política como se estivesse narrando um jogo de futebol. Dona Odete, sempre de vestido estampado, varria a calçada duas vezes por dia e espalhava as últimas fofocas — “vi o Ivan na porta do cabaré, e não estava sozinho”.

A rua era um palco onde todo mundo assistia a vida do outro.

À noite, o pai chegava cansado, mas com o mesmo cuidado de sempre: limpava o carro, cobria o banco com um pano para não pegar poeira e só depois entrava, tomava banho e se sentava à mesa.

— A cidade tá ficando mais bruta — comentava, enquanto cortava o peixe no prato. — Antigamente, até as brigas tinham respeito. Hoje, ninguém mais conhece ninguém.

Ivan sorria de canto, mexendo a comida com o garfo. Maurício ficava em silêncio.

Lá fora, o rádio das casas tocava Roberto Carlos, e o eco de risadas juvenis vinha das ruas. A família Macedo ainda se mantinha unida; não por um laço firme, mas por um fio que, embora já puído, resistia. Eles não sabiam, mas esse fio começava a se desgastar de um jeito que ninguém poderia remendar.

Foi numa noite abafada de março de 1972 que o silêncio da casa Macedo foi quebrado. O calor parecia grudar nas paredes, e até a brisa que vinha da Simão Bolívar vinha morna, carregando cheiro de cerveja derramada e fumaça de fritura da esquina. Seu Antônio havia chegado mais cedo do que o costume; o movimento na praça tinha sido fraco. Estava no quintal, fumando devagar, quando ouviu a batida na porta; não um toque tímido, mas três pancadas firmes.

Dona Alexandrina atendeu e, antes mesmo de abrir totalmente, viu dois policiais na soleira. Um deles, de bigode espesso, falou sem rodeios:

— É sobre o seu filho. O mais novo.

O estômago dela afundou.

Ivan tinha sido pego no meio de uma confusão perto da Praça da Saudade. Diziam que começou com uma provocação, terminou com garrafas quebradas e correria. Ele estava ileso, mas o rapaz com quem brigara não. Os policiais não deram detalhes, mas o olhar deles dizia que a coisa tinha sido feia.

Na delegacia, seu Antônio encontrou o filho sentado num banco de madeira, as mãos sujas, o cabelo desgredado, mas com um ar quase desafiador.

— Pai, não foi como eles tão falando... — começou Ivan.

O pai não respondeu. Apenas pediu os documentos, assinou o termo de liberação e saiu, obrigando o filho a segui-lo em silêncio.

O caminho de volta foi uma marcha muda. A cidade ainda pulsava em vozes, buzinas e motores, mas entre os dois havia apenas o som dos próprios passos. Quando chegaram em casa, Maurício estava na porta. Olhou para o irmão, depois para o pai, e percebeu que aquela noite não ia acabar bem.

Dona Alexandrina, tentando conter o choro, levou Ivan para dentro, lavou-lhe as mãos e ajeitou-lhe a camisa como se, com isso, pudesse apagar o que havia acontecido. Mas os comentários começaram antes do dia seguinte.

Na venda, diziam que ele tinha quebrado o nariz do outro rapaz. No bar, aumentavam: falavam em faca, falavam em dívida. A versão real se perdeu na boca do povo.

Seu Antônio Macedo ficou mais calado que nunca. Naquela noite, enquanto limpava o carro, disse apenas:

— Quem vive na rua, morre na rua.

Ivan ouviu da janela, mas fingiu não ser com ele.

Maurício, no entanto, entendeu que aquela frase não era conselho, era sentença.

A partir dali, mesmo voltando para casa toda noite, Ivan deixou de ser “o filho caçula que gosta de rua” e passou a ser “o rapaz que deu problema com a polícia”.

E, na Manaus daqueles anos, esse tipo de marca não se lavava fácil.

Nos dias seguintes ao incidente na Praça da Saudade com Ivan, Antônio Francisco começou a sentir o cor-

po pesado. Já não tinha a mesma disposição para dirigir longas horas no calor abafado da cidade. O cheiro de óleo queimado e couro gasto, antes tão familiar e até reconfortante, começou a lhe provocar ânsia.

Às vezes, enquanto esperava um freguês na sombra rala da Ferreira Pena, sentia uma fígada no peito, como se o motor dentro dele também falhasse.

Alexandrina percebia. Ela sempre percebia.

O marido chegava mais cedo, evitava a conversa e ficava olhando para o nada, como se tentasse calcular um futuro que não fechava no papel.

— Antônio, tu tá pálido. Devia ir ao doutor — disse ela certa noite, enquanto recolhia a louça.

— Doutor não arruma estômago vazio, mulher — respondeu ele, com aquele jeito seco que não admitia réplica.

O desgaste vinha como febre lenta: não derrubava de imediato, mas queimava por dentro.

Numa madrugada, Alexandrina acordou com o barulho do marido tossindo no quintal. Encontrou-o apoiado no banco de madeira, suando frio.

— É só cansaço — disse ele, mas o tom não convinha nem a si mesmo.

Na manhã seguinte, seu Antônio tentou seguir a rotina. Saiu cedo, chapéu na cabeça, camisa já marcada pelo suor antes mesmo de alcançar a metade da Simão Bolívar. Mas o corpo não obedecia. O volante do carro parecia mais pesado, a marcha arranhava como se recla-

masse do esforço, e cada corrida era um fardo que se arrastava.

Na praça, os outros choferes notavam a mudança.

— Tá abatido, Antônio — comentou seu Manoel, um dos mais antigos. — Tá dormindo mal?

— Dormir, eu durmo. O que me falta é... — Antônio interrompeu, encarando o chão, como se a palavra que vinha fosse um segredo perigoso. — É futuro.

O calor daquele dia era espesso, quase líquido. A fumaça dos veículos misturava-se ao cheiro doce e azedo do mercado próximo. Antônio, encostado no carro, pensava nos anos de volante, no corpo inclinado para frente, sempre atento às ruas cheias de buracos, e sentia que, de alguma forma, esse trabalho já não sustentava nada.

Em casa, a situação não era diferente. Alexandrina passava as tardes tentando manter a ordem, mas Ivan lhe escapava pelas mãos. Desde o episódio na Praça da Saudade, ele passava mais tempo nas esquinas do que dentro de casa. Voltava tarde, às vezes com os olhos brilhando de euforia, às vezes com um silêncio de pedra.

O primeiro golpe no pai de Ivan veio numa noite abafada, quando Antônio perdeu a respiração durante uma corrida e precisou parar o carro no meio da rua. Foi seu Manoel quem o levou de volta para casa.

— Não é nada — insistiu Antônio, mas a palidez e o suor denunciavam o contrário.

Depois desse dia, ele começou a faltar ao ponto. Uma ausência aqui, outra ali, até que, sem perceber, pas-

sava mais tempo sentado no quintal, olhando as folhas caírem, do que atrás do volante.

Passaram-se os anos. O tempo, com sua marcha silenciosa, foi corroendo o que restava de estabilidade na família Macedo. Já não havia mais aquele cheiro de couro e gasolina vindo do carro de Antônio Francisco; o volante, que antes era extensão de suas mãos firmes, agora repousava nas memórias. Ele havia abandonado o ponto havia tempos, incapaz de suportar as fígadas no peito e a fraqueza que se instalara como moradora permanente.

A casa, no entanto, seguia de pé; não por solidez das paredes, mas pela obstinada vontade de Alexandrina, que mantinha a cozinha acesa. Os vizinhos viam-na, magra e mais curvada, mas ainda com aquele olhar atento que não deixava passar nem um movimento de Ivan.

Antônio passava as tardes sentado numa cadeira de madeira, no alpendre, olhando a rua com um ar de quem já não estava ali.

O fim começou numa manhã abafada, pouco antes de 1980, quando Antônio, ao tentar levantar-se, cambaleou e caiu pesadamente no assoalho. O som surdo ecoou pela casa. Alexandrina correu, o coração aos pulos, e encontrou-o com os olhos semiabertos, respirando de forma irregular.

— Antônio! — gritou, sacudindo-o.

Ele tentou dizer algo, mas só saiu um sussurro rouco:

— Cuida... cuida deles.

O médico, chamado às pressas por um vizinho, chegou tarde demais. Disse que fora o coração, mas Alexandrina sabia que era mais do que isso. Não era apenas o músculo cansado, era o peso de anos de volante, de corridas sem descanso, de sustentar a casa com o corpo e, nos últimos tempos, de ver o filho se afastar para um mundo onde ele não conseguia entrar.

O velório foi simples, no próprio quintal. O caixão, rodeado por coroas modestas, recebeu visitas de vizinhos, antigos colegas de ponto, alguns parentes distantes. Maurício, sério e em silêncio, manteve-se ao lado da mãe. Ivan apareceu horas depois, com os olhos vermelhos, talvez de choro. Ficou um tempo olhando o pai, como se tentasse compreender a imobilidade daquele corpo que, por toda a vida, parecia feito para resistir.

Quando enterraram Antônio Francisco, enterraram também o último freio que ainda prendia Ivan àquela casa. Alexandrina sentiu. Sabia que dali em diante, o peso de segurar os filhos seria só dela, e que talvez já fosse tarde demais.

Depois da morte de Antônio Francisco, a casa da família Macedo parecia maior, mas não por espaço, era o silêncio que crescia. Faltava o barulho dos passos pesados do pai, o pigarro antes de falar, a forma como ele ajeitava o chapéu antes de sair. O ar parecia mais frio, mesmo no calor úmido de Manaus. Alexandrina se movia pela cozinha como quem cumpre um ritual solitário, sem a presença que, por anos, fora seu esteio.

Ivan mudou. Piorou. Não de repente, mas como se uma represa tivesse começado a rachar. Passou a responder pouco, às vezes apenas com um aceno vago ou um murmúrio quase inaudível. Ficava longos períodos olhando pela janela, como se esperasse algo, ou alguém, que nunca chegava. À noite, saía sem dizer para onde ia. Voltava suado, com o cheiro de rua impregnado nas roupas, e olhares que pareciam atravessar qualquer tentativa de conversa.

Às vezes, sentava-se sozinho no quintal, falando baixo, como se comentasse alguma coisa com um interlocutor invisível. Noutras, ficava parado, imóvel, observando o movimento dos insetos em torno da lâmpada do alpendre. Alexandrina, temendo importuná-lo, apenas o chamava para comer, mas muitas vezes encontrava o prato intacto na manhã seguinte.

Maurício, por sua vez, buscou refúgio fora de casa. Passou a andar com rapazes conhecidos pela língua afiada e pelo gosto em provocar confusão nas esquinas. Não eram ratoneiros, mas estavam sempre no limite: badernas em bares, discussões acaloradas que terminavam em empurrões, garrafas quebradas e correria. Alexandrina, ao vê-lo voltar com a camisa rasgada ou um corte no supercílio, sentia que estava perdendo os dois filhos, cada um para um tipo diferente de escuridão.

Os vizinhos murmuravam. Comentavam sobre Ivan, que às vezes ficava parado por minutos no meio da rua, encarando o nada, obrigando os carros a desviarem. Diziam também que Maurício estava “metido com gente

ruim” e que “quem procura acha”. Alexandrina fingia não ouvir, mas por dentro a vergonha e a preocupação se misturavam, formando um peso constante.

Certa noite, Ivan saiu e não voltou até o amanhecer. Quando apareceu, tinha as roupas molhadas e cheirava a rio. Não explicou. Apenas passou pela mãe com um meio sorriso desconexo, como se guardasse um segredo indecifrável. Maurício, que estava encostado na porta, riu com deboche.

— Esse aí vai acabar virando lenda no bairro — disse, antes de sair para encontrar os amigos.

Ivan tornou-se mais errante. Às vezes desaparecia por dois ou três dias. Alexandrina, consumida entre a preocupação com ele e o medo das encenclas de Maurício, sentia a casa se esvaziar de qualquer lembrança boa do tempo em que Antônio Francisco ainda estava vivo.

Manaus, 1981.

O calor se infiltrava nas roupas, na pele e na paciência das pessoas. O ar tinha gosto de ferrugem e poeira, e a cidade se movia com a pressa cansada de quem sabe que o dia não vai melhorar. Era fim de tarde quando Maurício Monteiro Macedo, então com 43 anos, saiu de casa na rua Simão Bolívar. Vestia uma camisa clara já marcada pelo suor, e calçava sapatos que tinham visto dias melhores.

A mãe, Alexandrina, estava sentada na cadeira de balanço no alpendre, passando o pano num prato que já

estava limpo. Não perguntou para onde ele ia. Nos últimos meses, aprendera que perguntar era inútil; a resposta vinha sempre no mesmo tom baixo, distraído: “Vou ali.” E “ali” podia ser qualquer lugar, do mercado ao fim da rua, do porto ao boteco, da conversa mansa à confusão inevitável.

Maurício caminhou até a esquina, onde alguns rostos conhecidos o esperavam. Eram homens de idades e histórias diferentes, unidos por um traço comum: a dificuldade de se manterem longe de encrenca por muito tempo. Um deles, com trinta anos, ombros largos de quem trabalhou em obra a vida toda, mas também a disposição nervosa de quem não levava desaforo para casa. Outro, vinte e sete anos, carregava um sorriso debochado, desses que anunciam problemas. Mais outro, trinta e nove anos, já estava com os olhos meio avermelhados, como se o álcool tivesse começado cedo naquele dia.

O encontro não tinha um objetivo claro. Eram conversas cruzadas, risadas altas, provocações a quem passava. Um tipo de teatro improvisado na calçada, mistura de bravata, tédio e busca por algum sentido naquela tarde morna. Passantes aceleravam o passo. Algumas janelas se fechavam. O tom das falas foi subindo. De repente, um empurrão aqui, uma garrafa quebrada ali.

Maurício, que até então se limitara a observar, sentiu aquele velho impulso que não sabia nomear. Não era raiva, mas uma espécie de resistência automática a qualquer gesto que soasse como ordem ou ameaça. Quando um homem de terno amarrotado, vindo de um bar próxi-

mo, disse algo sobre “moleques desocupados”, ele avançou dois passos e respondeu com palavras que já não lembraria no dia seguinte.

O clima azedou. Uma senhora atravessou a rua, murmurando que ia chamar a polícia. Pouco tempo depois, o som grave do motor de uma viatura cortou o ar. Era a Rádio Patrulha, e com ela o fim da encenação.

Os soldados desceram rápidos, botas fazendo eco no asfalto. Um deles, voz seca, ordenou:

— Encosta aí. Documento na mão.

Maurício sentiu o peso da mão firme no ombro. Por reflexo, olhou para os outros, mas nenhum tinha para onde correr. Um a um, foram encostados na lateral da viatura, revistados e identificados. O sargento anotava os nomes num caderno gasto, como quem lista objetos apreendidos, enquanto o coldre de couro desgastado em sua cintura guardava um revólver calibre trinta e oito, talvez um Smith & Wesson. O metal escuro do cano reluzia sob o sol forte, lembrando a todos que ali a lei tinha dedo no gatilho.

— Maurício Monteiro Macedo, quarenta e três... Rua Simão Bolívar, número duzentos e...

Cada nome era uma sentença breve, impessoal, que retirava deles qualquer história anterior àquele momento.

Na delegacia, o cheiro de suor, fumaça e papel velho se misturava. Ficaram ali, sentados em um banco de madeira, observando os minutos se arrastarem. Maurício não disse nada. Sabia que qualquer palavra poderia ser

interpretada como desafio. Apenas olhou para o chão, tentando ignorar a sensação de que aquele momento não era um acidente, mas o resultado natural de tudo que vinha antes.

Horas depois, liberaram-nos. A cidade já estava mergulhada na noite, e as luzes dos postes projetavam sombras compridas nas calçadas. Maurício voltou para casa sozinho. No alpendre, Alexandrina ainda estava acordada, a cadeira de balanço indo e voltando num ritmo quase hipnótico. Quando ele entrou, ela não perguntou nada. Apenas olhou.

Era um olhar que carregava mais que desaprovação, carregava o peso de décadas, de silêncios, de portas batidas, de filhos que se perdiam mesmo estando vivos. Um olhar que dizia, sem som, que aquele caminho poderia não terminar bem.

Na manhã seguinte, a cidade acordou com o cheiro de tinta fresca e papel das pilhas do *Jornal do Comércio* amontoadas nas bancas. Em uma das páginas, entre anúncios de bálsamo milagroso para reumatismo e notícias policiais, uma nota curta:

"Policiais militares realizaram a prisão dos seguintes indivíduos quando praticavam baderna em via pública: Maurício Monteiro Macedo, 43 anos; e outros..."

Uma linha. Um nome. Uma idade. Um endereço. Para o repórter que datilografara aquilo entre um gole de café e outro, era só mais uma ocorrência para preencher a coluna policial. Para o editor, meros 3cm de texto a jus-

tificar o salário no fim do mês. Mas para Alexandrina, cujos dedos tremiam ao seguir as letras impressas no papel áspero, aquilo era a confirmação solene do que ela temia desde que o primeiro garrafão de cachaça aparecera na varanda: a vida, sorrateira e paciente, estava empurrando Maurício para um abismo que só ela parecia enxergar - e que agora, ali, em tinta preta sobre papel barato, ganhava o peso inegável do registro público.

Os dias seguintes foram de uma estranha calmaria. Não havia gritos nem confrontos em casa, mas um silêncio espesso, como o ar antes da chuva forte. Alexandrina passava pelas manhãs varrendo a varanda com mais vigor que o normal, como se pudesse, com a vassoura, expulsar algo invisível que se agarrara ao chão da casa.

Maurício saía cedo, voltava tarde. Não explicava onde estava, e ninguém perguntava. Mas havia olhares. Olhares na esquina, no mercado, na bodega de seu Arlindo. Olhares que não eram de pura reprovação; havia também curiosidade, até um certo prazer disfarçado. A cidade pequena, mesmo quando vestida de capital, vive de catalogar vidas alheias. E o nome impresso no jornal era como um selo de notoriedade torta: "Maurício? Ah, é aquele que saiu no *Jornal do Commercio* por baderna."

O pior, porém, não vinha da rua. Vinha de dentro. Ivan, sentado no quintal, com o corpo inclinado sobre um caderno gasto, parecia ignorar a situação. Mas, numa manhã, enquanto Maurício calçava os sapatos, ele falou sem levantar o rosto:

— Não é bom sair no papel, Maurício.

— Quem te disse isso? — respondeu o irmão, sem paciência.

— O moço do portão. Ele disse que depois do papel vem a porta fechada.

Maurício riu, um riso seco, mas por dentro sentiu o incômodo como quem pisa num caco de vidro escondido na areia. Ivan não falava por falar; suas frases, por mais estranhas, sempre pareciam carregar uma ponta de presságio.

Na semana seguinte, uma visita inesperada: o sargento responsável pela abordagem apareceu na casa. Não em tom de ameaça, mas com aquele jeito meio burocrático, meio paternalista que alguns policiais adotam quando querem deixar claro que "ainda estão de olho". Conversou rápido com Alexandrina, elogiou o café, olhou para Maurício com uma neutralidade estudada. Ao sair, disse apenas:

— Cuide para não repetir, Macedo. O próximo papel pode ser mais pesado.

Alexandrina ficou parada no portão por alguns segundos depois que o sargento se foi, o pano de prato nas mãos. Quando voltou para dentro, disse:

— Esse homem não veio por educação. Veio para lembrar que a cidade tem memória.

As coisas começaram a mudar no trabalho também. Um conhecido que havia prometido indicar Maurício para um serviço de carga no porto recuou, alegando que "o patrão não quer problema". Era a tradução prática

daquelas linhas no jornal: mais do que uma acusação, era uma marca que agora colava na pele.

À noite, ele voltou ao mesmo bar onde encontrara os homens naquele dia da prisão. O ambiente estava igual: lâmpada amarela tremendo, cheiro de cerveja e fritura. Mas algo tinha mudado. Agora, quando entrava, sentia que alguns olhares se demoravam um segundo a mais, como se avaliassem se ele traria confusão de novo.

No fundo do bar, Edilson Costa de Souza levantou o copo num gesto de cumprimento:

— E aí, Maurício... pronto para outra?

Ele hesitou. O som da Rádio Patrulha, o toque no ombro, a voz do sargento, a frase de Ivan... tudo passou rápido pela mente.

— Hoje não. — respondeu, e foi se sentar sozinho.

Mas enquanto bebia, percebeu algo inquietante: aquela recusa não vinha de arrependimento. Vinha de um cálculo. A confusão não o assustava; o que o assustava era que agora havia mais gente prestando atenção. E, no fundo, sabia que cedo ou tarde o vento mudaria e ele seria levado de novo, talvez para um lugar de onde não voltasse tão facilmente.

Na madrugada, ao voltar para casa, encontrou Ivan sentado na varanda, olhando a rua vazia.

— O que foi? — perguntou Maurício.

— A porta está meio aberta. — disse o irmão. — Mas o moço do portão disse que, da próxima vez, ela fecha.

Maurício não respondeu. Entrou, fechou a porta

com força, como se quisesse provar para si mesmo que ainda era ele quem decidia. Mas no fundo sabia: a porta de que Ivan falava não era a de casa. Era outra.

No início dos anos 1990, o tempo já não passava com a mesma pressa dos anos 80. As ruas estavam mais movimentadas, a cidade parecia crescer para todos os lados, mas dentro da casa da rua Simão Bolívar o ar permanecia pesado, saturado de rotina e cuidados. Alexandrina já não tinha o mesmo vigor. O rosto, antes firme, agora estava marcado por olheiras profundas e linhas que pareciam talhadas a canivete. A cadeira de balanço, que um dia fora refúgio, tinha se tornado trincheira: era ali que ela passava longos minutos, por vezes horas, olhando para o nada, tentando encontrar força para mais um dia.

Ivan exigia atenção constante. Já não era apenas a companhia; eram remédios, horários, pequenas crises que surgiam sem aviso. Alexandrina, que sempre fora a mão firme da casa, começou a administrar ela mesma a medicação dele. Separava comprimidos em pequenos pires, anotava as horas num caderno surrado, e ficava de olho para que nenhum fosse esquecido. Não era tarefa simples: às vezes Ivan se recusava, às vezes olhava para ela como se fosse uma estranha, às vezes ficava dias sem dizer quase nada.

Foi numa dessas tardes quentes e opressivas que Alexandrina e Maurício testemunharam, pela primeira vez, Ivan se chocando contra um muro. Havia saído

para o procurar, desaparecido de casa sem aviso por mais de dois dias, e o encontraram diante de um muro manchado pela umidade e pelo tempo, como se guardasse segredos antigos. Sem dizer palavra, ele recuou dois passos, abriu os braços como quem se entrega a um destino inevitável e, num ímpeto súbito, atirou-se de costas contra a parede. O estalo seco do impacto fez o coração de Alexandrina encolher, como se algo se quebrasse por dentro. Permaneceu ali, imóvel, respirando com esforço, antes de repetir o gesto uma, duas, três vezes; cada choque inscrevendo no cimento gasto uma nova cicatriz. O som oco reverberava na rua quase deserta, transformando-se em eco de perguntas que ninguém ousava formular. Alexandrina, paralisada, oscilava entre correr para contê-lo ou recuar, tomada por um temor ancestral, aquele medo silencioso de que certas dores não suportam interrupção. Maurício, ao lado, observava o irmão com olhos estreitos, sem saber se presenciava loucura ou uma penitência cujo sentido se perdera para todos, menos para Ivan. As marcas no muro, já acumuladas de outros dias, pareciam compor um texto cifrado: linhas irregulares, rasas, como os altos e baixos da mente dele; um manuscrito invisível, legível apenas ao autor que o escrevia com o próprio corpo.

Já alguns anos haviam se passado desde aquele primeiro embate contra o muro. A tarde escorria lenta, e a cidade, como sempre, suava. Alexandrina e Antônio Francisco caminhavam em direção ao Rodway, onde pretendiam resolver pequenos afazeres: retirar um em-

brulho que viera de barco, comprar peixe fresco, talvez ainda visitar uma conhecida que morava pelas bandas do porto. A travessia pela Praça da Saudade era apenas passagem, rotina, uma dessas repetições que fazem o tempo parecer imóvel. Manaus respirava no compasso das buzinas raras, dos engraxates chamando fregueses, dos estudantes que passavam com suas pastas de couro. Tudo parecia seguir a ordem invisível da vida comum.

Foi nesse compasso ordinário que o absurdo se ergueu.

No meio da praça, Ivan. Estava imóvel, de olhos fundos, o corpo arqueado como se carregasse um fardo invisível. Antes que pudessem chamá-lo, levantou o braço e socou o próprio rosto. O estalo reverberou contra os prédios antigos, como se a cidade inteira tivesse ouvido aquele golpe. Veio outro, e outro, até que a boca se tingiu de sangue. Alexandrina deixou cair a sacola, espalhando pelo chão um punhado de moedas e papéis, e o coração pareceu-lhe despencar junto. Seu Antônio crispou os punhos, mas ficou paralisado: era pai e, ao mesmo tempo, um estranho diante do próprio filho, como se não tivesse mais autoridade nem sobre o destino nem sobre a carne.

Os que passavam pararam. Estudantes riram com nervoso maldade; senhoras desviaram o olhar como quem evita o contato com um leproso; meninos correram, excitados, gritando “o doido!”. A praça, que segundos antes era apenas passagem para o porto, tornara-se palco de um espetáculo cruel. Alexandrina quis correr, segurar-lhe os braços, arrancá-lo dali, mas uma força a

conteve; não era medo do filho, era medo do olhar coletivo, esse tribunal invisível que julgava, ria e, sobretudo, condenava.

Maurício ajudava no auxílio do irmão... de vez em quando. Levava algum recado na rua, comprava um remédio, buscava o médico. Mas a verdade é que, na maior parte do tempo, sua vida continuava orbitando bares e conhecidos de esquina. A bebida era o seu problema real. E a baderna, essa espécie de imã que parecia atraí-lo sempre que havia aglomeração e vozes altas. Diferente de Ivan, Maurício tinha raros lapsos de estranheza psicológica, pequenas distrações, mudanças bruscas de humor, frases desconexas que surgiam do nada. Mas eram breves e espaçados. Ele não precisava de tratamento; o que o consumia era o hábito de beber demais e a facilidade de se deixar levar por confusões inúteis.

Foi nessa fase que surgiu Mariazinha. Ivan falava dela como quem fala de uma visita esperada. Dizia que a conhecera num momento de calma, que ela o escutava, que ria de suas histórias e dizia gostar dele “do jeito que era”. Para Alexandrina, a história soava improvável, mas ela não cortava a conversa. Talvez fosse bom para o filho acreditar que alguém lá fora se importava.

— Ela vem aqui? — perguntava, enquanto colocava o café na mesa.

— Vai vir... — respondia Ivan, com um sorriso tímido. — Ela disse que um dia vem.

Esse “um dia” nunca chegava. Mariazinha permanecia como uma presença ausente: existia nas palavras de Ivan, mas nunca na soleira da porta. Alexandrina não sabia se ela era real, uma amiga distante, ou apenas fruto da solidão que rondava o filho.

Às vezes, ao voltar de um de seus passeios, Maurício ouvia o irmão falar dela e ria de canto:

— Essa Mariazinha tá te enrolando, Ivan. Mulher que gosta aparece.

Ivan não se irritava. Apenas respondia:

— Ela aparece... no tempo dela.

Alexandrina, no fundo, temia que Mariazinha fosse só mais uma promessa que nunca se cumpriria, como tantas outras que a vida já tinha feito aos seus filhos. Mas também sabia que, mesmo que fosse ilusão, talvez fosse melhor deixar que Ivan tivesse aquela fagulha.

Enquanto isso, ela própria ia se apagando aos poucos. Os joelhos doíam, a vista já não era a mesma, e havia dias em que a fadiga parecia se alojar nos ossos. Ainda assim, resistia. Talvez por instinto, talvez porque sabia que, se ela não estivesse ali, a casa desabaria de vez.

Mariazinha não chegava andando. Chegava como vento. Não o vento que refresca ou que empurra folhas; era outro tipo, mais interno, que não se ouve nos ouvidos, mas nos ossos. Ivan dizia que esse vento vinha antes do nome, e que quando soprava, ele já sabia: ela estava por perto.

— Mariazinha não vem da rua — disse certa vez,

olhando para um ponto que Maurício via. — Ela vem do lado de dentro das coisas.

— Como assim, Ivan?

— Da dobra... — ele fez um gesto com as mãos, como se tentasse mostrar o movimento de um pano sendo torcido. — Onde o mundo encosta nele mesmo. É por ali que ela passa.

Não havia ironia na fala, tampouco esforço para convencer. Para Ivan, era tão real quanto o café que esfriava sobre a mesa. Ele falava como quem descreve o funcionamento de um objeto que só ele já desmontou.

Alexandrina, ouvindo de longe, suspirava. Às vezes achava que Mariazinha fosse um fantasma; não o tipo que assombra, mas o que acompanha. Noutras, temia que fosse apenas solidão, disfarçada em nome feminino. Ela não dizia nada, porque, de alguma forma, aquele nome parecia funcionar como remédio alternativo: nos dias em que falava mais de Mariazinha, Ivan ficava mais calmo, menos agressivo, menos propenso a se fechar em silêncio absoluto.

Maurício, ao contrário, provocava:

— Então ela é de carne ou de vento, Ivan?

— É de tempo — respondeu o irmão, sem piscar. — E o tempo, Maurício, só parece carne quando a gente tá dentro dele. Fora... — ele fez um gesto de abrir as mãos — é vento.

Essas frases deixavam um rastro na casa, um incômodo que não se dissipava. A esquizofrenia de Ivan não se apresentava sempre como caos evidente; às vezes vi-

nha como lucidez deslocada, como se ele olhasse para um lugar ao qual só se tinha acesso por meio de metáforas. Ele construía conexões entre coisas distantes; um cheiro, uma palavra, o som de uma porta batendo, e falava delas como quem lê um mapa secreto.

Certa noite, Maurício sentou-se na varanda com ele. A rua estava vazia, e o poste mais próximo piscava intermitentemente. Ivan estava inquieto, mas não nervoso. Tocava o próprio rosto de tempos em tempos, como se confirmasse que ainda era ele.

— Ela passou por aqui ontem — disse de repente.

— Quem? — perguntou, embora soubesse a resposta.

— Mariazinha. Mas não me viu. Ou fingiu que não viu. Ela sabe que eu sei que ela sabe.

Ficaram em silêncio. Ele parecia ouvir algo muito distante, como um som que atravessava camadas.

— O que ela quer? — perguntou.

Ivan demorou a responder. Quando falou, foi num tom quase confidencial:

— Quer que eu vá com ela.

— Para onde?

Ele olhou de lado, como se a pergunta fosse absurda.

— Não é lugar. É hora. Uma hora que não chegou ainda. Mas quando chegar... vai ser terça-feira.

O raciocínio era típico dele: frases que pareciam nascer já ligadas a um código que só ele possuía. Maurício não sabia se a terça-feira era literal ou simbólica,

mas suspeitava que, para Ivan, essas distinções não importavam.

Alexandrina contou que uma vez, no meio da madrugada, encontrou o filho em pé diante do espelho, repetindo o nome dela:

— Mariazinha... Mariazinha...

Perguntou o que estava fazendo.

— Tô afinando a palavra — respondeu ele, sério. — Palavra desafinada atrai a pessoa errada.

A mente de Ivan funcionava como um quarto escuro onde apenas alguns objetos recebiam luz; e eram esses, e só esses, que ele descrevia. Não havia linearidade, não havia sequência lógica. Ele pulava de uma lembrança de infância para um comentário sobre o cheiro da rua, depois para um cálculo sobre o tempo que o vento levava para atravessar o quintal. Tudo se ligava de alguma forma que, de fora, nunca se conseguia seguir até o fim.

Certa vez, Alexandrina perguntou diretamente:

— Ivan, quem é Mariazinha?

Ele não respondeu logo. Caminhou até a cozinha, encheu um copo d'água, bebeu metade, voltou.

— Mariazinha é o nome que o silêncio usa quando quer falar comigo.

Ficou sem palavras. Naquele momento, teve certeza de que ele acreditava profundamente nisso; e, mais inquietante ainda, começou a se perguntar se não havia um fundo de verdade no que dizia.

Para um esquizofrênico como Ivan, a fronteira entre percepção e imaginação não era linha reta; era uma

rede de fissuras por onde passavam vozes, imagens, sensações. Ele não apenas ouvia ou via o que não estava lá; ele interpretava o mundo real por meio de um filtro tão próprio que qualquer tentativa de o corrigir parecia uma invasão. A psiquiatria moderna, com suas escalas e diagnósticos, talvez chamasse isso de delírio estruturado. Mas, ouvindo-o, tinha-se a impressão de que o delírio não era uma distorção, mas uma ampliação; dolorosa, sim, mas ainda assim uma ampliação, de algo que nós, no “mundo normal”, já havíamos perdido.

E Mariazinha era o centro dessa ampliação.

Ele falava dela sem desejo explícito. Ainda não havia romantismo, não havia narrativa de amor. Era mais como se ela fosse parte de uma equação necessária para que ele se mantivesse inteiro.

— Se Mariazinha parar de existir, eu também paro — disse uma vez, mexendo no caderno de anotações. — Não que eu morra... mas eu desmonto.

Maurício, ao ouvir isso, rebateu:

— E se ela nunca tiver existido?

Ivan sorriu, um sorriso breve, como quem escuta uma criança perguntar se o sol vai apagar.

— Então é pior ainda. Aí eu sou a parte que não existe.

Essas conversas ficavam martelando na cabeça de Alexandrina por dias. Porque, no fundo, não era possível provar o contrário. O que Mariazinha era: mulher, fantasma, delírio, metáfora; só podia ser decidido dentro de

Ivan. E talvez fosse esse o ponto: fora dele, a pergunta não tinha sentido.

Na última vez em que Maurício falou com ele sobre ela, estavam no quintal. Chovia fino. Ele olhava para as gotas caindo sobre a superfície da água acumulada num balde.

— Tá vendo? — apontou. — Cada gota é uma palavra. E Mariazinha é o som que sobra quando todas caem juntas.

— E o que sobra, Ivan?

Ele fechou os olhos.

— O vento... o mesmo que vai fechar a porta.

Saiu dali com a sensação de que tinha ouvido uma profecia, mas não sabia de quê. A mente dele não se abria para outros como confessorário, mas como embaraço. Um emaranhado onde cada curva podia ser saída ou beco. E Mariazinha estava em todas as curvas, mesmo quando não era mencionada.

No fundo, começaram a perceber que perguntar “quem é Mariazinha?” era inútil. A questão real era: “o que acontece com Ivan se um dia ela deixar de aparecer?”. E essa resposta, temiam, já estava escrita nele, em um lugar onde nenhum de ninguém podia entrar.

Mariazinha, real ou não, parecia a única fissura por onde entrava luz na cela invisível que cercava Ivan. E quando digo cela, não falo de paredes, falo de um espaço que o acompanhava para onde fosse, como se ele próprio fosse o seu carcereiro. Às vezes, nos raros dias de lucidez,

ele percebia que estava preso, mas em vez de procurar saída, passava a inspecionar as grades, como se quisesse decorar cada detalhe delas.

— Ela disse que não é pra abrir agora — falou uma vez, parado na soleira da porta, olhando para a rua como quem olha para um rio cheio.

— Abrir o quê, Ivan? — perguntou Alexandrina, já acostumada às respostas pela metade.

— A porta... a que fecha por dentro.

Ele não dizia mais nada. Caminhava até o quintal, mexia no caderno, riscava nomes de ruas, traçava setas que iam e voltavam sobre si mesmas.

Era nesses momentos que Alexandrina lembrava das histórias que circulavam pela vizinhança: a paixão não correspondida, a mulher que poderia ter sido Mariazinha, ou uma Mariazinha qualquer que nunca existiu, mas que servia para dar forma ao que não tinha explicação. Talvez fosse verdade, talvez não. Em Manaus, certas histórias sobrevivem justamente porque ninguém as confirma.

O que todos viam era o mesmo: Ivan andando pelas ruas, cumprimentando conhecidos pelo nome, entrando em conversas com a naturalidade de quem conhece o roteiro de cada esquina. E, de repente, sumindo. Podia passar dias assim, vagando, até reaparecer no portão de casa, magro, suado, com um brilho estranho no olhar, como se tivesse voltado de um lugar onde ninguém mais sabia chegar.

Foi por essa época que chegou notícias de que ele

havia sido visto discutindo com alguém no pátio de um colégio. A confusão atraiu atenção. Chamaram a polícia. Algemaram-no na frente de todos, como se fosse um criminoso. Alexandrina, envergonhada e furiosa, teve de explicar, mais uma vez, que ele não era perigoso, apenas diferente. Mas a cidade já tinha decidido como chamá-lo: “louco”.

Depois desse episódio, Ivan passou a passar mais tempo diante da Igreja de São Sebastião. No começo, assistia à missa das seis. Sentava-se sempre no mesmo banco, respondia às orações, e parecia absorver cada palavra. Depois, quando a doença começou a apertar mais, trazia a missa para a calçada, celebrando sozinho, repetindo o ritual inteiro de memória. Fazia o sinal da cruz, recitava as leituras, elevava as mãos como se segurasse um cálice invisível. Quem passava olhava com um misto de temor e piedade.

Maurício assistia a tudo de longe. Voltava dos bares, ainda com o gosto de cerveja na boca, e via o irmão diante da casa, braços erguidos, olhos fechados. Não dizia nada. Sabia que Ivan estava longe, mas de um jeito que nem a polícia, nem o médico, nem ele poderiam trazer de volta.

Alexandrina, cada vez mais cansada, via a cena e sentia o peso de duas certezas: que o filho estava preso numa realidade que não podia compartilhar, e que ela própria, com os joelhos inchados e a vista fraca, já não tinha forças para ser a guarda de uma porta que insistia em se fechar.

E assim, Mariazinha continuava aparecendo apenas na fala dele. Era a única que, segundo Ivan, sabia “o lado certo de abrir”. A única que poderia levá-lo para fora daquela prisão que ele carregava colada ao corpo. Mas, como sempre, “um dia” era a única data marcada.

A morte de Alexandrina não aconteceu de um dia para o outro; foi um lento desligar de lâmpadas, um enfraquecimento gradual do corpo que antes sustentara a casa inteira. Já idosa, com o andar cada vez mais cauteloso, passou a depender de gestos alheios para tarefas antes banais: alcançar um copo no armário, varrer o quintal, até contar as moedas no balcão da venda. A vizinhança, movida por uma mistura de afeto e piedade, uniu forças para garantir sua estadia no Asilo Dr. Thomas, um casarão antigo de paredes descascadas, onde o cheiro de remédio e desinfetante disputava espaço com o aroma de café fraco servido em canecas de alumínio.

Para Alexandrina, a ida ao asilo foi como atravessar um corredor longo demais: cada passo parecia uma despedida silenciosa da própria casa, do portão verde que conhecia os segredos de sua família, dos ruídos noturnos de Ivan caminhando sem rumo. Partiu com um pequeno baú: roupas modestas, um lenço bordado, uma foto desbotada de Maurício e Ivan ainda meninos e o olhar voltado para trás, como se temesse que a casa pudesse desaparecer assim que virasse a esquina.

Ivan, no entanto, não compreendeu a mudança como os outros. Para ele, a ausência da mãe significou mui-

to mais do que a falta de companhia; foi o colapso da última estrutura que ainda tentava, de algum modo, conter seu desvario. Alexandrina era a guardiã dos horários dos remédios; pílulas brancas, cápsulas coloridas, comprimidos amargos que ela separava em pequenos pires, com a disciplina de um monge zelando pelo altar. Ela anotava tudo num caderno de capa mole: 6h: comprimido azul; 14h: pílula branca; antes de dormir: o redondo amarelo. O ritual não tolerava falhas.

Sem essa presença, o tempo deixou de ter contornos claros para Ivan. As manhãs e as madrugadas se confundiram. Ora tomava os remédios em excesso, ora os esquecia por dias. O efeito era visível: episódios de agitação súbita, períodos de silêncio impenetrável, e aquela sombra de desconfiança no olhar, como se as paredes tivessem passado a tramar contra ele.

Por vezes, a agressividade se manifestava, não como fúria cega, mas como um impulso abrupto, sem premeditação. Alexandrina, mesmo fragilizada, chegara a sentir o peso de um empurrão, o toque ríspido no braço, a palavra áspera cuspidada sem filtro. Não eram ataques constantes, mas suficientes para deixar nos vizinhos um temor silencioso, aquele tipo de medo que não se nomeia para não se tornar sólido.

Curiosamente, havia no coração de Ivan um hábito que se mantinha intacto, como se resistisse ao turbilhão interno: a missa na Igreja São Sebastião. No começo, assistia à missa das seis. Sentava-se sempre no mesmo banco e parecia absorver cada palavra. Sabia de cor as

orações, as respostas, as pausas. Não precisava do folheto, nem dos sinais do padre; seu corpo parecia reagir sozinho, ajoelhando, erguendo-se, cruzando-se no tempo exato. Os fiéis o observavam de soslaio, alguns com certo respeito, outros com desconfiança. Era difícil ignorar a intensidade com que ele mergulhava no ritual, como se cada palavra dita fosse a última que diria no mundo. Depois, quando a doença começou a apertar mais, trazia a missa para a calçada, celebrando sozinho, repetindo o ritual inteiro de memória.

A cena era insólita e, ao mesmo tempo, estranhamente comovente. Ivan posicionava-se na calçada, como se estivesse diante de um altar invisível. Fazia o sinal da cruz, murmurava as orações na sequência correta, recitava leituras que ninguém lhe dera, como se as lesse de um livro suspenso no ar. Erguia as mãos no momento exato da consagração, pausava para o silêncio da comunhão, e depois encerrava com a bênção final, traçando o sinal da cruz sobre uma assembleia imaginária.

Alexandrina, cada vez mais cansada, via a cena e sentia o peso de duas certezas: que o filho estava preso numa realidade que não podia compartilhar, e que ela própria, com os joelhos inchados e a vista fraca, já não tinha forças para ser a guarda de uma porta que insistia em se fechar.

Maurício assistia a tudo de longe. Voltava dos bares, ainda com o gosto de cerveja na boca, e via o irmão diante da casa, braços erguidos, olhos fechados. Não dizia nada. Sabia que Ivan estava longe, mas de um jeito que nem

a polícia, nem o médico, nem ele poderiam trazer de volta.

E talvez fosse aí que morasse a chave do enigma de Ivan: ele não encenava. Ele vivia aquilo. Na sua lógica interna, o altar era tão verdadeiro quanto o muro da Praça do Congresso que guardava as marcas do seu corpo. A missa não era um faz-de-conta; era a repetição de um ato necessário, talvez para manter o caos à distância, talvez para provar a si mesmo que ainda havia uma ordem possível no mundo.

O curioso é que ele sabia todo o rito do princípio ao fim, sem hesitação, sem tropeço. E não o fazia com deboche, mas com uma seriedade que constrangia os olhares curiosos. Para alguns vizinhos, a cena despertava medo: havia algo de imprevisível no olhar de Ivan, uma intensidade que podia tanto ser ternura quanto tempestade. Para outros, despertava compaixão: era como se aquele homem, perdido em suas próprias fronteiras, ainda buscasse, desesperadamente, uma ordem que lhe desse sentido.

Apesar de tudo, era querido. As crianças, embora alertadas a manter distância, seguiam-no com o olhar. Alguns comerciantes separavam um pão ou uma fruta para ele. Havia quem parasse para ouvir um fragmento de suas falas, misto de lucidez e delírio, e saísse dali com a estranha sensação de ter recebido um conselho.

A verdade é que, nos primeiros sinais do problema, não houve tratamento. Não por descaso absoluto, mas por aquela mistura perversa de falta de recursos, desco-

nhecimento e negação. A doença só foi diagnosticada mais tarde: esquizofrenia. Palavra que soou, para alguns, como sentença; para outros, como explicação tardia para algo que já não precisava de nome.

O bairro aprendeu a conviver com Ivan como se convive com um rio: havia dias de calmaria, em que ele caminhava tranquilamente, cumprimentava, aceitava um café; e havia dias de cheia, quando a correnteza arrastava tudo, e era preciso fechar as portas, esperar que a água baixasse.

No Asilo Dr. Thomaz a velhice era um estado de espera. Os corredores guardavam uma penumbra úmida, e o eco dos passos se misturava a tosses abafadas, rádios de pilha tocando hinos antigos e a voz de alguma enfermeira chamando pelo nome de um interno. As paredes ostentavam quadros religiosos: a Virgem Maria, São José, o Sagrado Coração, pendurados ligeiramente tortos, como se até a fé ali estivesse um pouco desalinhada.

Alexandrina, com seu corpo frágil e andar hesitante, passava os dias ora sentada no banco da varanda, ora no quarto coletivo com mais três mulheres. Conversava pouco. Olhava muito. E era nesse olhar que os vizinhos percebiam a ausência maior: a preocupação com Ivan, que não estava ali, que talvez estivesse esquecendo de tomar os remédios, que talvez estivesse vagando pelas ruas.

Para Ivan, a ida da mãe ao asilo não tinha contornos nítidos. Ele sabia que ela não estava mais em casa, mas

não compreendia, ou não aceitava, que fosse para sempre. Certa vez, ele apareceu no portão do Dr. Thomaz, como um visitante improvisado, sem horário marcado. Ficou ali, parado, observando o prédio com o cenho franzido, como se tentasse adivinhar em qual janela ela apareceria. Depois, chamou por ela no meio da rua, como se ela pudesse ouvi-lo através da distância e dos muros.

A presença dele no portão causou uma inquietação sutil nos funcionários. Havia algo no seu modo de olhar que não pedia licença, que atravessava as formalidades. Ele não era hostil, mas também não era dócil.

Entre os vizinhos, o nome de Ivan circulava carregado de dois sentimentos que raramente convivem sem se repelirem: medo e afeto. O medo não era do tipo que empurra para a violência, mas aquele medo instintivo, que se manifesta na hesitação de cruzar a rua, no cuidado em manter certa distância. Afeto, porque havia nele uma vulnerabilidade quase infantil, uma necessidade de reconhecimento que se revelava nos raros momentos em que aceitava um gesto de gentileza, um copo d'água, uma palavra amistosa.

Era difícil decifrar quando a fronteira entre esses dois sentimentos se deslocaria. Bastava um dia ruim para que o humor dele mudasse abruptamente: os olhos se estreitavam, a voz se tornava cortante, e o corpo, rígido. Em outros dias, era capaz de cumprimentar, sorrir até, com uma memória que surpreendia até os mais céticos.

A esquizofrenia, no bairro, era um rótulo que se co-

chichava no balcão da venda, na fila do açougue, no banco da praça. Para uns, era “transtorno”; para outros, “mal de cabeça”; para alguns, apenas “coisa de louco”. A ciência, ali, chegava sempre tarde e de segunda mão, traduzida em ditados e crenças, misturada a superstições que davam mais conforto do que esclarecimento.

Com Ivan, a doença não tinha data de início clara. Para a vizinhança, ele “sempre fora assim”, o que era injusto e, ao mesmo tempo, cômodo. Não exigia explicações, não convocava responsabilidades. Bastava atribuir sua excentricidade a uma “coisa que já vinha de família” e seguir o dia. No entanto, havia algo na sua presença que não se encaixava no estereótipo do louco perigoso. Ivan não era uma ameaça constante. Ele era, antes, uma presença inquietante, alguém que podia cruzar a rua com um olhar vago ou ficar parado diante de uma parede por longos minutos, como se esperasse uma revelação.

Era na área central de Manaus, sobretudo na rua Simão Bolívar, que ele existia: nunca plenamente acolhido, mas tampouco inteiramente rejeitado. Vivia num entrelugar, reconhecido o bastante para ser lembrado, estranho o suficiente para permanecer à margem. Um limbo social onde medo e afeto se misturavam. As crianças, ao crescer, herdavam dos pais as mesmas instruções: “Respeite o Ivan, mas não chegue muito perto.” E, assim, aprendiam a calibrar a distância, longe o bastante para evitar um gesto brusco, perto o suficiente para manter o pacto tácito de vizinhança.

Quando Alexandrina morreu, a notícia não veio como um estampido, mas como uma maré que avança lenta e irrefreável. O Asilo Dr. Thomaz ligou para a casa de uma vizinha, que, por sua vez, percorreu o corredor de portões até avisar Maurício, e este, já sem o hábito de se demorar na Simão Bolívar, recebeu a notícia com um aceno mudo. Alexandrina se fora numa madrugada, entre o respirar raso e o silêncio absoluto. A causa, diziam, era a soma de tudo: idade, fragilidade, aquele desgaste silencioso que corrói os velhos até que já não reste força para amanhecer.

Para Ivan, a morte da mãe não foi anunciada, foi sentida. No dia em que ela partiu, ele não foi visto na calçada, nem na missa de rua. Permaneceu trancado, segundo alguns vizinhos, murmurando palavras incompreensíveis, andando de um canto a outro como um animal em jaula. Quando enfim apareceu, dias depois, seus olhos pareciam carregar uma ausência maior, um espaço vazio que não era apenas de dor, mas de desorganização. Sem a mãe, a frágil rotina que ainda se mantinha, mesmo com lapsos e explosões, dissolveu-se de vez.

Maurício, o irmão, já mantinha um pouco de distância. Seu afastamento não era feito de ódio declarado, mas de uma lenta erosão de laços. A vida dele seguia noutras ruas, noutras mesas de bar, noutros endereços onde Ivan não cabia. O reencontro entre os dois, no velório de Alexandrina, foi breve. Maurício entrou, olhou para o caixão, trocou poucas palavras com vizinhos e não se demorou. A presença de Ivan, ora sentado num canto,

ora circulando pelo espaço como se procurasse algo, parecia incomodar. Não houve abraço, não houve conversa significativa. Apenas o cumprimento formal de quem compartilha um mesmo passado, mas não mais um presente.

A partir dali, Ivan passou a viver em um território cada vez mais estreito: as ruas, a calçada, o muro da Praça do Congresso, os bancos de praça... Os vizinhos, embora solidários em gestos esporádicos, não conseguiam substituir o cuidado diário que Alexandrina lhe oferecia. Alguns o chamavam para comer, mas a própria doença filtrava esses gestos, transformando-os em intrusão ou ameaça.

E assim, Ivan tornou-se, para o bairro, uma espécie de espelho. Não mostrava apenas a fragilidade dele, mas a incapacidade coletiva de lidar com aquilo que não cabe na rotina; o desajuste, o sofrimento mental, a loucura que não se encaixa nas gavetas da caridade fácil. O medo e o afeto permaneceram, mas com a mãe morta e o irmão distante, algo mais se acrescentou: a certeza de que, a partir dali, Ivan estava por conta própria.

Na calçada, a missa continuou, mas havia dias em que se via um traço de cansaço. O gesto do sinal da cruz era mais lento, a voz mais baixa, as pausas mais longas, como se, no íntimo, ele começasse a perceber que o altar imaginário já não sustentava tanto peso. Ainda assim, seguia. Porque talvez, para ele, deixar de celebrar fosse o

mesmo que admitir que o mundo havia se tornado irreparável.

Maurício morreu anos depois da mãe, numa manhã abafada de 30 de março de 2006. No prontuário do Hospital João Lúcio, a causa estava registrada com frieza burocrática: falência múltipla de órgãos e sistemas. Tinha sessenta e sete anos. Já era aposentado. Casara-se no papel apenas dois anos antes, numa união tardia.

Sua trajetória, comparada à do irmão, parecia a de alguém que conseguira escapar de um destino certo, mas não sem pagar o preço de carregar um fardo invisível. Ao longo dos anos, Maurício mantivera-se à margem da vida de Ivan, ora por medo, ora por exaustão. O convívio com o irmão, desde cedo, fora marcado por um misto de curiosidade e cautela. Na infância, partilhavam fugas e brincadeiras; na juventude, começaram a trilhar caminhos que se afastavam como trilhos em bifurcação.

Maurício enfrentou seus próprios problemas, não tão visíveis quanto os de Ivan, mas ainda assim corrosivos. Um histórico de saúde frágil, crises de desânimo, dificuldades financeiras intercaladas com períodos de trabalho pesado. Quando conseguiu a aposentadoria, parecia ter conquistado um porto seguro, mas a vida já lhe cobrava uma conta alta. No final, com o casamento, encontrou uma companhia estável, ainda que por pouco tempo.

No bairro, sua figura nunca teve a força mítica de Ivan. Era lembrado como um homem que raramente se

demorava em conversas. Os vizinhos notavam sua presença nas idas à feira, nas passadas rápidas pela rua, sempre com um ar de quem carrega compromissos urgentes, mesmo quando não havia urgência alguma.

A distância entre os irmãos nunca foi formalmente decretada; foi se dando por omissões sucessivas. Não havia rompimento declarado, mas também não havia reencontros significativos. Quando Alexandrina morreu, já era visível que a ligação entre eles tinha se tornado mais lembrança do que vínculo.

No hospital, seus últimos dias se perderam na rotina silenciosa dos corredores: enfermeiras medindo pressão, médicos atualizando prontuários, familiares aguardando na sala de visitas. Ivan não esteve presente. Talvez nem soubesse com clareza o que acontecia. Talvez, no seu mundo particular, Maurício já estivesse ausente há muito mais tempo.

A morte de Maurício não alterou o curso da vida de Ivan de maneira visível. Não houve luto formal, nem gesto de ruptura. Mas, para quem observava de perto, parecia que mais um fio havia sido cortado, um dos poucos que ainda ligavam Ivan a um passado compartilhado.

A saída de Ivan para as ruas não aconteceu num único dia, como um gesto calculado, mas como um escoamento lento. Primeiro, começou a passar mais tempo fora de casa do que dentro. Depois, a casa deixou de ser porto e tornou-se apenas uma estação de passagem. Até que, por fim, deixou de voltar.

Não foi despejado nem expulso. Foi a própria lógica interna que o conduziu. Talvez porque, com a morte do pai, da mãe e a ausência de Maurício, não houvesse ninguém para chamá-lo de volta, nem para organizar seus remédios, nem para lhe preparar uma refeição no horário. Ou talvez porque a rua, com sua imprevisibilidade e vastidão, se tornara o único espaço que combinava com o fluxo desordenado de seus pensamentos.

As praças, antes ponto de passagem, tornaram-se território. A Praça do Congresso, e o muro já marcado pelos choques de Ivan, era como um altar e, ao mesmo tempo, um confessionário. A Praça São Sebastião, com as pedras do calçamento refletindo a luz dos postes, servia de descanso em algumas tardes. A Na Praça da Saudade, Ivan sentava-se por horas, às vezes sozinho, às vezes próximo de figuras que, como ele, viviam à margem.

Foi nesse período que surgiu o caderno. Com folhas amareladas, sujas, pelo manuseio constante. Não se sabia de onde viera; talvez dado por algum estudante, talvez encontrado no lixo. O certo é que se tornou extensão de sua própria voz.

Ivan escrevia. Às vezes legível, às vezes não. As cartas, como ele as chamava, tinham uma destinatária certa: Mariazinha.

O caderno era, ao mesmo tempo, diário e abrigo. Nele, Ivan organizava um pouco do caos que carregava por dentro. Quando escrevia, parecia menos agitado, como se cada palavra arrancasse um peso da cabeça. Guar-

dava-o com zelo, enrolado num saco plástico quando chovia, e carregava-o sempre junto ao corpo.

A rua, no entanto, não era apenas palco de contemplações. Era também território de risco. Houve noites em que Ivan foi alvo de zombaria de rapazes embriagados, madrugadas em que precisou disputar um pedaço de banco com outros desabrigados, e dias em que suportou o sol e a fome até encontrar alguma alma caridosa.

Com o tempo, a figura de Ivan tornou-se parte inseparável da paisagem urbana manauara. E, no silêncio irregular das noites da cidade, suas cartas iam se acumulando.

Foi numa dessas tardes abafadas de Manaus que ele se sentou num banco da Praça da Saudade. Estava inquieto. As mãos tremiam como se tentassem segurar um pensamento que escapava. Escreveu mais uma carta para Mariazinha, fechou o caderno, e permaneceu um tempo com o olhar perdido na direção das árvores, como se conversasse com algo que ninguém mais via.

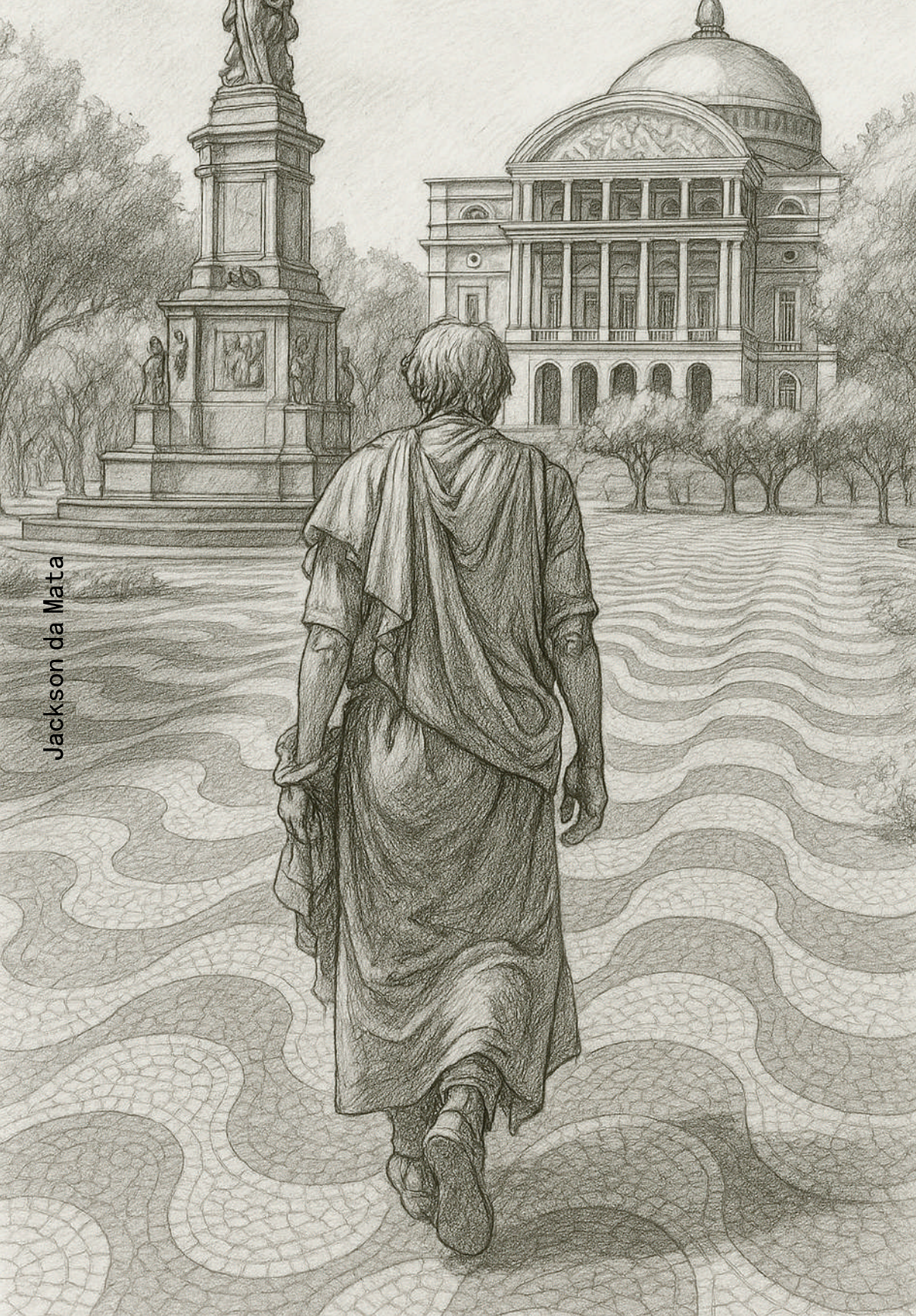
De repente, levantou-se bruscamente, impelido por uma urgência invisível. Cruzou a praça com passos apressados, murmurando para si mesmo, as mãos ora fechadas em punho, ora abertas como quem afasta algo do rosto. Não percebeu que, no movimento rápido, o caderno escorregara do colo e ficara no banco, aberto na última página escrita.

Minutos depois, passei por ali. Sentei-me no mesmo banco. Foi impossível não notar o caderno esquecido, as folhas amareladas agitadas pelo vento quente. Ao

folheá-lo, encontrei as primeiras linhas para Mariazinha. Naquele instante, sem saber, eu estava entrando no território de Ivan, um território feito de palavras, silêncios e uma urgência de existir.

E assim, o objeto que fora a extensão de sua voz passou às minhas mãos. Eu não sabia, mas aquela tarde não era apenas o começo de uma busca. Era também o ponto em que duas histórias se encontravam: a de Ivan, que já se escoava para as ruas, e a minha, que passaria a carregá-lo em palavras.





Remate

Talvez o maior engano tenha sido acreditar que este livro, ao ser lido até o fim, traria algum tipo de explicação. Como se cada página virada fosse uma chave girando, e ao final, a porta se abrisse para um cômodo iluminado, arejado, onde todas as peças se encaixassem. Não é assim. Nunca foi.

Ivan, afinal, não se resolve. Nem com diagnóstico, nem com biografia, nem com a piedade tardia que o leitor possa nutrir. Ele permanece onde sempre esteve: num entrelugar feito de sombra e luz, de lucidez e delírio, de nome e anonimato. Um lugar onde a lógica se dissolve como sal na água, e as certezas escorrem para frestas invisíveis.

Ao chegar aqui, talvez o leitor perceba que segurou o mesmo caderno que eu segurei; pesado, gasto, impregnado de silêncio. E que, ao folheá-lo, sentiu a mesma estranha sensação: a de que cada palavra escrita por (sobre) Ivan é, na verdade, uma nota deixada para si próprio.

Mas há um perigo em carregá-lo. Todo documento é, antes de mais nada, um registro de culpa. Quem lê, carrega. Quem carrega, responde. Não diante de um tri-

bunal, mas diante de si mesmo, nas madrugadas insônes, quando o rosto de Ivan reaparece não como personagem, mas como acusação.

Porque o livro não termina aqui. Ele continua cada vez que um rosto como o de Ivan cruza a rua e nós desviamos o olhar. Continua quando preferimos o conforto da metáfora à aspereza da carne. Continua, e talvez seja esse o infortúnio: compreender que, no fundo, Ivan não é exceção.

Ele é apenas a parte visível de algo que também vive em nós.

E, como toda verdade incômoda, essa também não se apaga depois da última página.

— **Jackson da Mata**





Embora este livro seja inspirado na vida de Ivan, ele é, acima de tudo, um misto de realidade e ficção. Foi escrito em homenagem ao mendigo mais célebre de Manaus, e a todos os desvalidos, cujas histórias silenciosas ecoam nas ruas da cidade, com profundo respeito e compaixão. Que estas palavras possam servir como uma janela para suas vidas frequentemente invisíveis e um apelo à sociedade para enxergar aqueles que o tempo deixou para trás. Que a intensidade da empatia cintile sobre todos vocês.



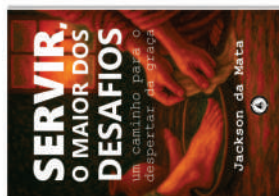


JACKSON DA MATA

é escritor, pesquisador e editor de livros, com ênfase em ensaios, crônicas, contos e romances. Nascido em Manaus, em 1983, onde foi criado. Atuou em ONG missionária de cunho social. A partir de 2015, passou a trabalhar no ramo editorial, tendo publicado livros de centenas de escritores brasileiros. Idealizou e coordenou prêmios literários com ótimos engajamentos e organizou diversas coletâneas literárias, reunindo mais de mil autores em suas antologias. Autor de obras em gêneros variados — como romance, novela, conto, ensaio, crônica e literatura cristã —, entre seus títulos estão *A Próxima Cartada*, *O Escalpo da Ribeirinha*, *Questões Profundas de Propósito e Significado* e *10 dicas úteis para sermos eternos inúteis*. Seu trabalho busca transformar observações cotidianas em narrativas envolventes, acreditando no poder da literatura para repensar o mundo.

Outros livros de Jackson da Mata

www.bravasletras.com.br



www.portodelenha.com



Gostou da leitura de *O Caderno de Ivan: o mendigo que socava o rosto*? Sua opinião é muito importante! Avalie o livro no Skoob acessando o QR Code acima.

E se você deseja garantir o exemplar físico para ter em sua estante, ou conhecer outros livros do mesmo autor, acesse o site:

www.bravasletras.com.br

Contatos com o autor:

www.instagram.com/jacksondamata

jacksondamata@gmail.com

Nas ruas de Manaus, havia um homem que chamava a atenção por um gesto insólito: socava o próprio rosto em plena via pública. Mendigo, diriam uns; louco, diriam outros. E, no entanto, mais que rótulo, tornou-se presença incômoda, quase espectral, no cotidiano da cidade.

Este livro não se oferece como narrativa com começo, meio e fim, mas como vestígio. O rastro de uma vida que não se ajustou às medidas da normalidade; se por escolha ou condenação, pouco importa, já que o resultado é o mesmo. Chamava-se Ivan. Numa tarde abafada, deixou cair, talvez por distração, um caderno gasto, coalhado de cartas dirigidas a uma tal Mariazinha. Ignora-se se a destinatária existiu; certo é que, desde então, o objeto passou às minhas mãos como um segredo alheio, desses que pesam mais na consciência do que pelo papel.

